

CARTER VENCEU FORD NO DEBATE PELA TV

WASHINGTON, 24 — (ANOP) — Graças à sua melhor técnica «televisiva», Jimmy Carter o candidato democrático à presidência, derrotou ontem à noite o presidente Gerald Ford no seu primeiro debate transmitido pela televisão, visto por mais de cem milhões de norte-americanos.

Com menos doze anos do que o seu opositor, Carter pareceu ainda mais jovem perante as câmaras, em contraste com a presença mais pesada de Ford, apresentando mais do que os seus 63 anos.

O contraste físico agudizou-se ainda mais no momento de apresentar os seus pontos de vista. Carter defendeu-se perante as câmaras com mais vivacidade, esboçando um sorriso entre os diversos argumentos, o que tornava mais fácil «digerir» o grande número de estatísticas e percentagens com que apoiava as suas teses.



Gerald Ford: derrota ao primeiro «round» (televisivo)

Entretanto Ford não conseguiu superar a desvantagem do seu aspecto físico, ao baixar os olhos para o jornalista, que

fazia as perguntas em vez de olhar directamente para as câmaras.

Para a maioria dos espectadores, estes pormenores foram o ponto mais importante do debate, porque as discussões foram de nível tal que talvez nem os economistas mais especializados tenham conseguido acompanhar a profundidade do debate.

Os dois candidatos apareceram perante as câmaras como se se tratasse de alunos com a lição bem aprendida, ofuscando os professores com um excesso de cifras e números, impossíveis de assimilar num debate tão rápido.

Para o norte-americano médio que conseguiu «aguentar» a constante litania de números empregue por ambos os candidatos, a única alternativa era observar os rostos e os gestos dos intervenientes no debate.

Carter parece levar agora a dianteira junto do eleitorado norte-americano, em especial o feminino, para quem os seus olhos azuis podem ser mais atraentes do que todos os seus programas de auxílio aos trabalhadores.

Ford surgiu com um aspecto de cansaço e com umas olheiras tais que nem a maquilhagem as conseguiu disfarçar.

Também a posição das mãos, ajudou Carter. Enquanto este adoptou uma posição mais elegante, com as mãos juntas e os dedos enlaçados, Ford agarrou a mesa com os dois braços.

O presidente Ford e Carter travarão um segundo debate, sobre política externa e questões de defesa, a 6 de Outubro, em San Francisco.

Ford e Carter encontrar-se-ão para um terceiro e último debate a 22 de Outubro, em local ainda a escolher.



Carter: os olhos azuis valeram-lhe as simpatias femininas no debate televisivo com Gerald Ford

CARDEAL AO "FIGARO"

Revolução não prejudicou Igreja

PARIS, 24 — (R) — O cardeal António Ribeiro, arcebispo de Lisboa, declarou numa entrevista publicada em Paris que a revolução portuguesa havia sido benéfica para os católicos de Portugal e não prejudicou a Igreja.

Afirmou ao jornal «Le Figaro»: A revolução não afectou a Igreja. Provocou o acordar da consciência cristã e deu um significado à liberdade. Houve um renascimento nas comunidades e organizações cristãs existentes.

O cardeal Ribeiro disse que problemas anteriores entre a Igreja e o Estado estavam agora solucionados. «As relações são normais. Os problemas anteriores como os da ocupação de centros eclesiais e da Rádio Renascença já estão solucionados».

O cardeal acrescentou que a Igreja se mantinha afastada da política portuguesa e tinha intervido apenas para defender a liberdade de informação, de ensino e o direito de participar em actividades sindicais.

Ian Smith cede à maioria negra

«A Rodésia aceitou a proposta de Kissinger de entregar, dentro de dois anos, a governação do país à maioria negra» — eis o essencial de um «telex» da Reuter que transcreve afirmações de um elemento governamental.

Efectivamente o «Caucus» (Comité Executivo Restrito do Partido Governamental, a Frente Rodésiana) aceitou a solução preconizada por Kissinger, devido a «não haver possibilidade de escolha».

Adopta assim a Frente Rode-

siana uma posição análoga à que na passada quarta-feira fora aprovada pelos ministros de Ian Smith.

Ian deve informar hoje toda a nação sobre a decisão tomada, durante um discurso a transmitir pela Rádio e Televisão cerca das 18 horas locais.

De acordo com fontes governamentais, a decisão trazida de Pretória por Ian Smith no passado domingo ter-se-ia tornado inevitável e imperativa devido às «fortes pressões» exercidas pelo primeiro-minis-

tro sul-africano, John Vorster, as quais teriam nomeadamente tomado a forma de ameaça de encerramento das últimas vias rodésianas de acesso ao mar através do território da África do Sul.

Ian Smith disse entretanto à imprensa que a decisão é «perfeitamente clara» e que «não deixará dúvidas no espírito de ninguém». Afirmou também que «não acreditava que fosse necessário realizar outra reunião com Henry Kissinger».

«BLACK POWER»

Pela primeira vez nos anais sul-africanos, o centro de Joanesburgo, metrópole dos negócios e do ouro no subcontinente austral, foi palco de violentos combates raciais.

Os recontros opuseram militantes pretos, polícias e civis brancos, alguns dos quais se

Continua na pág. 20

20 PÁGINAS

REDE BOMBISTA

«D.L.» esteve na terra do comendador Oliveira

A meio da freguesia, na rua principal estão os restos da casa destruída à bomba. São quatro paredes apenas. Negras, cheias de fendas. «Foi a noite mais negra da minha vida», disseram-nos. Jamais o povo de S. Martinho do Campo, poderá esquecer o crime pago com 30 contos. Em S. Martinho do Campo, terra do comendador Oliveira, preso em Caxias, há operários a quem o peso da exploração libertou a consciência, e ante as tentativas de ilibação da-quele industrial comentam: «Se se fosse um pobretana qualquer, já estava mais que condenado!»

S. Martinho do Campo. Uma igreja. Cinco cafés. Duas associações recreativas. Escolas insuficientes. Um campo de futebol com as medidas máximas. E contíguo à freguesia o céle-

bre convento de Sinjevega, bom consumidor do pas-quim «A Rua» (falaram-nos em mais de duas dezenas por semana). Além disto, duas realidades bem demarcadas: as 12 fábricas onde trabalham os operários e a estalagem onde só entram os «senhores». Como tem sido noticiado, Abílio de Oliveira, um dos grandes industriais da freguesia, está detido por implicação directa no bombismo. Impendem sobre ele acusações (bastante pormenorizadas) de ter ordenado e financiado a colocação de várias bombas — caso da que destruiu esta casa que se vê na imagem e que matou uma mulher. Pois há forças que se mexem já para que ele seja libertado, seguindo-se Mota Freitas e os restantes. Será isto possível?

(Pág. 8)



A casa destruída à bomba em S. Martinho do Campo. No atentado, recorda-se morreu uma senhora

Nacional

Política de A a Z

LEGALIDADE DEMOCRÁTICA

Aos Governadores Cívicos que empossou, o ministro da Administração Interna solicitou isenção partidária e incumbiu-os de se empenharem na consolidação do Estado democrático, de se constituírem garantes dos direitos fundamentais dos cidadãos, de se preocuparem com «assegurar as condições necessárias ao primado da legalidade democrática consignada na Constituição da República». Este programa de acção deverá ser levado às suas últimas consequências. A «legalidade democrática» de que fala o tenente-coronel Costa Brás não é compatível com o escândalo do terrorismo consentido. Consentido — é, hoje, o menos que se poderá dizer. Andar-se a brincar com o fogo, e a jogar com a «divisão dos poderes» num Estado formalmente democrático e que resulta burocraticamente indefeso. As redes terroristas foram detectadas e atingidas pela acção policial. Mas... Os portugueses interrogam-se. O Governo não pode ter duas linguagens e duas medidas. A defesa da legalidade democrática é prioritária. E por mais importante, dedicada e empenhada que venha a ser a acção dos Governadores Cívicos na defesa da legalidade democrática, a própria «ordem democrática» encontra-se sem dúvida desprestigiada e até fisicamente ameaçada enquanto a subversão da «direita», a propaganda insultuosa, a intriga diversionista, o terrorismo destruidor e sanguinário forem consentidos. E falamos de «consentimento» pensando nas investigações que não prosseguem, nos processos sem sequência judicial ou esquecidos, na campanha persistente contra homens que trabalharam ou trabalham para desmantelar a rede terrorista. Pensamos na campanha sinuosa e obstinada para desmoralizar os agentes das polícias, para intimidar, para sabotar as investigações. Pensamos em pressões da Imprensa e não só. Pensamos na mitologia jurídica da «separação dos poderes» quando urge criar um instrumento democrático actuante para defender a «ordem democrática».

A «legalidade democrática» não poderá ser utilizada contra a «ordem democrática», não poderá ser utilizada para cobrir e encobrir a subversão da «direita».

UM PORTUGUÊS COM MEDO

No correio de hoje recebemos uma carta em que nos falam do «caso dos bombistas». O correspondente lamenta recorrer ao sistema da «carta anónima». No lugar da assinatura, a legenda: «um Português com Medo». E este é o problema e o drama: há Portugueses com medo. Há Portugueses que dois anos e meio decorridos sobre a data histórica do 25 de Abril de 1974 voltaram a ter medo. Eles vêm libertar sem julgamento os agentes da Pide-D.G.S.; eles vêm adiar o esclarecimento das circunstâncias em que foi assassinado o general Humberto Delgado; eles vêm reintegrar servidores do fascismo em situações que lhes permitirão sabotar a própria «ordem democrática»; eles vêm entregar a apreciação de processos importantes a juizes que nunca deram prova de apego aos ideais democráticos; eles vêm que passaram de armas, detentores de explosivos e bombistas andam em liberdade. Natural é, portanto, que tenham medo de assinar um desabafo, de firmar uma declaração. As cartas com ameaças e os telefonemas de terror são moeda corrente. A distribuição e afixação de propaganda fascista é frequente. Não estranhemos que o nosso correspondente tenha medo. Lamentamos, apenas, que novamente os Portugueses tenham medo da «direita fascista» e que esta carta, porque anónima não possa ser levada em conta. Claro que o «encontro» de que o nosso correspondente fala é mais um indicio dos «desencontros» que permitem este clima de insegurança que é adverso à estabilização da «ordem democrática».

ISENÇÃO PARTIDÁRIA

Recomandando aos Governadores Cívicos, na sua qualidade de representantes locais do Governo, o dever de se pautarem pela «isenção partidária», o ministro da Administração Interna exprimi mais do que uma necessidade administrativa, um postulado político cuja observância se impõe na iminência das eleições para as autarquias locais. Aplaudindo esta recta intenção, permitam-se-nos que estranhemos o facto de, com uma excepção ao que nos parece, os Governadores Cívicos serem filiados ou simpatizantes do Partido Socialista. A «isenção partidária», que deverá ser de regra no exercício do cargo, deveria começar pela «isenção partidária» da parte do Governo que se reflectisse na escolha isenta dos cidadãos chamados à função de Governadores Cívicos. Salvo melhor entendimento eles representam nos distritos o «Governo constitucional» e não o «Governo do Partido Socialista».

Parece-nos que a institucionalização da vida democrática nos termos da Constituição da República, implica uma revisão das funções dos Governadores Cívicos e até da legitimidade democrática de tal função se a regionalização, descentralizada, desconcentrada e desburocratizada, fizer o seu caminho. Mas enquanto existir essa reprodução a papel químicamente «perfeitos» franceses, não há que lhes atribuir missão partidária. Representantes do Governo; não representantes do partido político que está no Governo. A «despartidarização» da função, a que visa a recomendação do ministro da Administração Interna, poderá ser prejudicada pela designação exclusivamente partidária dos Governadores Cívicos. A institucionalização da vida democrática pressupõe uma co-eracção isenta na defesa e prossecução da «ordem constitucional». Fidelidade à Constituição, é de exigir. Subordinação partidária, não é de exigir.

A PARTIR DE 1 DE JANEIRO

Comboios suburbanos vão ter classe única

A partir do próximo dia 1 de Janeiro os comboios suburbanos vão ter classe única. A decisão (governamental) foi ontem anunciada pelo ministro dos Transportes e Comunicações, Rui Vilar, à porta de S. Bento e à entrada para uma reunião do Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos. Segundo o ministro, a medida liga-se a razões de ordem social e tem em vista uma melhoria dos serviços. Mantém-se entretanto a decisão relativa ao aumento de tarifas, e os novos preços devem entrar em vigor já no próximo dia 1 de Outubro. «A alteração tarifária — disse Rui Vilar — estava prevista ainda na vigência do VI Governo Provisório e é consequência do agravamento de custos que vieram do passado e causaram grandes défices às empresas de transportes. Estamos a trabalhar na reestruturação do sector — garantiu — e, das acções programadas, umas serão anunciadas ainda durante o ano e outras no próximo ano».

Ainda sem confirmação oficial, prevê-se que os aumentos elevarão os preços do Metro-politano para 5\$00 (tarifa uni-

ca) e da Carris para 2\$50, 4\$60 e 7\$50 (uma, duas, três ou mais zonas).

Outro tema em debate num âmbito ligado aos transportes: os horários. Segundo Rui Vilar, ainda, os Ministérios do Trabalho e da Administração Interna «estão a trabalhar de acordo com estudos realizados, no sentido de se conseguir, com o acordo dos interessados, um desfazimento dos horários que atenuem as horas de ponta, visto que temos capacidade de transporte suficiente para transportar todas as pessoas que actualmente se deslocam e, se houver um desfazimento evitando a coincidência das horas, a capacidade chega e sobra para transportar toda a gente, o que não chega à para transportar toda a gente à mesma hora. Isto será uma melhoria muito sensível».

DECISÕES DO CONSELHO ECONÓMICO

Entretanto, da reunião do Conselho Económico, a que presidiu o Primeiro-Ministro, Mário Soares, resultaram algumas decisões de relevante interesse. De acordo com um co-

municado emitido no final da reunião foram aprovados diversos diplomas. Pontualmente, e de acordo com a ordem de trabalhos que presidiu à reunião, o Conselho aprovou um diploma regulando o novo estatuto da empresa pública Fábrica-Escola Irmãos Stephens (da Marinha Grande); outro relativo à Constituição de um gabinete técnico de fomento da cultura de baterraba açucareira (que funcionará no M.A.P.); um decreto-lei autorizando as instituições de crédito nacionalizadas a exercerem o comércio de câmbio no continente e nas ilhas adjacentes sem necessidade de prestação de caução; um diploma sujeitando à autorização do ministro das Finanças a instalação de escritórios de representação de bancos estrangeiros funcionando em Portugal; uma resolução que pede a declaração de falência de Tinturaria Portuguesa; outra resolução remetendo para a Secretaria de Estado da Construção Civil a coordenação das acções necessárias ao desenvolvimento e racionalização da construção civil.

Aparte estas decisões, o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos ouviu uma exposição do governador de Macau, coronel Garcia Leandro; outra exposição sobre a situação na Previdência (o tema continua em discussão na próxima reunião), e iniciou a apreciação de «dois importantes diplomas que vêm regulamentar o estatuto do Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e do Instituto de Desenvolvimento da Mão-de-Obra».

Rebocadores para Sines

O contrato de adjudicação da construção de quatro rebocadores aos estaleiros navais da Figueira da Foz (Foznav) será assinado a meio da tarde de amanhã, na delegação em Lisboa do Gabinete da Área de Sines. De acordo com o que a ANOP noticia, estarão presentes na cerimónia os secretários de Estado da Coordenação Económica e da Indústria Pesada, respectivamente Oliveira Cruz e Carlos Melancia, e o director do G.A.S. (Gabinete da Área de Sines), eng. Ferro Gomes.

Os quatro rebocadores de alto mar terão 35 toneladas de força de tracção ao ponto fixo. A sua potência motor será de 2400 cavalos, com uma autonomia mínima de 500 milhas. O projecto e equipamento principal dos rebocadores foi adquirido pelo G.A.S. no estrangeiro, proporcionando pela segunda

vez aos estaleiros portugueses a possibilidade de se lançarem na construção de novos tipos de rebocadores.

O custo global da construção agora adjudicada ascende a 96 mil contos, ficando cada rebocador, depois de equipado, com valor próximo dos 58 mil contos. Daí resulta, portanto, uma considerável economia de divisas para Portugal.

O plano de entregas dos quatro rebocadores prevê que o primeiro fique pronto em Setembro do próximo ano, o segundo em Março de 78 e o último em Maio do mesmo ano, destinando-se todos a apoiar as manobras dos grandes navios-tanques que a partir de Julho ou Agosto de 1977 passarão a aportar a Sines, fazendo descargas e transbordo de rammas petrolíferas.

Bomba de relógio desactivada na Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 24 — «O local onde o engenho foi encontrado leva-nos a admitir o seu abandono precipitado por parte do indivíduo que o transportava, ao sentir a aproximação da guarda da obra. E isto, porque nas imediações não existe nenhum objectivo (sede ou núcleos de partidos políticos) susceptível de atrair a atenção de qualquer bombista», afirmou esta manhã ao «D.L.» um porta-voz da P. S. P. desta cidade ao referir-se à carga de dois quilos de trotil, munida de um dispositivo de contra-relógio, que cerca das 8 horas de ontem foi encontrada pelos operários de um prédio em construção no Largo da Igreja.

A bomba, que estava envolvida num invólucro de plástico e numa série de barras de ferro, naturalmente para provocar mais impacto, foi despoletada por elementos da delegação de Coimbra da Polícia Judiciária, entidade responsável pelo prosseguimento das investigações.

NA MADEIRA

FUNCHAL, 24 — Corre com certa insistência nesta cidade que foram entregues ao foro militar os processos de seis bombistas recentemente interrogados pela Polícia Judiciária.

Um deles, segundo informam fontes seguras, será um guarda da P. S. P. muito conhecido na cidade. Embora relutantes em prestar informações, as autoridades não infirmam a notícia, admitindo-se, por isso que a rede terrorista da Madeira está finalmente em vias de desmantelamento.

Voltou Medeiros Ferreira

«Cada vez mais a presença portuguesa se fará sentir na Europa e as grandes opções de natureza política, económica e social tomadas a nível europeu contam com a presença de Portugal», afirmou ontem a sua chegada de Estrasburgo, onde foi formalizar a entrada de Portugal para o Conselho da Europa, o ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Medeiros Ferreira.

Em declarações aos jornalistas feitas no aeroporto da Portela, onde era aguardado pelo secretário de Estado da Emigração e por altos funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros, o ministro Medeiros Ferreira afirmou:

«Gostaria de realçar que a entrada de Portugal no Conselho da Europa não tem uma contrapartida material, nem foi essa a sua principal intenção, pelo que o mais importante é o significado político dessa admissão, que, evidentemente, tem vantagens na cooperação cada vez mais estreita entre Portugal e os restantes países europeus».

Mais adiante, o ministro dos Negócios Estrangeiros realçou a importância que a assinatura da Convenção Europeia dos Direitos do Homem e a adesão ao Mercado Comum tem para a defesa dos direitos dos trabalhadores portugueses emigrados, «que estão a criar riqueza e a construir a Europa».

Entretanto, o Governo britânico, em comunicado do respectivo Ministério dos Negócios Estrangeiros, saudou

«calorosamente a entrada de Portugal no Conselho da Europa, importante marco do reconhecimento internacional pelo êxito da democracia em Portugal».

Também o Governo da Alemanha Federal aplaudiu a entrada de Portugal naquela instituição, «manifestando a esperança de que ela ajudará a estabilização da democracia portuguesa», segundo palavras do ministro alemão dos Negócios Estrangeiros, Hans Dietrich Genscher.

Em Lisboa, o bastonário da Ordem dos Advogados, Mário Raposo, em declarações prestadas à ANOP, salientou que a Ordem «não deixará de considerar como pedra decisiva nos caminhos de um futuro aberto ao diálogo, e à solidariedade ao direito à integração europeia de Portugal, agora iniciada com a adesão ao Conselho da Europa, e com a assinatura da Declaração Europeia dos Direitos do Homem». «Mas — prosseguiu Mário Raposo — «a possibilidade europeia de Portugal apenas ganhará consistência com um ingresso (um ingresso não meramente formal) e predestinado à ruptura) no Mercado Comum. O que passará pela congregação de um sector público não absorvente, com uma economia de mercado não manietada por uma planificação amadora, neutralizadora das disponibilidades de iniciativa e da definição, por todos os homens, dos seus próprios horizontes».

PUB.

EDP

Electricidade de Portugal

Empresa Pública

Redes das Ex-Companhias Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

Só é possível uma boa continuidade de fornecimento de energia eléctrica, efectuando constantes trabalhos de reparação e ampliação das nossas redes. No próximo domingo será interrompida a corrente, nos Sectores e Zonas seguintes durante as horas abaixo indicadas:

4.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Est.º Calhariz de Benfica, Rua José dos Santos Pereira. (Das 8 às 12 horas).

5.º Sector — Rua Nova do Loureiro, Rua João Pereira da Rosa, Rua da Rosa 228 a 266, Rua D. Pedro V 5 a 57. (Das 8 às 12 horas).

6.º Sector — Rua de Santa Marta 58 a 78, Rua Augusta 254 a 288. (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector — Rua da Beneficência 175 a 229. (Das 8 às 12 horas).

10.º Sector — Est.º de Telheiras, Bairro Jardim, à Av.º Ventura Terra e imediações. (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras — VENDA NOVA:** Rua Marquesa de Alorna, Rua António Enes, Rua St.º António de Lisboa, Alto dos Trigueiros, Est.º do Calico, e imediações. (Das 8 às 14 horas). **PAÇO DE ARCOS:** Bairro Comendador Joaquim Matias (Bairro do Espargal). (Das 8 às 14 horas). Ribeira da Lage e Porto Salvo. (Das 8 às 14 horas).

2.ª Zona — **Concelho de Cascais:** Sassoeiros. (Das 8 às 14 horas). **MONTE ESTORIL:** Av.º de S.º Saboia, Rua D. Manuel de Melo, Rua do Parque, Rua de Belmonte, Av.º Sanrre, Av.º D. Pedro, Av.º das Acácias e imediações (Das 8 às 14 horas).

3.ª Zona — **Concelho de Sintra — CACÉM:** Rua de Angola, Az.º da Oliveira, Rua de Moambique, Rua D. Maria II, Trav.º do Carrascal, Trav.º do Moimho, Praceta Duque de Saldanha, L.º D. Maria II, Rua Elias Garcia, Rua 5 de Outubro, Rua Professor António Joaquim das Neves, Rua D. Diniz, Rua de Alecrim, Rua das Flores, Est.º Nacional 2403, Est.º do Vale Mourão, Rua de S.º Tomé e Príncipe e imediações. (Das 8 às 14 horas). **FACÃO:** (Est.º Nacional n.º 9, Est.º para Cortegaça e imediações) e **ALEM:** (Das 8 às 14 horas). Montelavar. (Das 8 às 14 horas).

4.ª Zona — **Concelho de Mafra:** Asseiceira Grande. Livramento (lado Sul e Est.º da Freiria). (Das 8 às 15 horas).

5.ª Zona — **Concelho de Torres Vedras:** Feliteira, Dois Portos, Runa, Matacães. (Das 8 às 14 horas).

post-scriptum

A inviolabilidade da correspondência é um direito

Em Paris, onde me encontro acidentalmente, recebi de minha mãe, Maria Luísa Michel Maia de Almeida Costa Viegas Soares, professora do ensino secundário, moradora em Lisboa, uma carta que se apresentava inteiramente aberta de um dos lados e parcialmente do outro. Por outro lado, uma carta minha, endereçada a Rita Virgínia Delgado António, engenheira química e assistente no Instituto Superior Técnico, foi recebida pela destinatária ostensivamente rasgada e mal recolada.

Marxista e revolucionária desde 1962, as minhas atitudes políticas constam desde 1963 nos ficheiros da ex-P. I. D. E. Creio que esses ficheiros foram parar às mãos do regime que sucedeu ao movimento militar de 25 de Abril de 74, pelo que, relativamente às minhas actividades não há segredos para o actual Governo.

Acresce que desde 25 de Abril de 1974, em várias obras editadas e divulgadas, tenho tido oportunidade de expor com clareza as críticas que, sob o ponto de vista marxista e revolucionário me merece o capitalismo. Por isso, não compreendo que se pretenda procurar em cartas pessoais as indicações de uma posição que tenho expresso publicamente e sem reservas.

Creio que constará da Constituição acabada de promulgar algo sobre a inviolabilidade da correspondência. Também constava na do regime anterior e essas leis tornaram-se públicas precisamente para encobrir uma prática de facto oposta.

Desde meados de 1968, data em que fui obrigado a fugir do País, para não ser mais uma vez preso pela P.I.D.E., e até 25 de Abril de 1974, vivi permanentemente em França, tendo agora residência permanente em Lisboa. Durante esses seis anos escrevi semanalmente cartas a pessoas amigas em Portugal, delas recebendo também correspondência. Os envelopes eram regularmente abertos (não é difícil verificar contra a luz as marcas deixadas pela segunda camada de cola). Mas o trabalho, se me permitia a expressão, era «asseado», pois que nunca me chegou nenhuma carta ostensivamente aberta. Nunca alguém recebeu uma carta minha descaradamente rasgada e mal recolada!

Sobre este assunto enviei há dias uma carta ao sr. ministro da Administração Interna, pois que não se compreende que num País que se diz democrático e a caminho do socialismo, coisas desta natureza ainda continuem a acontecer...

João Bernardo
— PARIS

Hospital de S. José: ainda bem

Ainda bem que o Primeiro-Ministro foi ver com os seus próprios olhos o estado de decrepitude a que pôde chegar o Hospital de S. José, mancha bem negra da nossa estrutura sanitária. Realmente passam os anos, reformam-se ou substituem-se os responsáveis, e não há «medicamento» que receitem àquela ferida implantada em plena cidade.

O dr. Mário Soares desabafou como pôde: «Situação deplorável!» Oxalá possa dar solução ao problema, velho de décadas.

Raul Dias Donato
— LISBOA

«A assistência no Hospital de Peniche»

Relativamente a uma carta publicada nesta secção. «Sob o título em epígrafe, publicou o «Diário de Lisboa» enviou-nos o seguinte esclarecimento:

Sob o título em epígrafe, publicou o «Diário de Lisboa» no passado dia 23/8 uma carta do sr. Carlos Santos em que este acusava o pessoal do hospital de Peniche de falta de competência, por se recusarem a engessar a perna de um primo de 7 anos.

A este respeito, consideramos que o público tem o direito de saber que tal recusa se deve não à falta de competência mas sim à honestidade e profissionalismo do médico que atendeu a criança, uma vez que o dr. Manuel Gonçalves não está habilitado a exercer serviços de Ortopedia, como é o caso em questão por se tratar de um clínico geral, pelo que preferiu orientar o doente para um médico especializado nesse sector.»

A faca de dois gumes

Fiquei de boca aberta e olhos arregalados quando ouvi na «pluralista» RDP uma nota oficial processando o jornal «A Rua» por injúrias e calúnias a reputadas figuras da vida política nacional. Estou inteiramente de acordo com tais medidas. Mas por onde andavam estes acérrimos defensores da democracia que só se levantaram quando o mal lhes bateu à porta?

Quando ainda há bem pouco tempo certa dama caluniou e tentou manchar o nome de um homem que todos devemos respeitar, o sr. general Costa Gomes (e só o não conseguiu porque ele não necessita de subterfúgios para se impor; as suas qualidades é que marcam o Homem que ele é), onde estavam esses defensores? E quem não se lembra das palavras de um responsável político deste País a um jornalista que o abordou sobre um processo judicial que estava a ser movido à dita dama, dando todo o apoio à tal imprensa pluralista?

Mas agora que a tal «Imprensa pluralista» bateu à porta dos senhores pluralistas que até são socialistas, estes pluralistas não gostaram.

Cuidado, senhores pluralistas, que há facas com dois gumes...

Miquelina C. d' Almeida
— LISBOA

LER, ESCREVER E CONTAR

PIERRE VIANSSON-PONTÉ

Por estes dias, 12 milhões de jovens franceses reabrem os seus livros e os seus cadernos. Boa ocasião para pensar quantos adultos não sabem, em França, ler, escrever, nem contar.

Sim, leram bem: dos 36 milhões de franceses, além dos que terminaram os seus estudos de escola, liceu ou universidade, quantos deles são iletrados ou analfabetos? Oficialmente muito poucos, menos de 1 por cento.

Praticamente muitos mais talvez 3 ou 4 milhões, isto é, 8 a 10 por cento segundo os cálculos forçosamente aproximativos, evidentemente discutíveis. Em todo o caso muitos.

Claro que não se trata de analfabetismo no seu sentido estrito, e que se define como ausência de toda a instrução, nem mesmo de autênticos iletrados, termo que designa aqueles que não sabem ler nem escrever. A instrução é, felizmente obrigatória em França e todas as crianças excepto as impossibilitadas por doença grave aprenderam, pelo menos, a decifrar as letras, a formar as palavras e a conseguir fazer as quatro operações elementares. E não falamos aqui dos emigrados ou naturalizados, nascidos em países onde, quando eram crianças, não iam à escola.

Mas vejamos quatro provas simples, elementares, da vida moderna. Quantas pessoas são capazes de calcular o consumo da gasolina do carro que conduzem? Quantas não sabem ler correctamente um anúncio de emprego? Quantas podem dar o troco sem engano? Quantas, por fim, compreendem as deduções sucessivas na sua folha de pagamento?

Estes quatro «testes» foram

escolhidos nos Estados Unidos pelos especialistas dos serviços federais da educação para um estudo sobre o comportamento dos americanos perante as tarefas concretas que exigem saber ler, escrever e contar. Os resultados do inquérito foram assustadores. Mais de um americano em três (86 milhões) não saberia calcular o seu consumo de gasolina; um em quatro (52 milhões) não saberia ler correctamente um anúncio; quase um em quatro (48 milhões) seria incapaz de dar o troco certo; mais de um em seis (39 milhões) não saberia decifrar a sua folha de pagamento. Comparando estas conclusões com outro inquérito feito pela universidade do Texas, pode considerar-se que um americano em cinco é incapaz de fazer face aos problemas elementares da vida quotidiana e entre os negros, duas vezes mais que entre os brancos. Porque, ou não fizeram normalmente os estudos primários, ou não os terminaram ou ainda, esqueceram depressa aquilo que aprenderam.

Estes inquéritos, esta tese, encontraram contraditores. Professor de sociologia em Harvard (e grande especialista de assuntos franceses) Stanley Hoffman, por exemplo, contesta em absoluto o uso que foi feito do termo «iletrados» e recusa as percentagens ou números referidos. Acha mesmo que após alguns anos de regressão provocados pela televisão, estará a produzir-se uma reacção contra a perseguição mental, e que a situação, longe de se agravar, está a melhorar. Um dos seus colegas de Harvard, também sociólogo, Lee Rainwater, acha muito 20 por cento de iletrados. Na sua opinião eles seriam 15 por cento e acrescenta que um tal inquérito deve ser feito muito a sério.

E em França, que resultado

dariam «testes» idênticos aos que foram feitos por peritos oficiais e universitários de além-Atlântico?

O formalismo burocrático atinge o seu máximo com este ou aquele formulário de segurança social, em que o esquecimento de uma cruz provoca uma catástrofe, ou, pelo menos, grandes atrasos ocupados por solenes chamadas à ordem e aos regulamentos. Ali e além fizeram-se esforços para simplificar as declarações de impostos ou pedidos de passaporte, mas muitas administrações exigem dos cidadãos uma ginástica mental de que nem todos são capazes.

E depois, na vida quotidiana, há a ortografia, cuja reforma está hoje na ordem do dia. Temos ainda mais uma fonte de complicações, espécie de génio que temos para o eufemismo, e, particularmente, em tudo o que diz respeito aos negócios públicos. Bateram-se todos os «records» durante a guerra da Argélia. A deportação em massa das populações civis chamava-se um «reagrupamento». Este era «espontâneo» quando os soldados armados embarcavam a população inteira de uma aldeia em camiões militares para a irem meter em barracas, e «voluntário» quando os civis, metralhados e bombardeados, fugiam das casas onde lhes era impossível continuar. A tática da terra queimada chamava-se «pacificação» e a tortura «interrogatório difícil».

Nada disto nos afasta muito do analfabetismo. Porque, à força de se falar uma linguagem complicada, a política também se tornou tão hermética como um capítulo do código dos impostos. E a obscuridade desse código, como de uma enorme quantidade de textos

que todos devíamos conhecer (porque não devemos, diz-se, ignorar a lei), a complexidade de um número crescente de passos a dar e até de actos da vida diária, a multiplicação dos sinais, das interdições e das incitações a que devemos estar atentos, todo esse aparelho que nos encerra e quase nos tira a respiração, monopoliza cada vez mais as nossas capacidades de atenção, de reflexão e de raciocínio. Se acrescentarmos a isto o ritmo, o «stress» da vida moderna, e os seus «totens» classicamente invocados — o audio-visual, o telefone, o carro, etc., — que nos afastam da leitura e da escrita, compreende-se melhor a razão porque o analfabetismo parcial ou mesmo total também ganha terreno entre nós, a razão porque os «desletrados», se é possível um tal neologismo, são cada vez mais.

Porque, por um lado, esforcamo-nos menos, mas por outro, os nossos meios intelectuais, sejam eles quais forem, são absorvidos ou chamados por exigências sempre novas, cada vez mais numerosas e asfixiantes. E, esquecendo depressa o que aprendemos mal, rejeitando da memória ou do comportamento o que não nos parece essencial ou que, muito simplesmente, já lá não tem lugar, tornamo-nos preguiçosos crónicos, quase enfermos. E o mais grave não é tanto o facto de muitos de nós já não sermos capazes de triunfar nesta ou naquela das quatro provas simples citadas no início, mas o de a nossa capacidade de julgar e de a nossa capacidade de raciocínio se apagarem ao mesmo tempo e com a mesma probabilidade.

© Le Monde

N.A.S.A. PREPARA VOO DA NAVE ESPACIAL EM 1980

Um grande avião de aspecto pesado, com asas que, dir-se-ia terem sido cortadas, eis como a orbiter surgiu a 17 de Setembro, aos oficiais convidados para a sua primeira apresentação em público. A orbiter é o elemento central mais importante das futuras viagens espaciais, cujo programa teve início em 1972 no momento em que a conquista da Lua terminava, com as últimas missões Apollo.

Já no fim dos anos 60 os investigadores e os técnicos americanos começaram a imaginar um meio económico de mandar para o espaço engenhos habitados ou sem homens lá dentro. O ideal seria, claro está, conceber um veículo totalmente reutilizável. No entanto, depressa se viu que um tal projecto exigiria investimentos consideráveis, e isso na altura em que o orçamento da NASA começava a estagnar, após o êxito, muito dispendioso, do formidável desafio que foi um desembarque de homens no nosso satélite. Orientaram-se portanto para uma realização mista, em que só seriam reutilizáveis as partes mais caras, em especial o compartimento habitado e a aparelhagem electrónica.

O engenho que, provavelmente em 1980 deixará o solo americano pelo mais próximo arredor da Terra, compreenderá três partes principais: a

orbiter que tem aproximadamente o tamanho de um DC-9; comprimento 45 metros, largura 14,4, peso (vazio) 67,5 toneladas. Por detrás do compartimento habitado, onde poderão caber, pelo menos, sete pessoas, um imenso paiol poderá levar cargas úteis que atinjam um pouco mais de 28 toneladas.

A orbiter será fixado a um imenso reservatório destinado a receber um pouco mais de 700 toneladas do carburante (hidrogénio) e do comburento (oxigénio) líquidos, que alimentarão os três motores, cada um com o impulso de 211 toneladas, instalados na retaguarda do engenho. Este reservatório, solto no espaço em cada uma das missões, será a principal parte da nave que se inutiliza.

Aos lados desse reservatório serão fixados dois foguetões em que se queima um carburante sólido, e cada um dos quais tem um impulso de 1200 toneladas. Ao contrário do reservatório, serão munidos de para-quedas e devem ser recuperados e reutilizados.

Posta em órbita depois de ter sucessivamente solto os dois foguetões e o reservatório, a orbiter poderá manter-se no espaço uns quinze dias, numa trajectória de uns 320 km de altura, o que não é muito. Graças a dois pequenos motores suplementares, poderá modificar um pouco a

sua órbita — o que corresponde às exigências dos militares, que desejam que o engenho tenha uma certa maleabilidade que lhe permita fazer face a situações imprevistas. Esses mesmos motores permitir-lhe-ão depois diminuir a velocidade a fim de dar início ao regresso à atmosfera antes de ser travado pela resistência do ar. No fim da sua missão, o engenho que, graças às suas duas curtas asas delta, dispõe de uma certa maleabilidade, aterrará como um avião mas sem utilizar os jactos.

É, evidentemente, o seu imenso paiol que dá todo o interesse à orbiter, visto poder levar engenhos habitados e não habitados. A nave espacial poderá assim efectuar toda a espécie de missões: pôr em órbita os satélites mais diversos, civis ou militares; abastecer esses satélites, ou trazê-los mesmo para Terra se necessário, já se falou na possibilidade de capturar assim, para estudo, os satélites militares lançados pelo «inimigo».

AS COSTAS DE UM 747

Nas suas primeiras missões, a Orbiter deveria levar para o espaço o laboratório espacial Spacelab, realizado por países

XAVIER WEEGER

europeus reunidos no seio da Agência Espacial Europeia (ESA). Este projecto é em grande parte financiado pela Alemanha Federal, visto a primeira equipagem científica europeia ser, provavelmente desse país.

De momento, após a sua apresentação oficial, a orbiter será transportar para a base californiana de Dryden. Em princípios de 1977, fixado no dorso de um Boeing-747 fará os seus primeiros ensaios: deslocações rápidas no solo, depois voos presos (em Janeiro e Fevereiro). Em Julho ou Agosto voará sozinha a 8400 metros de altitude e deverá, pousar, pelos seus próprios meios, numa pista de aterragem.

O primeiro voo habitado experimental, não se efectuará antes de Março de 1979. Cada orbiter é concebida para poder ser utilizada umas cem vezes. Se o programa americano for respeitado, haverá umas cinquenta e cinco missões por ano durante dez anos. Um terço dessas missões utilizará o Spacelab e mais de metade terá fins militares. A menos que (o que não é muito provável) haja mudanças políticas que reponham em causa um programa muito ambicioso e já criticado além-Atlântico.

© Le Monde

CICLO PREPARATÓRIO CURSO LICEAL NOCTURNO

ABERTAS AS INSCRIÇÕES

(das 16 às 23 horas)

Av. Duque de Loulé, 71, 2.º — Telef. 40345

Aumente as suas vendas
Distribua...

BALÕES PUBLICITÁRIOS
Fábrica Nacional: LATEX-DOURO, LDA.
R. Central Francos, 779/783
Telef. 65370 — PORTO

S. R.

**MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA**
SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Almada, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — (ex-UEP), a que se refere o processo 8/37229, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia da Cova da Piedade, concelho de Almada, de modificação, com aumento de comprimento de 55 metros, da linha aérea a 30 kV Sobreda-Alfeite, sendo alterados os traçados entre os apoios n.ºs 18 e 24 e entre os apoios n.ºs 27 e 30.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 9 de Setembro de 1976:

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

**MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA**
SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Mértola, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, a que se refere o processo 8/58047, arquivo 5460, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Mértola, do 1.º troço da linha aérea a 15 kV Subestação de Mértola-Subestação de Castro Verde com 3756 metros do poste n.º 19 ao poste n.º 20, da Subestação de Mértola ao poste n.º 20.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 9 de Setembro de 1976:

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

SHER — SOCIEDADE HIDRO-ELÉCTRICA DO REVUE

S. A. R. L.

Capital realizável: 250 000 000\$00

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

3.ª Emissão	— 40 000 000\$00	— 5%	— 1956
4.ª Emissão	— 35 000 000\$00	— 5%	— 1957
5.ª Emissão	— 30 000 000\$00	— 5%	— 1958
1.ª e 2.ª fases	— 65 000 000\$00	— 5%	— 1959
7.ª Emissão	— 15 000 000\$00	— 6%	— 1967

Com vista à respectiva amortização pelo valor nominal, de acordo com os correspondentes quadros de amortização e juros, proceder-se-á no próximo dia 27 de Setembro, pelas 10 horas, nos escritórios desta Sociedade, Avenida Cinco de Outubro, n.º 95, 2.º — Lisboa, ao sorteio de 900 obrigações da 3.ª Emissão, 717 obrigações da 4.ª Emissão, 543 e 634 obrigações, respectivamente, da 1.ª e 2.ª fases da 5.ª Emissão e 200 obrigações da 7.ª Emissão.

Lisboa, 20 de Setembro de 1976

O Conselho de Administração

Nacional O pai da Humanidade

Fique vossemecês sabendo: eu, de nome de baptismo e registo, sou o João Márcio; mas, por aí, ninguém me conhece senão pelo *Pai da Humanidade*.

Pra dizer a verdade, fui eu que me pus a mim mesmo este nome. E digam lá o que disserem, o certo é que ele me fica que nem uma lã. Tanto que, depois que mo ouviram pela primeira vez da minha boca, a coisa pegou para sempre: nem sementeira de erva ruim feita em terra fecunda e bem estrumada.

Também não vou dizer uma coisa e ser outra: eu estava bêbedo, o que se chama mesmo estar bêbedo. Eles disseram: tu és o João Corno; eu disse: não sou o João Corno, não senhor, — sou o Pai da Humanidade. Riram muito e a coisa ficou.

Tudo isto se passou na loja do ti Manuel Porrada — tomara eu me não cheguem alguma, que estou velho e mal posso com um gato pelo rabo. O tempo ia de chuva e tínhamos passado a tarde toda a beber um vininho da Manhêna que era mesmo uma lágrima de mel caída do céu. Bem vêem, aqueles terrenos queimados que nem carvão é que davam o verde do que ia por esses mundos, até pra Rússia, pra mesa dos cazardos, ou lá como é que se chamavam os reis daquela nação. Veio a doença nas vinhas, levou a de verdeho toda, no lugar dela plantaram a de cheiro...

Pois estávamos então lá a beber e a falar. Quando dei quinau, estavam os merdas a caçoar comigo. Por mó dos cornos que tenho, que nem um ramalhete, plantados no meio da testa. Vossemecês não nos vêem? Também nem eu. Mas sei que lá estão. Foi a minha que mos pôs. E olhem que eu gostava daquele diabo. Namorávamo-nos de pequeninos, desde os tempos da escola. Pelo muito que lhe queria é que

não fui para a América. Vieram aí meus tios, quiseram-me levar, andava ainda solteiro. Ela, que não; que não saía daqui; que, se eu queria, que fosse, mas que não pensasse mais nela pra minha mulher. E o que mais eu queria era casar com aquela porca. Porca é como quem diz, que lá limpa era ela; porca mas é pela desfeita que me fez.

Depois de casados, ainda meus tios escreveram: que nos mandavam carta de chamada para os dois. E ela sempre na sua. Eu que fosse, se queria. Por si, nem pensar nisso. Voltava para casa dos pais, que remédio? Pus de parte a ideia de embarcar.

O nosso casamento foi coisa de arromba. Meu pai tinha uns vinte e seis, eu era o filho mais velho, o pai dela também tinha alguma coisa de seu e aquela era a primeira filha que casava. Abriu-se até uma garrafa de verdeho com mais de cem anos, que meu avô tinha herdado de meu bisavô, e meu pai de meu avô.

Ao jantar, o maldito do padre fez um sermão que foi coisa fina, o malvado. Não percebi nem patavina, mas sei que foi uma peça bem acabada. Fez-me chorar que nem uma madalena, o caln. A mim e a todos. Mais tarde é que vim a saber...

Os primeiros tempos de casados correram às mil maravilhas. Eu ia às terras trabalhar, pra nós e pra dos outros, a dar dias pra fora. Ela nunca me faltava com o jantar, numa cestinha coberta com uma toalha alva de neve. Se iam de noite ao mar, de manhãzinha, quando chegávamos, lá estava a cadela, no porto, à minha espera, com uma bebida quentinha. E era a primeira a ir ao porto alcançar a comida ao marido, se aparecia baleia e eu andava a trabucar longe. E quando, à noite, eu entrava em casa, viesse de onde viesse e fossem as horas que fossem, via-a sempre levantadinha, com qualquer coisa na mesa, pronta pra eu comer.

Nasceram-nos dois filhos. Primeiro o rapaz, um ano mais tarde a rapariga. Eu vivia feliz e parecia-me que aquele diabo

não tinha de que se queixar.

Inté que um dia...

Eu nunca tinha desconfiado fosse do que fosse. Bem que, às vezes, ouvia dizerem, diante de mim: «besta nova quer o cabresto curto». O que é, é que nunca tomei isso para comigo. Como o outro que diz: «quem não deve, não teme» e «o corvo é o último a sabê-lo». Depois pelo que julgava ver, estava certo de que ela não vivia senão para o meu amor e o amor dos filhos.

Nesse dia... Tínhamos ido à baleia. No nosso bote, anoitecemos longe das lanchas. Fizemos de vela e viemos sozinhos pra terra. Chegámos aí prá dez, dez e tal da noite. As lanchas, com os outros botes e as nove baleias que tínhamos apanhado a reboque, ainda não tinham vindo. A gente varámos e fomos pra casa.

E foi então... Eu nem me quero lembrar!

Ela, que não tinha ouvido o sinal do barulho dos motores das lanchas, não fazia conta de mim. Nem ela, nem ela. E fui apanhá-los na cama aos dois. A ela e a ele, que era, nem mais nem menos, o padre que nos tinha casado... O maldito!

Havia de os ter matado, ali, como estavam, nus em pêlo, tal qual Nosso Senhor os deu no Mundo. Não matei. Fiquei interdito. Nem dei uma taguada no padre, que se fizesse, assim como estava, sem atinar sequer em levar a roupa consigo. Ela pôs-se de joelhos diante de mim, a chorar como uma perdida — e perdida era ela. Pedia que lhe perdoasse, que aquilo tinha sido uma tentação do diabo, que nunca mais tornava a acontecer... Cheguei a perdoar? Não sei.

Dias de Meio

Sei que a deixei ficar em casa. Por causa dos filhos: naturalmente por causa dos filhos. Dormir com ela — nunca mais dormi. Era superior às minhas forças. Parecia-me que estava sempre a ver o outro no meu lugar...

Ela, a princípio, portou-se. Ainda me levava o jantar às terras, ainda me alcançava a comida ao porto, quando eu ia pra baleia... Eu jantava sem a olhar, pegava na saca da comida sem lhe falar. E em casa era o mesmo... Não devesse talvez ser assim, mas não podia ser doutra maneira.

A pouco e pouco, ela foi perdendo a transmontana. A transmontana e a vergonha. Metia-se pra í com qualquer bicho careta. Assim vivemos, coisa de três anos. Nasceu-lhe mais um filho, depois mais outro. Foi registá-los no meu nome. Eu sabia que não era pai deles. Procurei o Registo Civil. O padre, não — que nunca mais o pude encarar. Disseram-me que era da lei. Pu-la fora de casa, como quem põe um cão na rua. A ela e aos filhos que não eram meus, que, a dizer a verdade, as crianças não têm culpa de nada... Começou pra í a andar de freguesia pra freguesia e de ilha para ilha. E sempre embrulhada com homens. Era o primeiro que lhe aparecesse. Era e é. Aquilo é lume que ela traz dentro de si e não há nada que lho possa apagar. Em sete anos, pariu oito filhos. É um fora, outro dentro. E todos estão registados e baptizados no meu nome.

Oram vossemecês que me digam:

Tenho ou não tenho o direito de me chamar o *Pai da Humanidade*?

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Soure, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado à Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/58003, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Figueiró do Campo, concelho de Soure, de uma linha aérea a 30 kV, com 1437 metros, do apoio n.º 76 da linha Condeixa-Montemor ao Posto de Transformação de Figueiró do Campo-Ribeira da Mata da Câmara Municipal de Soure.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 17 de Setembro de 1976:

O Engenheiro Chefe
Angelino Pires dos Santos

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 77

Faz-se saber que no dia 15 de Outubro de 1976, pelas 15.30 horas, terá lugar na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa — Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171, o concurso público para o «FORNECIMENTO E MONTAGEM DE UM SISTEMA DE DETECÇÃO AUTOMÁTICA DE ALARME DE INCÊNDIO, NA BIBLIOTECA CAMÕES, NO LARGO DO CALHARIZ», com base de licitação de 400 000\$00 (Processo n.º 35/76/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 10 000\$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agência ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo I, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673, de 24/10/1960.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis, na referida referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 16 de Setembro de 1976.

Publique-se no «Diário da República» em 16/9/76

O PRESIDENTE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA
Lino José Góis Ferreira
(Coronel)

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OIRAS 1.ª Publicação ANÚNCIO

Pela primeira secção do primeiro Juízo da Secretaria Judicial desta comarca, correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado, MÓNACO RESTAURANTE, LIMITADA, com sede na Estrada Marginal, em Caxias, para no prazo de dez dias posteriores àquele dos editos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução, de sentença movida pelo exequente, Varequipe-Sociedade Geral de Equipamentos Industriais, SARL, com sede em Lisboa, na Av. João XXI, 66-R/C-DIREITO.

Oirais, 30 de Julho 1976

O Juiz de Direito
do 1.º Juízo,

a) Francisco José Galvão de Sousa Chichorro Rodrigues

O escrivão de direito
da 1.ª secção,

a) Adelino Augusto Migueis Carvalho

Em ALVERCA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA LUSA Rua Joaquim Sabino Faria, 16

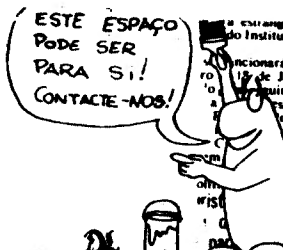
EXTERNATO SEBASTIÃO DA GAMA

COOPERATIVA
DE ENSINO

• CICLO E LICEAL •
Cursos intensivos para
trabalhadores-estudantes

MANHÃ E NOITE

Av. Alm. Reis, 106-1.º E.
Telefs. 822776 - 823531



Nacional

AFIRMAM TRABALHADORES

Ainda há terras por expropriar numa área de 400 mil hectares

Os trabalhadores agrícolas dos distritos de Évora e Beja reuniram-se ontem respectivamente no Teatro Garcia de Resende e no Estádio Municipal para discutir as recentes medidas tomadas pelo Governo no âmbito da Reforma Agrária.

«Cumprimento da lei e participação nas decisões» foram duas das deliberações dos trabalhadores em qualquer dos plenários.

Enquanto as entidades governamentais anunciam o início das desocupações para a próxima segunda-feira, enquanto a C. A. P. tece elogios ao Primeiro-Ministro pelo seu «corajoso discurso» e pede a demissão de Lopes Cardoso de ministro da Agricultura, os trabalhadores do distrito de Beja recordam numa moção:

«No distrito de Beja não foram expropriadas herdades com menos de 50 mil pontos e existem ainda, segundo a lei, propriedades para expropriar num total de 70 mil hectares, sobretudo nos concelhos de Castro Verde, Odemira e Almodôvar.»

Depois de salientar a vontade expressa de respeitar os meios legais que regulam o processo da Reforma Agrária, os trabalhadores «alertam as autoridades para a necessidade de se assegurar o respeito pelas determinações consagradas na legislação, nomeadamente no que respeita à determinação de reservas. Desde já os trabalhadores declinam quaisquer responsabilidades pela quebra de produção que eventualmente possa vir a verificar-se».

«Queremos no entanto afirmar que somos nós os interessados no avanço e consolidação da Reforma Agrária, pelo que estamos desde já abertos à aplicação rigorosa das determinações legais» — acrescentam.

Numa outra moção foi repudiado o assalto da C. A. P. ao Centro Regional da Reforma Agrária. «A C. A. P. é uma organização sinistra, inimiga confessa dos trabalhadores, da democracia e do socialismo. As autoridades sabem-no. É dever dos órgãos do Poder tomar as medidas necessárias para se pôr fim à actividade dos que, a coberto da ordem democrática, tudo fazem para regressar ao passado» — diz o documento.

Os trabalhadores alertam para «as provocações montadas pela direita que está a utilizar a C. A. P. como ponta-de-lança, os seus partidos, especialmente o C. D. S. e os jornais fascistas «Rua», «O Dia», «Tempo», «Jornal Novo» e outros».

Governo desmente «Financial Times»

LONDRES, 24 (ANOP) — O jornal britânico «Financial Times» publica hoje, em correspondência de Lisboa, um desmentido do Governo português sobre o envio de tropas para o Alentejo, acrescentando que a restituição de terras deverá ocorrer em casos de abusos flagrantes.

Ainda segundo o correspon-

Foi ainda eleita uma comissão distrital de Évora, composta por algumas cooperativas que representam os trabalhadores nas reuniões com os órgãos governamentais.

Entretanto o Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Setúbal, promoveu também uma reunião de esclarecimento sobre as medidas anunciadas após o Conselho de Ministros.

Estiveram presentes na sessão representantes de cerca de 30 cooperativas agrícolas daquela zona, que «quase não é abrangida pelas medidas, registando-se apenas seis casos de desocupações», segundo informação de um dirigente sindical.

«APENAS» 111 DESOCUPAÇÕES

O secretário de Estado da Reestruturação Agrária, Castro Guerra, numa entrevista concedida a um matutino, anunciou que «apenas 111 propriedades vão ser desocupadas. A sua superfície, no total, pouco vai além dos 10 mil hectares, o que representa, portanto, uns escassos quatro a cinco por cento da área de intervenção da Reforma Agrária».

O facto de «apenas» estas propriedades irem ser desocupadas parece não contentar a C. A. P. ou o C. D. S. Num comunicado este partido, depois de acentuar que as medidas anunciadas pelo Governo têm como objectivo «o remediador de uma situação anárquica», sublinha: «Os agricultores estão dispostos a todos os sacrifícios para ajudar a salvar o seu país e a democracia que agora tem.»

A U. D. P., por seu turno, manifesta repúdio pelas decisões do Conselho de Ministros. «O grande aparato militar e policial que se prevê para levar a cabo essas medidas denuncia por si só o carácter provocatório e contra a Reforma Agrária das mesmas» — sublinha.

M.A.R.N. QUER FALAR COM SOARES

PORTO, 24 — O Secretário de Estado da Direcção do M. A. R. N., Movimento dos Agricultores Rendeiros do Norte, enviou ao Primeiro-Ministro um pedido de audiência «para lhe expor, se nos receber, a nossa situação grave, com casos concretos».

Manifesta simultaneamente o seu repúdio «pela concessão de uma audiência do Primeiro-Ministro à C. A. P., que é a organização dos ricos proprietários e seus laços contra a Lei do Arrendamento e contra a Reforma Agrária».

dente daquele quotidiano em Lisboa, o Governo pretende evitar que as medidas a tomar venham a desencadear contra-ataques da extrema-esquerda.

E o mesmo artigo assinala que se estariam a organizar grupos, no Alentejo, com o objectivo de resistir à restituição das terras ocupadas.

O MAIOR ESPECTÁCULO DE SEMPRE NO PAÍS

Festa do «Avante» começa hoje

A poucas horas do início da festa do «Avante» na qual participam 300 artistas de todo o Mundo, centenas de militantes do PCP dão os últimos retoques aos numerosos stands montados na FIL, representando células de empresas, unidades colectivas de produção, etc. É praticamente toda a FIL transformada pelas mãos dos militantes do PCP que criaram um grandioso cenário reflectindo o que pode ser este País transformado pelas mãos dos trabalhadores, com a economia, a educação, a cultura, etc. ao serviço do povo.

Ontem à tarde representantes dos órgãos da Informação foram recebidos nas instalações da FIL pelo chefe de Redacção do «Avante», Ruben de Carvalho que deu a conhecer aos jornalistas os vários pormenores ligados a esta realização.

A festa constará de uma parte artística, na qual participam cerca de 300 artistas de 22 países e uma parte política com debates públicos com a participação de deputados do PCP e elementos do Comité Central, sobre questões sindicais, eleições para as autarquias, Reforma Agrária, informação e luta do povo português por uma política de amizade com todos os povos do Mundo.

Haverá espectáculos de cinema, teatro, música, bailado, etc., que decorrerão nos sete palcos montados em diversos pontos da FIL. É simultânea a actuação dos artistas que em número e qualidade atingem um número nunca igualado em Portugal. No interior do recinto está ainda instalado um circo com espectáculos predominantemente dedicados às crianças.

Restaurantes, tombolas, barracas de petiscos e diversos tipos de divertimentos encontram-se disseminados pela FIL. Dezassete das 24 delegações estrangeiras presentes na Festa do «Avante» têm

stand próprio. As restantes estão instaladas num grande stand de solidariedade internacional. Estas delegações são representantes da União Soviética, República Democrática Alemã, República Popular da Bulgária, República Socialista de Cuba, República Popular da Polónia, República Popular da Hungria, República Socialista da Checoslováquia, República Socialista da Roménia, República Popular de Angola, Re-



Luigi Nono, italiano de Veneza, licenciado em Direito e um dos maiores compositores vivos no domínio da música erudita

pública Popular de Moçambique e República da Guiné-Bissau.

Organizações progressistas de países capitalistas tais como o Partido Comunista Francês, Partido Comunista Italiano, Partido Comunista Grego e Partido Comunista Alemão, encontram-se também presentes na festa do «Avante».

De particular significado é a exposição sobre o «Avante» clandestino que historia as fases mais importantes e mais duras da luta Portugal contra o fascismo evocando algumas das conquistas alcançadas pelos trabalhadores nesse período negro da his-

tória do povo português e a acção dos comunistas para essas vitórias, como seja, por exemplo, a jornada de 8 horas de trabalho no Alentejo.

Na Cidade Internacional, onde se encontram os pavilhões das delegações estrangeiras está documentada a luta dos comunistas em todo o mundo.

A Reforma Agrária ocupará outra área da FIL, com a presença das Unidades Colectivas de Produção e cooperativas de pequenos e médios agricultores que vão vender os seus produtos ao público e divulgar a sua luta.

As diversas organizações do PCP — UJC, UEC, etc. — têm stands próprios e ocupam a terceira zona.

Na Cidade do Livro e do Disco estão presentes editoras progressistas como a Seara Nova, Opinião, Novosti, Neotema, África Editora, Novo Curso, Apesar de Tudo, Estampa, Edições Cosmos, Edições 70, Iniciativas Editoriais, Edições Sociais, Prelo, Sá da Costa, Editorial Comunicação, Editorial Limiar, Instituto Nacional do Livro e do Disco de Moçambique, Diabril, Inova, Presença e Toma Lá Disco.

Durante os três dias da festa as «Edições Avante» farão um desconto de 20 por cento em todas as suas obras, com excepção das novidades.

OS ARTISTAS

Nenhum espectáculo até hoje realizado em Portugal reuniu um tão completo elenco de artistas tanto em número como em qualidade. São, como já foi dito, cerca de 300 artistas de 22 países.

Hoje actuarão Adriano Cor-



Francesca Solleville, francesa filha de italiana e gascão, «grand prix» da Academia Charles Cros

reia de Oliveira, José Jorge Letria, Fernando Tordo, Paulo de Carvalho, Luisa Basto, Pi de La Serra, Harmonia, Conjunto Outo, Canzoniere Internazionale, Introito, Oktoberklub, Segrêis de Lisboa, Convivium Musicum, Grupo de Música Contemporânea, Jorge Peixinho, Fernando Serafim e o Grande Circo Popular Cooperativo.

Amanhã haverá «Jazz» a cargo de Steve Waring, folclore e às 22 horas inicia-se a Noite do Fado.

No domingo destacam-se as actuações do norte-americano Archie Shepp, da francesa Francesca Solleville, dos cubanos Sara Gonzales e Los Caña, dos soviéticos Anatoli Elyzrov, Ludmilla Sientchina e Krasnov, e do angolano Rui Mingas.

As 17 horas realizar-se-á um comício com todas as delegações da palavra o secretário Cunhal.

PUB



UNIÃO DOS SINDICATOS DE LISBOA

Rua Victor Cordon, 1, 2.º — Tel. 36 52 86/7
LISBOA - 2

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Sindicatos com sede no distrito de Lisboa, filiados ou não na Intersindical, para uma reunião geral a efectuar no próximo dia 27/9/76, pelas 10 horas, na Rua Victor Cordon, 1, 2.º, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Tomada de posição sobre a nota oficiosa do Ministério do Trabalho do dia 13/9/76
- 2 — Legislação de Trabalho — Contratação Colectiva
- 3 — Informação sobre a actividade da Comissão Dinamizadora Distrital do Congresso de todos os Sindicatos.

Lisboa, 23 de Setembro de 1976

Pelo Secretariado
da União dos Sindicatos de Lisboa

VENHA FAZER-NOS UMA VISITA

Somos

V/O Mejdounarednaya Kniga
(Moscovo — URSS)

e estamos na

FESTA DO AVANTE
(Cidade do livro e do disco)

VISITE

O nosso stand de exposição e vendas
de

LIVROS ★ REVISTAS ★ JORNAIS
★ SELOS ★ DISCOS ★
da União Soviética



Spacibo (Obrigado!)

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

*AINDA OS "PONTOS NOS II"

Relações de Portugal
com a Argélia

Nas respostas do Primeiro-Ministro aos jornalistas Marcelo Rebelo de Sousa, Joaquim Letria e Cândido Azevedo, foi feita uma alusão à Argélia como sendo um dos países africanos que, proximamente, serão visitados pelo dr. António Barreto, ministro do Comércio e do Turismo.

Esta informação vem confirmar que vamos entrar numa nova fase das relações de Portugal com a República Argelina Democrática e Popular. Como o «Diário de Lisboa» já noticiou o secretário de Estado da Comunicação Social, Manuel Alegre, que durante vários anos trabalhou em Argel, nas emissões antifascistas e anticolonialistas de «A Voz da Liberdade», para as quais a FPLN contou com o apoio generoso e fraternal da Radiodifusão Argelina, decidiu, na sua qualidade de membro do Governo Constitucional, convidar os responsáveis argelinos da Informação e da radiotelevisão para uma visita a Portugal. A data dessa visita ainda não está fixada.

Por outro lado, cumpre registar que a Argélia ainda não designou o seu embaixador em Lisboa e que o lugar de embaixador de Portugal na RADP está na iminência de ficar vago. O nosso embaixador em Argel, coronel André Infante, que para esse cargo fora nomeado pelo ministro Melo Antunes, solicitou, com efeito, a sua exoneração, logo em fins de Julho, ao actual titular da pasta dos Negócios Estrangeiros. O coronel André Infante é um militar antifascista de antes de «25 de Abril» e tem incontestável prestígio nos meios militares e político-militares, tendo exercido funções na Direcção dos Serviços Eleitorais do Ministério da Administração Interna, nas quais veio a ser substituído pelo comandante Almeida e Costa, actualmente conselheiro da Revolução.

Helder Madeira homenageado por Câmaras de Setúbal

SANTIAGO DO CACÉM, 24 — «Forjado na luta árdua e dura contra o regime fascista, Helder Madeira prosseguiu com inteligência, dedicação e simplicidade, a luta contra o conservadorismo das estruturas, contra os saudosistas de um passado despota e opressor das classes trabalhadoras, contra os que, veladamente, se pretendem democratas conciliando opressores com oprimidos» — afirmou o presidente da C. A. da Câmara do Seixal, durante uma reunião efectuada nesta vila que serviu de pretexto para que os presidentes administrativos de todos os municípios do distrito de Setúbal homenageassem o dr. Helder Madeira, que a partir de hoje é substituído no cargo de governador civil daquele distrito.

Helder Madeira, que no decurso do encontro foi unanimemente considerado como «o homem que mais consequentemente defendeu os trabalhadores, de todos os que passaram

pelo Governo Civil de Setúbal», salientou em resposta nunca ter sido seu propósito «colocar as questões partidárias em incidência», recordando o resultado das últimas eleições, em que a população do distrito de Setúbal «optou por uma unidade de esquerda, com um proletariado rural e industrial, o que signifi-

ca uma possibilidade de aliança com todas as forças progressistas».

A concluir a sua breve intervenção-resposta Helder Madeira sublinhou que a coesão «deve manter-se no nosso espírito de luta contra os monopólios, os latifúndios, os intermediários, contra o capitalismo em geral».

CONFERÊNCIA SOBRE DESARMAMENTO

Portugueses em Helsínquia

Uma delegação do Conselho Português para a Paz e Cooperação (CPPC) está presente na Conferência de Representantes da Opinião Pública pelo Desarmamento, inaugurada ontem em Helsínquia, pelo presidente da Finlândia, Uhro Kekkonen.

Integram a delegação Silas Cerqueira, Carlos Candal, Kalidás Barreto, Pinto Correia, padre Sousa Fernandes, Rui Grácio e Manuel Vicente. Como convidados estão ainda presentes o major Moniz Barreto, Horácio Bicho, padre Miguel Ponces de Carvalho, Angela Grácio e Maria Graciosa Veloso.

Mais de cinco centenas de representantes das mais variadas organizações nacionais e internacionais — movimentos da Paz, centrais sindicais, partidos políticos, movimentos de libertação e também associações culturais e religiosas — estão presentes nesta Conferência Mundial pelo Desarmamento e pelo Desanuviamen-

tamento, que assume — sublinha uma nota do CPPC — «especial relevo, não só por evocar o primeiro aniversário da Conferência de Segurança e Cooperação Europeias e sublinhar a necessidade de passar do desanuviamiento político ao desarmamento militar, mas também por reflectir a exigência crescente da opinião pública e de numerosos Estados (socialistas, do terceiro mundo e neutrais) no sentido de fazer cessar a corrida aos armamentos». O CPPC lembra, por outro lado, que, como primeiro passo para tal objectivo avulta «a necessidade de convocar a Conferência Mundial dos Estados pelo Desarmamento, o que será objecto de debate profundo na Assembleia Geral da ONU em Outubro e Novembro».

Recorde-se que a posição oficial de Portugal, expressa pelo então ministro Melo Antunes, era favorável à convocação desta conferência.

Despacho condiciona
uso de salvo-condutos

O regime de aplicação ou facultação, aos viajantes que não possuam passaporte, de salvo-condutos, foi objecto de despacho no «Diário da República» assinado pelos secretários de Estado do Tesouro e do Orçamento, e válido conforme salienta o documento em questão, para Espanha.

De acordo com o diploma, «os salvo-condutos, que serão individuais, só poderão ser concedidos em casos excepcionais ou de urgências, a apreciar pela Guarda Fiscal, e não podendo a sua validade exceder três dias contados a partir da data de saída do País».

Os viajantes que utilizem os salvo-condutos, ainda segundo o despacho, não poderão

transportar consigo valores individuais, notas ou moedas, superiores a 400 escudos, por cada dia de permanência em Espanha. Todavia, sendo maiores, o despacho conjunto daquelas secretarias, que aponta como maiores os cidadãos com mais de 18 anos prevê um máximo de 1000 escudos em notas e moedas metálicas estrangeiras. Aquela quantia poderá, não obstante, ser reduzida, conforme se trate de pessoas de idade inferior a 18 anos, mas igual ou superior a 12, e de pessoas de idade inferior a 12 anos, para as quais se admite que aquele quantitativo seja reduzido a 600 e 300 escudos, respectivamente, das notas ou moedas metálicas estrangeiras.

S.  R.MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIADIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/58249, arquivado 11023, para o estabelecimento na freguesia e concelho do Seixal, de uma linha aérea a 15 kV, com 190 metros, do apoio n.º 18 da linha Fogueteiro-Seixal ao Posto de Transformação 15-3-112 Pé-Leve.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 9 de Setembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S.  R.MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIADIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/40780, arquivado 4, para o estabelecimento nas freguesias de Montijo e Pinhal Novo, concelhos de Montijo e Palmela, de modificação da linha aérea a 6 kV, S. Francisco-Pinhal Novo, sem aumento de comprimento, introduzindo o apoio n.º 58 A e deslocando o apoio n.º 28.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 17 de Setembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Angelino Pires dos Santos

S.  R.MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIADIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/57966, arquivado 4, para o estabelecimento na freguesia de Casal Comba, concelho de Mealhada de uma linha aérea a 15 kV, com 41 metros, do apoio n.º 8 da linha para o Posto de Transformação da Imar — Indústria de Mármore, Lda., ao Posto de Transformação de Manuel Pereira de Sousa.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 16 de Setembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Angelino Pires dos Santos

S.  R.MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIADIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS
ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/21376, arquivado 4, para o estabelecimento nas freguesias de Branca e Beduído, e concelhos de Albergaria-a-Velha e Estarreja, de uma linha aérea a 15 kV, com 8510 metros do Posto de Seccionamento de Beduído (apoio n.º 34-A da linha Avançada-Sernada à Subestação de Albergaria, incluindo o troço já licenciado, com 8109 metros, do posto de seccionamento de Beduído ao apoio n.º 53).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 16 de Setembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Angelino Pires dos Santos

S.  R.MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIADIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS
ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/57956, arquivado 4, para o estabelecimento na freguesia de Amora, concelho do Seixal, de uma linha mista a 15 kV, com 374 metros, constituída por um troço aéreo com 214 metros e por um troço subterrâneo com 160 metros, do apoio n.º 6 da linha Fogueteiro-Seixal ao Posto de Transformação 15-3-202 Matias.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 15 de Setembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S.  R.MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIADIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS
ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/58057, arquivado 4, para o estabelecimento na freguesia de S. Sebastião, concelho de Setúbal, do troço final da linha aérea a 30 kV, S. Sebastião-Sado, (LI-30-87 S. Sebastião-Sado), com 627 metros (com 3 condutores até ao apoio n.º 53, e 6 condutores constituindo 2 ternos, do apoio n.º 53 ao apoio n.º 55) numa extensão de 601 metros, entre o apoio n.º 55 e o pórtico da futura subestação do Sado a 60/30 kV.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 13 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

Nacional

EM S. MARTINHO DO CAMPO, TERRA DO "COMENDADOR"

Ecos do passado e vozes do presente (com bombas)

Como o sr. comendador da vida dinheiro para tudo, com certeza deu para as bombas a julgar que era para a beneficência de S. Vicente de Paulo — foi com esta beata defesa da «boa imagem» do industrial Abílio de Oliveira, detido em Caxias, que entrámos em S. Martinho do Campo, após a passagem de nível de Lordelo. Situada nos confins do concelho de Santo Tirso, S. Martinho do Campo é uma freguesia ensombrada, submissa. Grande centro fabril têxtil, para ali convergem ranchos de trabalhadores a vender a sua força de trabalho. São milhares de braços que têm feito fabulosos lucros com os suores vertidos ao longo dos anos. Abílio de Oliveira foi um dos bafejados com esses lucros e, por isso, S. Martinho é quase um feudo daquele a quem o fascismo doou comenda.

A meio da freguesia, na rua principal estão os restos da casa destruída à bomba. São quatro paredes apenas. Negras, cheias de fendas. O resto foi consumido pelo vulcão de chamas que naquela madrugada de 21 de Maio eclodiu, de uma forma sinistra, alarmando toda a população. «Foi a noite mais negra da minha vida», disseram-nos Jambá e o povo de S. Martinho do Campo poderá esquecer o crime pago com trinta contos. As quatro paredes, as cinzas que ainda lá estão são um monumento tétrico da barbaridade fascista. São também o detonador da revolta, da insubmissão, da intensificação da luta contra aqueles que sonham com o regresso ao passado da opressão. Os responsáveis pelo hediondo crime jamais poderão ser ilibados de culpa. Mas há quem passe por ali e, mesmo sem levantar os olhos, vocifere ódio por todos os poros: *A bomba foi muito bem posta, deviam morrer todos.* Outrem há que pretende a aplicação da sentença de Salomão: *era fazer-lhe o mesmo, pegar-lhe lume e deixá-lo arder.*

Em S. Martinho do Campo existem como se vê dois conceitos, bem antagónicos, de

justiça. Não há, porém, uma demarcação clara destes conceitos ao nível da estratificação social, uma vez que existem muitos trabalhadores que alinham com as posições dos grandes senhores, enquanto outros se ficam pelo encolher de ombros, descomprometido e tímido, de um «pague quem deva».

Com a figura mais distinta daquela região criada no pelo fascismo, actualmente em Caxias, S. Martinho do Campo é centro dos mais díspares boatos, das mais desencontradas opiniões. Há os que acreditam que, efectivamente, o «sr. comendador» está altamente implicado nos atentados terroristas; aqueles que não querem acreditar; os que evitam que se acredite e os que não acreditam, definitivamente por ingenuidade. Uns exigem justiça com «fogo com ele», outros limitam-se a exclamações do género «é tão boa pessoa, parece impossível», ainda outros dizem que tudo é «manobra dos comunistas»; os últimos só têm duas palavras: «está inocente» e prometem foguetes à chegada do comendador, quando ele sair da prisão.

QUEM VEICULA A INFORMAÇÃO?

Poquê esta diversidade de opiniões? Porquê, se logo após o criminoso atentado registado em S. Martinho do Campo ecoou bem alto a onda de repulsa e protestos populares? A resposta é simples e radica num problema fundamental ao nível de muitas regiões do País que é o da veiculação e controlo da informação. Que é que, no fundo, se impõe ao povo através das suas palavras, das suas «verdades»? Não são os srs. fulano de tal e cicrano de tal e tal que já no antigamente eram os informadores? Não são as chamadas forças vivas que, cada vez mais ostensivamente, se exibem neste país em revolução travada? Não são eles que impõem as suas versões? Que controlam o poder local?

É verdade que a elaboração

mental poderia barrar, à partida, este domínio informativo, mas ela é praticamente inexistente, reduzida, e por isso cabe-nos perguntar se não compete às entidades responsáveis, ao Governo em suma, esclarecer sem equívocos a população sobre a situação dos bombistas detidos em Caxias. Esclarecer e fazer difundir profusamente essa explicação.

Entretanto o domínio informativo dos senhores é evidente e, por isso, a afirmação de que «o sr. comendador vai fazer muita falta e vocês ainda vão chorar por ele» é lamentoso que exala da boca de simples e vergadas operárias de S. Martinho do Campo. Por isso a esperança vesga no regresso: «vem amanhã», «vem para a semana». Por isso a comiserativa exclamação «coitadinho ele era tão bom». Por isso a festa: «O povo até tem foguetes». Por isso...

Mas S. Martinho do Campo não é só receptáculo dos que querem impor as forças vivas. A freguesia é, também, protesto e revolta, embora pouco evidente. Há operários a quem o peso da exploração emulsionou a consciência e, por isso, ouvimos a propósito das tentativas de ilibação do «sr. comendador»: *se fosse um pobre-tanque qualquer já estava mais que condenado!*

Andámos pelas zonas públicas de S. Martinho do Campo, «feudo» de Abílio de Oliveira. Grande parte das terras é dele e família. Algumas fábricas também. Falámos com muita gente para quem não eram jornalistas mas tão-só um desconhecido. E a ideia geral com que deixámos aquela zona fabril foi de que quase toda aquela gente vive ao sabor dos «senhores». Nada é do povo. Nem a sua liberdade de pensar. Porque não podem pensar senão em função daquilo que os «senhores» quiserem que eles pensem.

Ainda não chegou aqui o 25 de Abril — dizia-nos uma das poucas pessoas que se nos mostraram conscientes da dominação reinante.

O medo foi também outro aspecto que apreendemos das pessoas. O que se compreende facilmente: há as represálias, os despedimentos, as ameaças, etc...

AS FÁBRICAS E A ESTALAGEM

S. Martinho do Campo. Uma igreja. Cinco «cafés». Duas associações recreativas. Escolas insuficientes. Um campo de futebol com as medidas máximas. E contíguo à freguesia, o célebre convento de Sisverga, grande consumidor do pasquim «A Rua» (falaram-nos em mais de duas dezenas de exemplares por semana). Tudo isto entre duas realidades bem demarcadas: as fábricas (cerca de doze) e a estalagem. Sim, S. Martinho do Campo tem a sua estalagem que é, para além das quintas, o local de reunião dos «senhores».

Zona «proibida» para os operários, dali partem os planos da dominação rotineira. As terças-feiras lá estão os senhores industriais em opíparo repasto. Entre copos e pratos, o almoço prolonga-se pela tarde dentro naquele salão de meia-luz, rústico. Sorvos e mastigadelas lentas entremesam aspalavras, enquanto os trabalhadores, acabada a sua refeição ligeira e por vezes fria, há muito puseram os teares em laboração. Todas as semanas a refeição alarga-se por mais

de duas horas. E a confraternização que os industriais reivindicam de legítima, necessária, insubstituível, actualmente assinalada por uma ausência: a do comendador. Entretanto, os trabalhadores talvez nem uma vez por ano confraternizem. Nem o 1.º de Maio que para aquelas bandas não é ainda data bem assinalável.

S. Martinho do Campo que particamente não é habitada pelos senhores industriais (as quintas ficam em S. Tirso, Penafiel, etc.) tem uma população flutuante da ordem dos 6.000 operários, sendo de cerca de 2.000 a população residente. Os actos eleitorais tem revelado uma maior simpatia dos habitantes pelo PS que, quer em 1975, quer este ano venceu, segundo do PPD. Nas eleições presidenciais a vitória coube ao gen. Ramalho Eanes, sendo, porém, de assinalar a circunstância de o n.º de votos obtidos conjuntamente pelo maj. Otelo e alm. Pinheiro de Azevedo ser superior aos do actual presidente.

AS MARCAS DA EXPLORAÇÃO

A «Flor do Campo», uma das maiores fábricas da freguesia é outra realidade significativa para o povo da região. A ela está indissolivelmente ligado um nome: Abílio de Oliveira, cuja fortuna foi conseguida — conforme várias referências feitas — «pisando tudo e todos ao longo dos tempos».

Falar da «Flor do Campo» é, pois, evocar longos anos de exploração. *Aquilo era um autêntico inferno aqui há uns anos; trabalhava-se horas e horas nos domingos e feriados e nada era pago, chegando alguns operários a levar pancada.* Palavras de um amigo operário, ossos à flor da pele, num corpo frazino, acabado. Mas ele fala: «comeu-me o sangue e a carne e quando me viu só com os ossos não quis saber mais de mim». Ao fim de quase 40 anos de trabalho com milhares de horas extraordinárias por receber foi despedido pelo patrão Abílio de Oliveira. Tem naquele resto de corpo a marca do que dele fizeram. É um farrapo. Falou-me sem raiva, mas com revolta, aquela revolta natural de quem toma consciência da exploração de que foi vítima durante dezenas de anos.

Outras pessoas nos falaram da «Flor do Campo», do seu dono e senhor, agora apenas administrador desde as partilhas. *Quando a fábrica fez 25 anos houve uma festa comemorativa na qual o sr. comendador ofereceu um relógio aos operários que trabalhavam desde o início, e, enquanto na adega abriu uma ou duas pipas de vinho para os trabalhadores, num dos salões da empresa gente que nada produzia banquetear-se com champagne e mariscos, tudo à grande.*

Contaram-nos, também que em Junho, antes das férias deste ano, o sr. comendador convocou um plenário no qual chamou segundos filhos aos operários, distribuiu parte dos lucros (cerca de 2.000\$000 a cada trabalhador) mas acabou por dizer que não pagava os retroactivos a que os trabalhadores têm direito e que se elevam a algumas dezenas de milhar de contos.

Referiram-nos, ainda, casos incríveis de despedimentos resultantes de represálias sobre familiares de determinados trabalhadores. Como exemplo friaram-nos o facto de Abílio de

Reportagem de LUIS HUMBERTO

Oliveira ter despedido 3 irmãos e um cunhado de um trabalhador que se despedira para se empregar noutra empresa que lhe oferecera melhores condições.

Todavia, o facto mais marcante do passado da «Flor do Campo» é outro: durante anos enquanto o pai trabalhava na firma, Abílio de Oliveira desdenhava ser tratado como filho e exigido que o pai o tratasse por «sr. Oliveira», enquanto ele o tratava simplesmente por Alfredo. O «sr. Oliveira» era dono.

Mas como o homem vale por aquilo que é e não por aquilo que tem há gente em S. Martinho do Campo que já não se deixa enganar. São poucos, mas há-os. Por exemplo um trabalhador que começou por ganhar \$70 por dia dizia-nos com toda a clarividência: *com o negócio honesto ninguém enriquece, só enriquece o indivíduo que deixa em casa o coração e leva consigo apenas os olhos e a inteligência.* Para este homem, a quem as vicissitudes da vida abriram os olhos, «o capitalismo é um verme tremendo» e aqui se adivinha, facilmente, qual a sua opinião sobre o industrial-comendador.

DOACÇÕES E PROMESSAS

Tido como grande «benemérito», Abílio de Oliveira doou (que se saiba) a S. Martinho do Campo o salão paroquial (onde passam maus filmes) e fez o campo de futebol. Num lado e no outro entretêm os trabalhadores. No entanto, nunca cumpriu a promessa feita em 1960 de construir dezenas de casas «para os pobres», no monte de Lombão; nem doou a fábrica das instalações sociais que a sua dimensão exigia. «Dono e senhor» de S. Martinho do Campo, Abílio de Oliveira nunca quis deixar de estar ligado a todos os melhoramentos da freguesia, de tal modo que as crianças da região ainda estão à espera da sua «mão benemérita» para conseguirem o infantário que, no tempo do fascismo, a junta de freguesia conseguiu ver prometido pelo Governo, mas que o sr. comendador, solícito e apressado, disse responsabilizar-se pela sua construção.

EM CAXIAS «DE FÉRIAS»...

Retornemos ao ambiente que se vive em S. Martinho do Campo onde é evidente um clima de coacção e ameaça.

Por um lado na «Flor do Campo» gera-se uma guerra de comunicados pró e contra co-

mendador, sendo conhecidos casos de coacção sobre aqueles que esboçam recusas em assinar documentos pró. Por outro lado estão a ser organizadas excursões a Caxias, enquanto se ouvem ameaças da boca de pessoas afectas ao comendador. É o caso da sua irmã que, no estabelecimento de S. Salvador do Campo, diz que quando o irmão sair da prisão «vai pôr a cavar horta os que estão contra ele».

Como tem noticiado a Imprensa, Abílio de Oliveira está detido em Caxias por implicação directa no bombismo. Impendem sobre ele acusações (bastante pormenorizadas) de ter ordenado e financiado a colocação de várias bombas, nomeadamente uma das mais trágicas — a de S. Martinho do Campo que destruiu a casa do antifascista António Teixeira, matando-lhe a mulher.

No entanto, mercê dos boatos lançados, os motivos daquela prisão são outros. Para uns «o patrão está preso porque o Ramiro foi com o Regadas pedir emprego ao sr. comendador, mas como pretendia 40 contos ele disse-lhe que não e vai daí o Ramiro disse-lhe que ia pôr-lhe duas bombas» (apesar da pouca clareza isto vem ao encontro da suspeita de que o agente Júlio Regadas, também detido, esteve várias vezes na «Flor do Campo»). Para outros é por ter almoçado com o Alpoim Calvão em Vigo. Há ainda quem diga que é «por ter mandado dinheiro para o Brasil». Não falta, por outro lado, quem desabafe que «ele está preso porque quer», «que só está à espera que digam quem o denunciou e que na TV e jornais desmintam a sua implicação». Por mais ridículo que pareça há também quem pensa que o comendador não está em Caxias, mas numa casa particular, em Lisboa, ou até, conforme ouvimos também, em Caxias sim, mas «num quarto alcatifado, com televisão, a mulher e tudo». Isto certamente integrado na versão que tem sido trazida de Caxias por algumas pessoas que têm visitado o comendador: «ele está muito bem disposto e diz que até estava a precisar de umas férias».

Sobre o Ramiro Moreira por outro lado, há quem não tenha reboço em afirmar que ele é comunista. Porquê? É simples: «Porque quem põe bombas não teme a Deus e só os comunistas não temem a Deus».

A justificação para toda esta maneira de pensar encontrámo-la nas palavras daquele trabalhador arguto e evigilante: «o povo ainda anda subjugado, confiando nos que o exploram e que até aqui nunca lhe deram nada sem ser em seu proveito».

PUB

SINDICATO DOS OFICIAIS MAQUINISTAS DA MARINHA MERCANTE

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do art.º 33.º dos Estatutos convoco a Assembleia Geral a reunir extraordinariamente no próximo dia 8 de Outubro, pelas 22 horas, na Sociedade Instrução Guilherme Cossoul, Av. D. Carlos I, 61-1.º, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

- 1 — Informações sobre a evolução dos acontecimentos relativos à organização do Congresso de todos os Sindicatos Portugueses.
- 2 — Congresso dos Sindicatos.

Esta Assembleia será antecedida de uma reunião geral de esclarecimento, com a presença de elementos de algumas tendências no seio do movimento sindical português, a qual terá início às 20 horas.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Manuel Vicente Pereira

PUB.

ESCOLA NOCTURNA DE MOSCAVIDE

Necessitamos pessoas para ensinar o Ciclo Preparatório e Curso Geral a trabalhadores estudantes. O ensino é gratuito. Contacte das 21 às 23 horas do dia 16 a 25 pelo T. 2518985.

A SUBCOMISSÃO DO ENSINO DA COMISSÃO DE MORADORES
R. ANTÓNIO MARIA PAIS, 6-4.º E.

Trabalho

Grupo capitalista brasileiro tenta recuperar Pão de Açúcar

— contactos desenvolvem-se a nível do Primeiro-Ministro

O grupo capitalista brasileiro que detinha a maioria do capital da empresa proprietária dos Supermercados Pão de Açúcar até à sua nacionalização está a desenvolver diligências junto do Primeiro-Ministro no sentido de recuperar as posições perdidas.

Tal é o sentido de uma extensa carta enviada em fins de Julho, ao dr. Mário Soares pela Supermercados Pão de Açúcar S. A. de São Paulo, na qual explicitamente se manifesta a «esperança de que estejam reunidas as condições necessárias para podermos iniciar negociações conducentes a restabelecer os nossos legítimos direitos» — expressão bastante longa que significa, mais simplesmente, *recuperação capitalista*.

O texto do documento só recentemente foi comunicado pelo gabinete do Primeiro-Ministro

aos órgãos representativos dos trabalhadores da SUPA — Companhia Portuguesa de Supermercados, (Pão de Açúcar Português). Ele permite-nos dar a conhecer a extensão dos contactos já estabelecidos pelo grupo brasileiro no sentido de recuperar o domínio da filial. Com efeito, foram desenvolvidas sucessivas diligências junto dos próprios órgãos de gestão da SUPA, nomeados pelo Governo, e da comissão de inquérito que realizou a peritagem à empresa.

Os ex-patrões são francos, para o dr. Mário Soares: «O Grupo Pão de Açúcar não tem mantido uma atitude passiva ao longo de todo este tempo, mas antes, bem pelo contrário, tem feito tudo quanto lhe tem sido possível». E clarificam os seus intuitos: «O Governo português não pode nem deve ignorar os legítimos direitos do

accionista brasileiro que, além de accionista sente o orgulho de ter servido Portugal», etc., etc.

O Grupo estaria assim aberto «a todas as soluções que não sejam lesivas dos nossos interesses nem nos afastem da participação no capital e na gestão da sociedade que criámos...»

Para justificar tais pretensões, o grupo brasileiro argumenta que «a situação económica e financeira de todo o conjunto se vem deteriorando, de tal forma que hoje já não pode subsistir sem empréstimos auferidos da banca avaliados pelo Governo português». Mas cala os apoios da banca de que beneficiou por via da CUF, monopólio português que integrava um amplo sector bancário e que, a partir de 1970, passou a controlar cerca de 49 por cento do capi-

tal da SUPA...

Os trabalhadores estão atentos ao desenrolar da manobra, embora se interroguem sobre os verdadeiros objectivos da comunicação do teor daquela carta, sabido como é que ela invoca argumentos destinados a semear a confusão entre o próprio pessoal da empresa.

DISCRIMINAÇÃO

Entretanto, os trabalhadores das quatro cadeias de supermercados nacionalizadas submetidas à gestão da mesma comissão administrativa falam da SUPA, Nutripol, A. C. Santos e Boa Ajuda Modelar) vêm-se na obrigação de exigir a uniformização de procedimentos em relação ao cumprimento de obrigações contratuais de trabalho, concretamente no que se refere a retroactivos e actualização de vencimentos.

Esta movimentação resulta de um conjunto de medidas tomadas pela comissão administrativa das quatro empresas, nomeada ainda pelo ministro Magalhães Mota com oposição dos trabalhadores, e que estes consideram divisionista. De facto, a comissão administrativa solicitou um aval ao Governo, que foi concedido e que se destinava em grande parte ao pagamento de um terço dos retroactivos devidos a todo o pessoal. No entanto, eles só foram pagos aos trabalhadores da SUPA.

Esta actuação discriminatória ocasiona, inclusivamente, discrepâncias flagrantes. É o caso de trabalhadores com a mesma categoria, desenvolvendo a sua actividade na mesma secção, que, pelo facto de serem provenientes de empresas distintas, são objecto de tratamento diferenciado, que de modo algum se justificaria em função das obrigações contratuais que a comissão administrativa deveria cumprir.

A questão será debatida e objecto de decisão em plenário a realizar no próximo dia 3 de Outubro, na Voz do Operário, pelas 15 horas. Estão convocados para esta reunião todos os trabalhadores das quatro empresas.

PORTUGÁLIA, 1000 TRABALHADORES Conselho de Ministros fez pedido de falência

Em declarações à ANOP, os trabalhadores da Tinturaria Portuguesa mostraram-se decididos a manter em pleno a laboração de todos os departamentos da firma, apesar de o Conselho de Ministros ter para os Assuntos Económicos aprovado, ontem, o pedido de declaração de falência da empresa ao abrigo do Decreto-Lei nº 4/76.

Um membro da Comissão de Trabalhadores afirmou, esta manhã, que a decisão do Conselho de Ministros colheu de surpresa «todos os trabalhadores, pois a situação da firma não seria tão precária como aquela decisão poderá dar a entender», acrescentando que o património da Portugalá vale muito mais que as dívidas, no montante de oito mil contos à Previdência e dez mil «deixados pela entidade patronal».

A Comissão de Trabalhadores tencionava avistar-se ainda hoje, com as direcções dos Sindicatos dos Têxteis, Moto-

ristas, Escritórios e Comércio, que são os que integram a maior parte dos trabalhadores da empresa, para análise da situação e das posições a tomar, na audiência a solicitar ao Ministério do Trabalho.

Recorda-se, a propósito, que o Decreto 4/76, ao abrigo do qual o Conselho de Ministros pediu a declaração de falência da «Portugalá», diz no seu artigo 4 que «ao administrador da falência, para além do estabelecimento na lei geral, compete garantir e assegurar, quando for esse o caso, a continuidade da laboração da empresa» e, na alínea 2 do seu artigo 6, que «o Estado assegure, na medida do possível, o cumprimento dos contratos de trabalho vigentes».

Ao que afirma o citado membro da Comissão de Trabalhadores, a «Portugalá» que tem cerca de mil trabalhadores ao seu serviço e 40 estabelecimentos espalhados pela cidade, está em plena laboração.

HOTEL ROMA

Dirigentes sindicais "não podem" reunir com empregados

O Sindicato dos Trabalhadores da Hotelaria, Turismo e Restaurantes do Sul denuncia, num comunicado agora divulgado, a situação que se vive no Hotel Roma, onde a administração daquela unidade tem tomado medidas tendentes a impedir a presença de dirigentes sindicais e a efectivação de reuniões do pessoal.

As razões de tal tomada de posição da parte da administração daquele hotel são, de acordo com o comunicado do Sindicato, o facto de não ser cumprido o «Contrato Colectivo de Trabalho em vigor, apesar de o poder cumprir e saber que a presença de dirigentes sindicais pode levar os trabalhadores a exigirem aquilo a que têm direito».

Ainda citamos o comunicado do sindicato, «não respeitando a lei e atentando contra os mais elementares direitos dos trabalhadores, o senhor coronel produz na sua empresa ordens de

serviço como se continuasse no quartel a comandar soldados em vez de dirigir uma empresa».

Na base deste diferendo entre a administração do hotel Roma e a direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Hotelaria, encontra-se um ofício daquele organismo sindical, em que comunicava à administração a sua pretensão de realizar, no dia 21, uma reunião com os trabalhadores.

A esse ofício respondeu a administração do Hotel Roma que «neste momento não achamos conveniente a presença de elementos dessa Direcção num plenário de empregados desta empresa, como entendemos, também, que pela análise de vários factos actualizados em iure não achamos oportuna tal reunião». Mas, a C.A. do hotel considerava que se os delegados sindicais «por sua iniciativa, considerarem necessário promover qualquer ple-

nário» tal seria autorizado desde que tivesse conhecimento da agenda de trabalho, o pedido fosse feito com 48 horas de antecedência, não podendo comparecer empregados de serviço e estando presentes mais de 50 por cento dos empregados, sendo «expressamente proibida a presença de elementos estranhos à empresa».

Apesar disto, a reunião efectuou-se, mas foi considerada pela administração como selvagem, com a promessa de que tomaria «atitudes sequentes» junto das respectivas autoridades administrativas e judiciais.

Para o sindicato, o que acontece é que a administração desconhece a lei (capítulo III, do Decreto-Lei 215-B/75) que permite a reunião e a presença de dirigentes sindicais desde que anunciada com um dia e seis horas de antecedência, o que foi feito, afirma.

INTENTO

Comissão de trabalhadores suspensa pelos gestores

A Comissão de Trabalhadores da Intento, empresa de construção sob intervenção do Estado, encontra-se suspensa desde o passado dia 22, data em que se reuniu com a intenção de se pronunciar acerca do futuro da empresa, correspondendo, de resto, a um apelo da Comissão de Gestão, que para tal tinha concedido um prazo de cinco dias.

Os nove elementos da C. T. foram igualmente «contemplados» com a instauração de processos disciplinares. Ambas as decisões, tomadas pela Comissão de Gestão, um engenheiro e um economista nomeados pelo Ministério da Indústria e Tecnologia em Novembro de 1975, foram tornadas públicas no próprio dia da reunião.

Num documento divulgado pelos elementos da Comissão de Trabalhadores, afirma-se que os elementos da Comissão

de Gestão se reunem, pelo seu lado, sem disso darem conhecimento aos trabalhadores, com os antigos patrões (suíços e portugueses) nas instalações da Intento.

Depois, interroga-se a C. T. suspensa:

«Será que o Governo, mais propriamente o Ministério da Indústria, pretende negociar o futuro da empresa com os antigos patrões sem qualquer conhecimento dos trabalhadores? Será que o Governo se esquece que foram os patrões que levaram a Intento à precária situação económica que originou a intervenção do Estado? Será que o Governo não se lembra que os patrões pretendiam colocar no desemprego 300 trabalhadores? Será que o Governo ignora os sacrificios feitos pelos trabalhadores para a melhoria da situação da empresa?»

Forte mobilização de classe para o Congresso dos Sindicatos

— propugna a Frente Socialista Popular

«A F. S. P. defende que o próximo Congresso dos Sindicatos terá de ser amplamente democrático, aberto a uma frança e vasta participação dos trabalhadores, visando a eliminação de divergências existentes para que a unidade dos trabalhadores seja, na prática, uma realidade» — lê-se num comunicado da comissão coordenadora de acção sindical e trabalho da Frente Socialista Popular sobre o próximo Congresso sindical.

A F. S. P. considera fundamental a participação activa dos trabalhadores na discussão das questões suscitadas pelo Congresso, o qual deverá resultar de «uma forte mobilização de classe».

Para este Partido o Congresso terá de «realizar-se em tem-

po útil para os interesses dos trabalhadores», pois, de outro modo, «as forças do capital largamente representadas no aparelho do Estado poderiam conseguir levar à prática uma série de medidas administrativas antipopulares e antioperárias, perante as quais as decisões do Congresso se revelassem tardias».

Pronunciando-se sobre o polémico princípio da paridade, invocado pelas direcções sindicais afectas à «Carta Aberta», a F. S. P. afirma que, «a admitir-se tal princípio, teríamos que considerar que, além das actuais linhas detectadas no movimento sindical, muitas outras poderão surgir com mais ou menos sindicatos a defendê-las, e então teríamos grupos de sindicatos, repre-

sentando sectores ínfimos da população trabalhadora, reivindicando a sua participação paritária a nível da organização do Congresso». Assim, a paridade é apenas um «pretexto que as forças políticas que manipulam as direcções dos sindicatos subscritores da «Carta Aberta» necessitaram de inventar para a criação de condições propícias à divisão do movimento sindical» — lê-se, ainda, no referido documento.

Quanto ao direito de tendência, «tão acerrimamente defendido por algumas forças políticas», ele constitui a «negação total do princípio da democracia no seio da Central Sindical Única dos Trabalhadores — a Intersindical». A aplicação desses direitos levaria à «penetração dos partidos políticos nos sindicatos».

Pessoal da Tirol farto de "promessas"

Abandonada há meses pelo patrão, a fábrica de malhas «Tirol» de Barcelos, que ocupa cerca de 330 trabalhadores, enfrenta neste momento tentativas da entidade patronal para obter a declaração da falência da firma.

Os trabalhadores conseguiram manter a fábrica em funcionamento com sacrifício dos seus salários para compra de matérias-primas e, neste momento, conforme nos declarou esta manhã um elemento da comissão de trabalhadores, estão a atingir uma das melhores facturações de sempre.

As dificuldades começaram a surgir há cerca de dois anos, quando os trabalhadores se aperceberam das anomalias existentes e dos erros da administração, que se traduziam na venda de produtos por baixo preço a fim de liquidar dívidas à banca e crescente desinteresse na compra de matérias-primas. Ameaçados os postos de trabalho os trabalhadores avançaram com propostas de recuperação e tentaram obter a colaboração da entidade patronal.

Esta não aceitou e acabou por abandonar a empresa que tem subsistido graças ao esforço dos trabalhadores, que conseguiram matérias-primas no valor de cerca de mil contos, aumento de produção e melhoria das condições de trabalho. Todavia não lhes foi possível saldar as dívidas deixadas pelo patrão, que incluem 3.500 contos ao pessoal e elevados débitos à banca da ordem dos 60 mil contos.

O patrão regressou há dias, após o discurso do Primeiro-Ministro, e renovou ameaças de despedimento, não concretizadas pela unidade que os trabalhadores mantiveram. Ontem, em reunião efectuada na delegação do M.T. em Braga, o patrão apresentou a proposta da entrada de dois novos sócios, o que os trabalhadores recusaram uma vez que ambos não traziam capital e apenas faziam promessas. Além disso, deles nenhum está integrado naquele ramo da indústria.

Em reunião efectuada na empresa esta manhã a C.T. e os trabalhadores reafirmaram a

sua posição de só aceitarem sócios com capital. Afirmam ainda que «a entidade patronal, neste caso, devia estar na empresa para assumir os seus compromissos em vez de recusar a colaboração que os trabalhadores estão dispostos a dar e com a qual têm mantido a empresa em funcionamento». A C.T. pergunta: «quais as razões do regresso do patrão e quais as suas intenções neste momento?».

Por outro lado, pergunta se o Governo vai deixar que esta situação nas malhas «Tirol» signifique a perda do seu trabalho, após todos os esforços que desenvolveram até ao momento. E afirmam: «não podemos consentir que o Governo só esteja a dar força aos patrões». Os trabalhadores levantam a possibilidade de intervenção estatal e tentam igualmente um acordo com os credores, o que pensam não ser impossível porque, afirmam, «tanto os credores como os clientes, além da banca, recusam o diálogo com o patrão devido ao seu comportamento incorrecto».

Estrangeiro

Chile. Uma realidade trágica. Um símbolo. Uma lição. Para todos nós. Mas em especial para aqueles que embalados pelas sereias do legalismo e da democracia formal se viram de repente perante a besta que julgavam degolada em 1945. De repente, brutalmente, todos acordamos para o pesadelo. O fascismo nas suas formas mais repugnantes, mais primitivas, ressurgia. Sem máscaras. Chicoteavamos.

Em Argel, depois do golpe de Pinochet, Eduardo Salum, membro do Partido Socialista e embaixador do governo da Unidade Popular, conservava o seu cargo. Mas agora como representante da Resistência Chilena.

Foi com Eduardo Salum e E. Aguilar (para lhe dar um nome), este último membro do Comité Central do P.S. Chileno que tivemos uma longa conversa no local da Rua Rabah Noél, que antes tinha servido de sede aos portugueses da F.P.L.N.

Por último o leitor desculpará a insistência que pusémos no P.S. Chileno. Não se trata de nenhuma preferência dada a este partido em desfavor das outras forças que compõem a Resistência Chilena. Trata-se tão-só de procurar compreender porquê e como um partido socialista pode ser um partido revolucionário. Coisa que, confessemos, não é corrente nesta Europa em que Deus nos plantou.

1. Constituindo o Partido Socialista Chileno, por assim dizer uma surpresa, já que os nossos modelos europeus nos fazem ver os P.S. como partidos sociais democratas, apresentando-se pois o vosso partido como um partido revolucio-

monstrando o nascimento e desenvolvimento de uma consciência proletária à procura de uma expressão orgânica que a unisse e a guiasse.

E na visão do lutador revolucionário Luis Emilio Recabarren é a maturidade política al-



A última fotografia de Salvador Allende, a uma janela do Palácio de la Moneda

nário, gostaria que vocês, camarada Aguilar e camarada Salum nos historiassem brevemente a razão desta posição do Partido Socialista Chileno: qual foi a sua origem, como se constituiu e como evoluiu até às posições actuais, posições que veríamos depois mais em detalhe.

A história do Partido Socialista Chileno é uma parte da história do movimento popular chileno e latino-americano.

As suas origens encontram-se nas tentativas organizacionais que desenvolvem a classe operária e o povo chileno desde a segunda metade do século passado.

Não se pode falar do P.S. sem recordar por exemplo o Centro Social Obrero, fundado em 1898, o Partido Obrero Francisco Bilbao, a Unión Socialista e Partido Socialista. Se é certo que estas organizações tiveram uma existência breve, outras lhes sucederam de-

cançada pela classe operária e pelo povo trabalhador que permite a formação do partido político da classe operária: o Partido Obrero Socialista, que se define desde a sua fundação em 1912, como marxista.

Mais tarde, a introdução do capital financeiro estrangeiro provoca grandes migrações para as cidades, criando uma grande disponibilidade e aumento da mão-de-obra barata, facto que é aproveitado pelo imperialismo da época para sobreexplorar os trabalhadores.

No plano internacional a Primeira Guerra Mundial acentua a crise económica, social e política no Chile. Por outro lado, a Revolução Russa e a criação do primeiro estado socialista no Mundo, fortalece a luta dos trabalhadores chilenos. Estes factos somados ao nascimento da Terceira Internacional, fazem com que o Partido Obrero Socialista a ela adira, ainda que, só em 1922

se decida converter-se no Partido Comunista de Chile.

Durante uma década a classe operária é objecto de uma repressão feroz por parte da burguesia nacional estreitamente vinculada ao imperialismo da época.

Em 1932, um grupo de militares subleva-se e instaura a República Socialista do Chile, dirigido pelo Comodoro da Aviação Marmaduke Grove Vallejos. Mas o débil desenvolvimento político e orgânico das massas trabalhadoras faz com que esta experiência só dure 12 dias.

Apesar da sua curta duração a República Socialista deixa

O partido nasce como uma organização marxista, internacionalista proletária e com um profundo sentimento «latino-americano».

Em 1936 a classe operária e o Partido Socialista do Chile buscam a unidade numa frente comum com outras forças progressistas, formando a Frente Popular, que permite a conquista de um Governo Democrático Progressista em 1938, elegendo Pedro Aguirre Cerda como Presidente da República.

Nesta época levam-se a efeito as mais duras batalhas contra o nazismo que começa a aparecer na América Latina. É o Partido Socialista do Chile quem varre das ruas do País as «camisas pardas» e as «suásticas». Para isso organizam as «Milícias Socialistas», que na luta frontal com o nazismo perde valiosos quadros como Llanos, Barreto e Bástias.

Paralelamente chama as outras forças populares a formar uma única Central Operária, a Conferência de Trabalhadores de Chile que une e dirige as lutas reivindicativas da classe durante dez anos.

O Partido sofrerá mais tarde a repressão de diversos governos, principalmente o de Gabriel Gonzales Videla, que assumiu a presidência com o apoio da esquerda.

2. E depois da Segunda Guerra qual foi o caminho seguido pelo Partido Socialista?

Na década de 50 o partido é o motor principal da formação da Central Única de Trabalhadores (CUT), do seu congresso de unidade, que revitaliza as suas convicções marxistas-leninistas e o internacionalismo proletário (dando o seu apoio activo à revolução cubana desde 1953, à luta de libertação da Argélia, à organização de Libertação da Palestina, entre outros), à criação em conjunto com o Partido Comunista e outras forças de esquerda da Frente de Acción Popular (FRAP) que propõe Salvador Allende como candidato à Presidência da República, em 1958. Se é certo que senão triunfa nas eleições, a classe operária avança qualitativa e quantitativamente nos níveis ideológico e orgânico.

É através da luta permanente e combativa da classe operária e do Partido Socialista e das outras forças populares que se criam as condições para que em 1970 o candidato da Unidade Popular, camarada Salvador Allende Gossens, seja eleito presidente da República. Pela primeira vez na história, um marxista-leninista é eleito presidente da República de acordo com as regras do jogo de um regime democrático burguês.

3. A conquista do Poder, ainda que junto com outras forças, põe a questão da coerência entre a teoria e a prática do exercício desse poder. Quais foram, resumidamente, as medidas tomadas pelo governo

Allende e que reflectem esses pressupostos doutrinais?

Basta enunciar, me parece, as realizações do governo para confirmar essa coerência. O Governo Popular, do qual o PS é um dos eixos e o motor principal, tomou, entre outras, as seguintes medidas:

1 — Nacionalização dos recursos naturais (cobre, ferro, etc.) que estavam nas mãos do imperialismo americano. Indemnizaram-se as companhias estrangeiras descontando os lucros excessivos (doutrina Allende).

2 — Criação da Área de Propriedade Social (estatal) da economia. Estatizam-se ou intervêm-se nas indústrias estratégicas para o desenvolvimento económico-social e a segurança nacional.

3 — Desenvolvimento e intensificação da reforma agrária.

4 — Estatização da banca e do comércio exterior.

5 — Impulso e desenvolvimento significativo na Saúde, Educação e Habitação, criando as condições para o exercício real do direito do povo a estes sectores.

6 — Participação popular na economia (conselhos de admi-

na sua atitude para com os povos que lutam pela sua libertação e os governos do Terceiro Mundo.

A aplicação do Programa da Unidade Popular eleva o nível de vida das massas, cria novas perspectivas para elas, fortalece a consciência dos trabalhadores, permite a sua participação na direcção da vida nacional e cria, como já disse, os germes do Poder Popular.

No plano internacional o Chile é considerado um país soberano, independente, democrático e que trata de construir o socialismo em pluralismo, liberdade e democracia.

4. Veio entretanto o golpe de estado de Pinochet. Qual o seu significado? Que razões levaram a este confronto violento?

O golpe de Estado de 1973 é o triunfo da contra-revolução. A luta de classes no nosso país tinha alcançado tal grau de desenvolvimento e a natureza das transformações económicas e sociais que estava aplicando a Unidade Popular eram tão profundas que a burguesia nacional e o imperialismo tiveram que recorrer à única forma possível de interromper o processo revolucionário chileno



Manifestantes da U.C.R. — Unión Campesina Revolucionaria

nistração de empresas), na Educação (conselhos de escolas e liceus e intensificação da reforma universitária), na Saúde (conselhos locais e paritários de saúde), no campo (conselhos comunais camponeses), mecanismos de participação que foram criando ou desenvolvendo um germe de poder popular.

7 — No plano internacional o Governo Popular tem uma clara posição anti-imperialista e anticolonialista e anticapitalista que se manifesta claramente nos organismos internacionais, nas suas relações diplomáticas, económicas e culturais directas e especialmente

o golpe militar fascista. Por conseguinte o golpe não é um acidente histórico na realidade política e social do nosso país. É a expressão do nível alcançado pela luta de classes.

A burguesia e o imperialismo organizam e põem em prática uma série de medidas tácticas e estratégicas que lhes permitem combinar todos os seus recursos civis e militares na ofensiva contrarrevolucionária. Recorrem na sua fase culminante, quando há que levar a cabo a sua ofensiva final, ao seu braço armado, às Forças Armadas e aos Carabineros. Desta maneira se materializa o golpe de estado no

Estrangeiro

ANDESTINIDADE

DO CHILE

NANDO ANTÓNIO ALMEIDA (CORRESPONDENTE DO "D.L." EM ARGEL)

dia 11 de Setembro de 1973 e se instala no poder a junta militar fascista.

5 — Mas não basta vencer tecnicamente através dum golpe de estado. Entre os problemas de base que se põem aos vencedores, o mais delicado talvez seja o de fornecer uma resposta, uma alternativa económica, um modelo. Qual foi a resposta da junta neste plano?

No ponto de vista económico a Junta implanta a «Economia Social de Mercado», que entrega o poder económico à alta burguesia financeira, industrial, agrícola, comercial e bancária através de processos acelerados de acumulação, reversão, monopolização e modernização.

O modelo económico insere o Chile, ainda mais, no sistema económico imperialista, como satélite dependente, interrompendo o seu caminho próprio de desenvolvimento iniciado durante o regime da Unidade Popular.

Por outro lado muda a atitude do estado burguês que, de protectionista e intervencionista na vida económica do país das últimas décadas, passa a ser um estado que «deixa fa-

lar elevou-se a 63 por cento e durante os 1000 dias de fascismo não conseguiu ultrapassar 40 por cento.

Segundo cifras oficiais das pela Junta Militar o próprio Produto Nacional diminuiu, durante 1975, de 14 por cento. Com esta cifra a Junta conseguiu um recorde mundial, já que nos últimos anos nenhum país tinha alcançado tais cifras de deterioração e de destruição da sua economia.

Por outro lado o problema inflacionário não pode ser resolvido apesar das restrições e da virtual paralisação do país provocada pela política de «shock». O aumento foi de 340,7 por cento em 1975, o que constituiu uma melhoria demasiado exigua para os acríficos impostos ao povo, se se compara com a inflação de 379,9 por cento registada em 1974.

O desemprego é outro factor que golpeia com extraordinária dureza os sectores populares. Segundo cifras calculadas pelo Instituto de Economia da Universidade do Chile o desemprego atingiria à volta de 20 por cento da população activa. Em números absolutos esta cifra significa que 600000 lares de trabalhadores chilenos

expectacular nos sectores produtivos de bens de consumo habitual (24 por cento) não impede a ditadura de dar-se ao luxo de exportar esses artigos, o que significa que o nível de consumo não só baixou em proporção directa com a baixa produtiva mas também foi agravada por uma exportação criminosa, que se sustenta das necessidades e da fome de milhões de chilenos.

Em suma: implantou-se uma ditadura económica dos sectores oligárquicos e monopólios estreitamente ligados ao imperialismo, baseada na sobre-exploração do proletariado e dos sectores médios. Este modelo gera contradições internas na frente civil e militar da burguesia e do imperialismo. Mas apesar destas contradições secundárias e dos choques interburgueses e interimperialistas todas as fracções de uma ou de outra forma dão o seu apoio directo e efectivo à Junta Militar fascista. O exemplo mais claro é a enorme ajuda económica que recebeu a ditadura, que ultrapassa os dois mil e quinhentos milhões de dólares, da parte do imperialismo americano.

6. Esse, portanto, o modelo económico. Gostaria que vocês falassem agora no modelo político escolhido pela Junta.

Do ponto de vista político implanta-se uma ditadura militar fascista que elimina a democracia burguesa. Assassinou-se o Presidente da República, eleito em votação secreta, universal e livre pelo povo do Chile e ratificado pelo Congresso Nacional. Dissolve-se o poder legislativo (Câmaras de Deputados e de Senadores) e os seus membros, militantes dos partidos da Unidade Popular são detidos e/ou assassinados. Eliminam-se de facto todas as liberdades individuais e os direitos humanos consignados na Constituição da República e sancionados pelo Chile nos convénios internacionais. Declaram-se «fora da lei» e dissolvidos todos os partidos pertencentes à Unidade Popular e por tabela ao Partido Democrata-Cristão, o Partido Nacional (ambos da direita). Dissolve-se a Central Única de Trabalhadores do Chile, organismo que agrupa todos os trabalhadores do país, de todas as tendências políticas, cujos dirigentes foram eleitos em votação nacional, universal, secreta e livre pelos seus associados. Elimina-se o direito à petição, à negociação colectiva, à greve e à eleição dos dirigentes sindicais pelos trabalhadores.

O modelo de dominação económica e política, pelo seu carácter regressivo e o nível de consciência e organização alcançado pela classe trabalhadora, requer para a sua aplicação um forte autoritarismo e uma repressão brutal, sistemática e massiva.

É por isso que se fortalecem



Tanques no centro de Santiago, durante o golpe de 1973

e desenvolvem os organismos repressivos. Aumenta a quantidade de homens em armas, desenvolve-se uma política de «aperfeiçoamento do pessoal» para a repressão, incrementa-se a dotação de material para as Forças Armadas (armamentismo desenfreado) e elevam-se as remunerações. Por outro lado hipertrofiam-se os aparelhos de segurança e investigação existentes nas Forças Armadas, cria-se novo organismo repressivo, a DINA (Dirección de Inteligencia Nacional) e aplica-se uma política de terror e de delação a todos os níveis.

O assassinato, a tortura e as detenções arbitrárias são procedimentos habituais no nosso país. Esse conjunto de medidas e a sua fundamentação ideológica, que não têm em consideração as nossas tradições e a vida política anterior, geram também contradições no seio da burguesia e da potência imperial. Mas eles vêm muito claramente que é a única forma de deter temporariamente a marcha do povo chileno para o socialismo. E tanto assim que tanto os dirigentes da burguesia nacional, como os representantes do imperialismo americano o reconhecem publicamente. Não se inibem de dizer que prepararam e executaram directamente ou através dos seus lacaios, cada uma das fases ou etapas e o conjunto das medidas destinadas a derrubar o presidente Allende. O imperialismo norte-americano reconhece publicamente ter financiado o golpe de Estado no nosso país e ter programado a campanha de «desestabilização do governo da Unidade Popular».

7. perante uma tal situação, pergunto-me com um certo pessimismo, como com certeza grande parte dos camaradas que viveram em Portugal o fascismo, que possibilidades tem a resistência chilena de resistir, de lutar, de vencer em tais condições.

Podemos afirmar, sem medo de nos enganarmos, que o período de refluxo do proletariado e dos seus aliados terminou. A desorientação e desorganização generalizadas do primeiro momento, que levou a um recuo das forças revolucionárias foi superada. De uma ou de outra maneira, os destacamentos de vanguarda da classe, vão-se reagrupando, desenvolvendo, crescendo e fortalecendo-se. Igualmente se vão

coordenando as suas acções e produzindo os resultados esperados.

As acções que demonstram a existência da resistência e do nosso partido verificam-se pelas próprias delações da Junta Militar. Também há que ter presente as constantes acções reivindicativas dos trabalhadores de diferentes sectores produtivos e as petições conjuntas feitas por várias organizações operárias nacionais. Vale a pena assinalar as acções realizadas pela classe para defender o seu nível de vida, tais como paralisações e greves. Vocês tiveram conhecimento disto através das agências noticiosas.

Não podem deixar-se de mencionar também as acções de sabotagem que a resistência realiza permanentemente. Desde a sabotagem limitada a alguma indústria, centro de trabalho, escritório, escola, etc., até aos centros económicos dominados pelos grandes consórcios internacionais. Exemplos disso são o incêndio de um local comercial em Arica, pertencente a Leonel Valcarlos, ex-deputado socialista — que depois do golpe de Estado adoptou uma posição colaboracionista com a Junta Militar.

Nos restos do seu comércio encontrou-se um cartaz: «O Partido Socialista não perdoa aos traidores».

Quando a Junta Militar fascista informou a opinião pública da sua decisão de entregar as prospecções e a exploração do petróleo nacional aos consórcios estrangeiros imperialistas, a resposta da resistência foi a de fazer saltar os tanques de armazenamento de carburantes na província de Valparaíso, principal porto do país. Esta acção significou um prejuízo de centenas de milhares de dólares para as empresas estrangeiras.

Mas sem dúvida a maior e mais importante tarefa da resistência chilena é a reconstrução e a reorganização das suas vanguardas políticas e da classe operária. Sobre tudo tendo presente a tecnologia e o grau de intensidade alcançado pela repressão. Imediatamente depois do golpe, a Junta Militar concentrou os seus esforços em destruir fisicamente toda a possibilidade de resistência. Para tanto assassinou mais de 60 000 dirigentes e militantes dos partidos da Unidade Popular. Prendeu, torturou e deu tratamento desumano e

degradante a mais de 100 000 chilenos, sem distinguir entre mulheres e homens, velhos e crianças. A Junta aplicou uma política de terror generalizado destinada a destruir qualquer resistência.

Apesar disso, os duros golpes recebidos, os partidos de esquerda reestruturaram-se crescem e desenvolvem-se na clandestinidade. As organizações sindicais de classe foram-se reestruturando. Onde existem possibilidades de trabalhar nos «sindicatos legais», permitidos pela Junta, os partidos de esquerda impulsionam as acções reivindicativas e políticas. A dissolução destes organismos os trabalhadores respondem com a organização clandestina de comissões operárias, comissões de fábricas, «comités» de resistência, etc.

Por último, devemos dizer que as actividades de propaganda e agitação permanente que realizam as organizações políticas e sindicais são outra manifestação da existência do nosso partido e da resistência no Chile. Publicam-se clandestinamente vários jornais, boletins de informação, folhas soltas, tarjetas. Fazem-se permanentemente preparativos de propaganda destinados à distribuição destes materiais e às inscrições murais.

Frente à brutalidade e à repressão sistemática, à tecnologia e ao poder dos aparelhos repressivos, o povo do Chile, a sua resistência, responde com consciência, organização, propaganda, agitação e acções de massas.

8. Essa resistência à Junta Militar constrói-se com militantes que certamente representam um leque bastante aberto de forças sociais e políticas. Qual é o ponto de encontro dessas forças, a sua plataforma comum?

O modelo de domínio imposto ao Chile pela burguesia e pelo imperialismo é uma das várias formas que adopta o sistema de exploração capitalista. Talvez a mais brutal e cinica, mas a única possível para defender e perpetuar o seu poder e os seus interesses, face ao avanço avassalador das classes trabalhadoras do nosso país. Este modelo polarizou a sociedade chilena, agudizando a contradição principal entre a burguesia e o imperialismo por um lado, e o proletariado e os seus aliados, por outro. Eliminou de facto qualquer

Continua na pág. 12



plucionaria — pouco antes de Pinochet tomar o poder

2er» e entrega a iniciativa e o poder económico a reduzidos sectores privados do país.

É um modelo de dominação económica que requer como condição básica para a sua implantação a «sobrexploração económica do proletariado. Esta expressa-se, como direi mais adiante, na inversão de todos os indicadores económicos.

A participação dos sectores sociais na distribuição dos rendimentos foi fortemente inflacionada. Durante o governo de Eduardo Frei os salários de empregados e operários atingiram à volta de 50 por cento. Durante o governo da Unidade Popu-

não tem qualquer rendimento para poderem subsistir. Se a esta situação se acrescenta subemprego e a perda real do poder aquisitivo dos trabalhadores que possuem algum trabalho fixo confirma-se que o custo social da política económica da ditadura militar não só foi alto mas também muito desigual, recaindo o seu maior peso sobre os sectores mais pobres da sociedade chilena.

O comportamento dos sectores produtivos permite-nos ver com maior precisão o prejuízo causado ao aparelho económico pela nefasta política que se aplicou e a grave situação a que chegou o povo. A baixa

Estrangeiro

Resistência chilena ovacionada em Frankfurt

FRANKFURT — (IPS/DL) — No passado dia 18, a Feira Internacional do Livro de Frankfurt, a maior do mundo no género e que este ano é dedicada à América Latina, atingiu o seu ponto culminante, durante um colóquio onde escritores latino-americanos dialogaram com o público que en-

chia por completo a sala de congressos do recinto da Feira.

A mesa era composta por conhecidos escritores daquela parte do mundo: Julio Cortázar, Mario Vargas Llosa, Thiago de Melo, Eduardo Galeano, Manuel Escorza, Sérgio Ramirez, José Donoso, Gaston Salvatore e Jose Maria Perez Gay.

Logo após a apresentação, feita pelo moderador, o escritor brasileiro Thiago de Melo, que viveu algum tempo refugiado no Chile no tempo do governo de Unidade Popular chefiado por Salvador Allende e actualmente residente em Portugal, tomou a palavra e de forma inesperada começou a ler um texto escrito que se iniciava com esta frase: «Hoje é 18 de Setembro, dia nacional do Chile, data em que se comemora a sua independência». Logo após estas palavras, seguiu-se um violento ataque ao governo militar comandado por Augusto Pinochet, classificado no discurso de Thiago de Melo como «fascista e assassino».

A enérgica intervenção do ensaísta brasileiro terminou com este pedindo ao auditorio que durante um minuto em vez de manter o silêncio, aplaudisse a Resistência chilena e fosse solidário com os seus intelectuais oprimidos, encarcerados e assassinados. Imediatamente o público respondeu ao pedido. Todos de pé, perante os olhares surpreendidos dos próprios participantes do diálogo, irrompeu em aplausos, a princípio moderados, mas que foi subindo de tom, para logo alcançar uma verdadeira ovação, com momentos de grande emotividade, que ultrapassaram largamente o minuto pedido.

Após esta homenagem, que não figurava em qualquer programa, seguiu-se um prolongado diálogo entre os escritores e o público, quando foram abordados aspectos da América Latina pouco conhecidos pelos alemães, mas que eles precisam ficar a saber sem mais demoras, nomeadamente o que se passa no Cone Sul, envolvendo Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Uruguai e Paraguai, submetidos a ditaduras, sem as liberdades fundamentais, e explorados por inúmeras multinacionais, muitas das quais, alemãs.

Exilados do Chile falam ao "D.L."

Continuação da pág. 11

possibilidade para o «centrismo pequeno-burguês». As possibilidades reformistas tipo «Aliança para o progresso», terminaram no Chile com o fracasso estrondoso do governo de Eduardo Frei.

Não é possível conseguir o desenvolvimento económico, social e político, mantendo o capitalismo, em qualquer das suas formas, mesmo na mais progressista, o capitalismo popular.

O nosso partido luta contra qualquer forma de dominação capitalista. Estamos contra a injustiça económica, social e política que enquadra o sistema capitalista. É por isso que é o único sistema capaz de resolver os problemas nacionais e garantir o desenvolvimento integral do ser humano.

Como partido da classe operária, fazemos nosso o objectivo estratégico da nossa classe: construir uma sociedade mais justa, mais digna, mais humana, uma sociedade socialista.

Não podemos por conseguinte limitar a nossa luta só ao derrubamento da Junta Militar fascista. Cremos que seria uma irresponsabilidade política histórica face ao país, à sociedade chilena e especialmente face às classes operárias. Pensamos que com o derrubar da ditadura devem criar-se as condições para iniciar-se a construção do socialismo.

Estes objectivos estratégicos e táticos exigem a unidade do proletariado. Aquela unidade política que se projecta em todas as acções da luta de classes. Aquela unidade que

se consegue depois da discussão ideológica e política e que nos permite definir a nossa política, a nossa estratégia, a nossa tática. Aquela unidade que nos leva à acção, à unidade para a luta.

Pensamos que é necessário realizar uma correcta política de alianças, com outros sectores sociais, para derrubar a Junta Militar. Para isso a tarefa de construção da frente antifascista é uma das tarefas do momento.

Queremos dizer que uma política de alianças tem como objectivo juntar forças em torno a posições políticas determinadas. Neste sentido queremos sublinhar que as alianças que realizamos têm que estar orientadas para que outros sectores se unam às nossas posições políticas e não para levar o proletariado às posições da burguesia, quer se trate da média quer da pequena burguesia.

Em todo o caso estas alianças transitórias devem estar ao serviço dos objectivos estratégicos da classe operária.

Somos partidários de que na frente antifascista participem todos os sectores sociais que estejam dispostos a lutar contra o fascismo e que previamente o demonstrem. O posto de combate contra a Junta Militar ganha-se, não se concede. A construção da frente antifascista deve iniciar-se desde a base, aplicando o princípio de unidade e acção. Não é uma tarefa superestrutural, como os antigos pactos eleitorais na democracia burguesa.

9. Mas a vossa proposta de

frente antifascista não parece fácil nem realizável a curto termo. Não será via difícil de pôr em prática?

Estamos conscientes que a construção da unidade da classe operária e da frente antifascista é um processo longo e cheio de obstáculos e dificuldades, mas também que avançamos o mais que podíamos nestes três anos de ditadura militar fascista. Apesar disso declaramos a nossa decisão irrevogável de continuar por esse caminho, fazendo tudo o possível para construir estas ferramentas fundamentais para a libertação do povo chileno e iniciar a construção do socialismo no nosso país.

O isolamento político e social interno da Junta é cada vez maior. A aplicação do seu modelo vai afastando forças que de início a apoiaram. Só se mantem no poder pelas armas e pelo apoio declarado que lhe proporciona o imperialismo norte-americano.

Por outro lado a resistência cresce de dia para dia, através da integração de novos contingentes na luta antifascista. Reestruturam-se os destacamentos de vanguarda da classe, constrói-se a frente a partir da base, na acção diária contra a Junta Militar. O Chile voltará a ser uma nação livre, soberana e continuará o seu caminho de construção do socialismo.

S.  R.
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-CEAL), a que se refere o processo 8/58260, arquivo 11023, para o estabelecimento na freguesia de Caela, concelho de Vila Real de St.º António, de uma linha aérea a 30 kV, com 81 metros, do poste n.º 1 da linha para o Posto de Transformação de Monte Alto ao Posto de Transformação de Portelas-Cevadeiras.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 10 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S.  R.
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/52304, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Paio Pires, concelho do Seixal, de Modificação, com aumento de comprimento de 13 metros da linha aérea a 30 kV para o Posto de Transformação de João António Patacão, com alteração da localização do apoio n.º 1.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 17 de Setembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Angelino Pires dos Santos

A C. P. INFORMA:

Por conveniência de serviço e devido ao facto de ser muito reduzido o seu aproveitamento, serão suprimidos a partir da entrada em vigor do Horário de Inverno 76/77 (26 de Setembro de 1976) as seguintes circulações da linha de Vendas Novas:

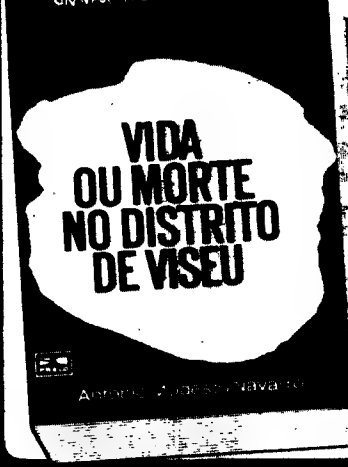
C. 8273	Setil	P. 16.30 h.
	V. Novas	C. 18.35 h.
C. 8272	V. Novas	P. 13.12 h.
	Setil	C. 15.25 h.

COMPRE O



VIDA OU MORTE NO DISTRITO DE VISEU

GRAVAR A ALIANÇA DO Povo - MFA



Se pretende saber o que foi a CODICE, perceber melhor o que esteve por detrás da queima das Sedes, conhecer o caciquismo, a exploração e a miséria generalizada no interior do País e avaliar a justiça da Aliança Povo - MFA, não deixe de ler este novo livro de António Modesto Navarro. São 359 páginas de textos e entrevistas subordinadas aos temas: Subdesenvolvimento e Organização Popular e Dificuldades e Resultados das Campanhas do MFA no distrito de Viseu.

Leia este documento único sobre um ano cheio de heroísmo e de traições à nossa Revolução - 1975

Preço 200\$00
Pedidos em qualquer livraria ou à Preço Editora
Alameda de Santo António dos Capuchos, 6-B - Lisboa

EXTERNATO SENECA

COOPERATIVA DE ENSINO E CULTURA

Curso Liceal - Ciclo Preparatório

MANHÃ • TARDE • NOITE

AV. ALMIRANTE REIS, 73 - 1.º E 2.º — LISBOA - 1

Telefones 4 00 82 (METRO ANJOS)

— ABERTAS AS INSCRIÇÕES —

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA METALÚRGICA E METALOMECÂNICA DO DISTRITO DE LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Conforma deliberação do Plenário da Federação dos Metalúrgicos, realizada nos passados dias 13 e 14 de Setembro, os Sindicatos devem promover, no mais curto espaço de tempo, Assembleias Gerais de Sócios para informar a classe do andamento das negociações do CCT e medidas a tomar.

Aproveita a Direcção esta Assembleia para esclarecimentos sobre o Congresso de Todos os Sindicatos Portugueses.

Assim, nos termos da alínea b) do Artigo 33.º dos Estatutos, convoco todos os sócios do Sindicato para uma Assembleia Geral Extraordinária, a realizar no próximo dia 7 de Outubro (Quinta-feira), pelas 20.30 horas, no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Informação sobre as negociações do CCT para a Indústria Metalúrgica e Metalomecânica
a) Medidas a tomar face à situação existente.
2. Congresso de Todos os Sindicatos Portugueses.

Lisboa, 17 de Setembro de 1976

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Raul José Marques Nunes Manquinho

GRANDE CIRCUITO ITALIANO

Partida: 30 de Outubro
9 DIAS

Visitando: ROMA - FLORENÇA
VENEZA - MILÃO E TURIM

Preço excepcional 7.900\$

Avião TAP + Autopulman de luxo
Hotéis de 1.ª C. c/banho + P. Almoço

As vantagens dos voos especiais

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

Fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade, 160 - Telef. 3/1341

PORTO Av. dos Arcos, 207 - Telef. 3/921

COIMBRA Rua da Santa, 2 - Telef. 2/011.2

FARO Rua Carlos de Azevedo, 65 - Telef. 25035.6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Estrangeiro

OPONDO-SE A PRETÓRIA

O Brasil diz "não" ao Pacto do Atlântico Sul

RIO DE JANEIRO, 24 — (IPS) — O ministro brasileiro dos Negócios Estrangeiros, Antônio Azeredo da Silveira, afastou qualquer possibilidade de o Brasil vir a participar num sistema colectivo de defesa do Atlântico Sul, com a Argentina, o Uruguai e a África do Sul. O ministro considerou que esse projecto é um «autêntico absurdo» e lançou os mais veementes ataques contra a África do Sul.

«O Brasil — afirmou — não actuará num sistema que inclua a defesa de um regime segregacionista atentatório da dignidade humana». E o ministro acrescentou, num ataque mais directo ainda: «O governo de Pretória e o «Apartheid»

são, por si sós, expressão da indignidade humana».

Desde que o Governo do Brasil intensificou a sua política de aproximação com a África Negra que os seus ataques à África do Sul se vão radicalizando cada vez mais.

Até agora, o Ministério brasileiro dos Negócios Estrangeiros limitava-se a divulgar declarações contra a segregação racial, e a anunciar que as relações com a África do Sul eram «simplesmente correctas» e estavam «congeladas» (a Embaixada brasileira em Pretória há algum tempo que não tem titular).

No princípio do ano corrente, deu-se um incidente mais grave.

O ministério proibiu a realização da regata da Cidade do Cabo. Contudo o Itamaraty viria a dar um passo atrás, autorizando-a para não prejudicar os interesses económicos dos promotores brasileiros.

Mas o ministro Azeredo da Silveira afirmou que doravante o Brasil não participará em competições desportivas com a África do Sul.

Uma compra recente de urânio à África do Sul pareceu indicar que o governo de Brasília pretendia equilibrar a política de aproximação com os governos nacionalistas negros e a manutenção das relações regulares com Pretória.

Mas as últimas declarações do ministro, no seu regresso da viagem ao Japão, deixam bem claro que o Itamaraty jogou tudo na África Negra. Na verdade, não se diz que um governo represente, só por si, a «indignidade humana», se se pretende continuar relações com ele.

Parece claro que esta definição do ministro brasileiro mostra bem como os dias do regime de Pretória estão contados. Foi o ministro quem assinalou: «O próprio Kissinger se declarou contra o governo de Pretória».

Nenhum jornalista teve a ideia de perguntar por que razão o ministro usava a expressão «o próprio Kissinger» mas a interpretação é óbvia. O governo brasileiro chegou à mesma conclusão que os Estados Unidos: o nacionalismo africano, a bem ou a mal, há-de varrer Vorster e Smith. Por isso há que tomar desde já posições com vista ao futuro...

Os microprocessadores vão mudar a nossa vida

PARIS, 24 — (FP) — O microprocessador, uma pastilha electrónica, vai modificar radicalmente a nossa vida, a curto prazo.

Este sistema ultraminiaturizado, dotado de componentes, prepara-se para invadir todos os domínios da actividade humana, desde o da dona de casa ao científico, passando pela fábrica pelos semáforos, elevadores, automóveis e, evidentemente, programadores.

Contudo, apenas uma programação sofisticada, com auxílio de computador, permite desenhar os circuitos extremamente complexos do microprocessador. Mas, uma vez construído e com os respectivos circuitos integrados metidos numa pastilha de silício do tamanho de uma unha, o aparelho transforma-se numa célula para todo o serviço, que poderá desempenhar qualquer tarefa para que sejam concebidos: pode-se prepará-lo segundo o grau de imaginação de cada um, para constituir o cérebro de todas as máquinas, seja uma minicalculadora ou uma

grua gigante...

De facto, este micro-sistema nasceu há cinco anos e foi originalmente desenvolvido segundo as necessidades da indústria de calculadoras electrónicas, mas rapidamente se tornou evidente que o seu campo de possíveis aplicações é praticamente ilimitado.

Entretanto, o seu fabrico em larga escala permitiu reduzir os custos de produção em proporções tais que tanto o automóvel como a máquina de lavar louça podem já servir-se dele.

O microprocessador é, contudo, principalmente, um «mecânico» de precisão, visto poder substituir, desde que se lhe incorpore uma memória, calculadoras electrónicas tão pesadas e potentes como os primeiros ordenadores comercializados no início dos anos 50.

A consagração dos microprocessadores deve registar-se já este ano, calculando-se que, em 1976, se vendam dezenas de milhares de aparelhos. Em 1980 deve representar, um comércio de 600 milhões de dólares.

Cimeira da direita na capital espanhola

MADRID, 24 — (ANOP e FP) — Seis antigos ministros do general Franco reuniram-se ontem em Madrid, no maior segredo, visando formar «uma aliança das forças de direita», segundo ontem revelaram fontes geralmente bem informadas.

Os seis ministros, que representam as diversas tendências do franquismo, são: Manuel Fraga Iribarne, antigo ministro do Interior, no primeiro governo monárquico, Silva Muñoz ex-ministro das Obras Públicas, democrata-cristão «cola-

boracionista», Martinez Estrella, que sobraçou a pasta da Educação e se encontra muito ligado à alta finança, Gonzalo Fernandez de La Mora, também ex-ministro das Obras Públicas, franquista «ortodoxo», e, finalmente, Laureano Lopez Rodo, antigo ministro do Planeamento e Gregorio Lopez Bravo, ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, ambos considerados como chefes de fila «tecnocratas» da Opus Dei.

No final da reunião, os seis ex-ministros recusaram-se a prestar declarações, julgando-se, contudo, que possa vir a ser publicado, ainda hoje, um comunicado sobre o assunto.

As Cortes Espanholas, condenadas a desaparecer como instituição não democrática, receberam ontem os representantes de todos os Parlamentos

do Mundo na inauguração da conferência Inter-Parlamentar Mundial.

A sessão foi aberta pelo rei Juan Carlos com uma breve mensagem em que salientou:

«Os Parlamentos, representantes activos dos cidadãos, terão de ser autênticos veículos dos seus desejos e interesses e da vontade do povo».

RAFAEL ALBERTI VAI REGRESSAR

«Creio que estou na véspera ou na ante-véspera do meu regresso à Espanha» — declarou o poeta Rafael Alberti ao diário «ABC», de Madrid,

O poeta andaluz, actualmente residente em Roma, encontra-se exilado desde o fim da guerra civil espanhola.

TERCEIRO MUNDO

Resultados encorajadores da conferência do México

CIDADE DO MÉXICO, 24 — (IPS) — A primeira conferência sobre cooperação económica entre países em vias de desenvolvimento terminou ontem às 5 e 40, quase 19 horas depois do oficialmente programado.

O encerramento atrasou-se porque os participantes não chegaram a acordo sobre alguns pontos do documento oficial. Assim, tiveram de trabalhar toda a noite para conciliar os pontos de vista divergentes e chegar a uma redacção harmoniosa do documento. O secretário dos Negócios Estrangeiros do México, Alfonso Garcia, disse no encerramento que esta conferência demonstrou que os países em vias de desenvolvimento podem actuar com estratégias comuns na ordem económica mundial, apesar das suas divergências políticas, económicas e sociais.

Na conferência, iniciada no dia 13 deste mês, participaram representantes de 120 países do Terceiro Mundo.

Os delegados resolveram dar os passos conducentes à criação dum banco dos países em desenvolvimento e ao estabelecimento duma moeda compensatória.

A reunião anterior promove-

ra a criação duma frente unida de luta pela urgente reestruturação do sistema monetário internacional, segundo se afirmou na resolução final.

Os participantes, membros do chamado Grupo dos 77, concordaram em criar um sistema global de preferências comerciais entre eles e pôr em marcha um fundo de reservas reguladoras de produtos básicos.

Outras resoluções da conferência foram: incrementar a produção de alimentos, criar cooperativas para a sua exportação, fundar empresas multinacionais de transportes e aumentar a participação dos países em vias de desenvolvimento na produção industrial mundial.

No campo da ciência e tecnologia adoptaram-se medidas para criar um banco de dados e informações para reactivar a cooperação técnica entre os países do Terceiro Mundo.

Concordou-se também em celebrar uma conferência de plenipotenciários para aprovar os estatutos do Conselho de Associações dos Produtores de Matérias Primas, criado na reunião de Colombo, recentemente efectuada.

O chanceler mexicano assegurou que os resultados da

conferência podem classificar-se de francamente animadores e que a conclusão inevitável é que nos quatro temas abordados se conseguiram progressos dignos de nota.

Disse, além disso, que as decisões terão influência transcendente no desenvolvimento e robustecimento da chamada cooperação horizontal.

As resoluções desta conferência, por proposta das Filipinas, serão levadas à Assembleia Geral das Nações Unidas actualmente reunidas em Nova Iorque.

Uma cópia do documento final será entregue também à Conferência sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), «para que todo o globo saiba que o Terceiro Mundo abordou um programa de cooperação económica».

O México, na sua qualidade de anfitrião da conferência, solicitará ao secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, que faça distribuir o documento pelos dois organismos.

A conferência decidiu, por aclamação, render homenagem ao presidente Echeverria «pela sua contribuição e feroz devolução à causa das nações terceiro-mundistas».

Decretada greve geral no próximo mês em França

PARIS, 24 — (R.) — Os principais sindicatos franceses decretaram uma greve geral de 24 horas para o próximo mês em protesto contra um plano anti-inflacionário governamental para congelar preços, limitar os aumentos salariais e aumentar o preço dos automóveis.

O plano, apresentado na terça-feira pelo primeiro-ministro Raymond Barre, foi rejeitado imediatamente pelas duas maiores organizações sindicais do país — a C. G. T., comunista, e a C. F. D. T., socialista.

Juntamente com o Sindicato dos Professores (F. E. N.), aquelas organizações marcaram ontem a greve para 7 de Outubro. O dirigente da C. F. D. T., Edmond Maire, declarou aos jornalistas que a acção era em protesto contra um plano que «acumula e agrava as desigualdades».

O plano de Barre recomendava um limite de 6,5 por cento para os aumentos de preços e salários em 1977, congelava alguns preços até ao fim deste ano e impunha fortes aumentos nos preços da gasolina, das licenças de automóveis e do álcool.

A aliança socialista-comunista, com os olhos postos nas eleições gerais que terão lugar dentro de 18 meses, juntou-se aos sindicatos na condenação das propostas.

O Parlamento italiano vai discutir o aborto

ROMA, 24 — (IPS e DL) — Durante as primeiras semanas de Outubro, o Parlamento italiano deverá discutir o grave e polémico problema do aborto. As posições assumidas pelos diferentes partidos fazem pensar que existe uma ampla maioria favorável à liberalização do aborto, actualmente severamente penalizado de acordo com as cláusulas do «Código Rocco», o código penal da época fascista.

Sobre este tema existem no Parlamento italiano dois grupos: de um lado, os partidos laicos que estão de acordo em estabelecer o critério de autodeterminação da mulher sobre a necessidade e a oportunidade de abortar, e do outro, o Partido Democrata Cristão — ao qual se agrega o neofascista Movimento Social Italiano — que não obstante ter revisto algumas das suas posições anteriores, continua a entender que o aborto deve ser considerado delito, admitindo apenas a hipótese do aborto terapêutico.

No passado dia 22, o Partido Comunista e o Partido Republicano apresentaram dois projectos de lei sobre a matéria.

Os comunistas prevêm a

possibilidade de abortar somente dentro dos primeiros 90 dias de gravidez, sempre que as condições pessoais, sociais, económicas, familiares ou sanitárias da mulher comportem para ela um sério prejuízo ou quando esta tenha sido objecto de violência ou de actos libidinosos violentos. Depois dos 90 dias o aborto seria consentido apenas quando sobreviessem processos patológicos ou sanitários que determinassem um perigo de relevante importância para a saúde física ou psíquica da mulher. Nesses casos, a mulher poderia dirigir-se a um médico da sua confiança, o qual, no prazo de oito dias, determinaria a procedência ou não do aborto.

«L'Unità», órgão de grande difusão do Partido Comunista Italiano, respondeu ao chamado feito há dias aos católicos pelo cardeal vigário Ugo Poletti, sobre a questão do aborto. Não negando os direitos do cardeal Poletti, «L'Unità» convidou os fiéis a recordar «as indicações da Igreja contrárias à prática do aborto e recorda que «o que está em discussão é a legislação do Estado Italiano».

Caleidoscópio

WASHINGTON, 24 — (R) — O dr. Jonas Salk, que desenvolveu primeiro a vacina da polio com vírus morto, advertiu ontem as autoridades sanitárias americanas de que a vacina viva pode causar a doença.

HELSÍNQUIA, 24 — (FP) — O professor Karle Nordens-treng, um eminente teórico da Imprensa finlandesa, conhecido pelos seus ideais de esquer-

da, foi nomeado presidente da Organização Internacional dos Jornalistas (O. I. J.), de tendência comunista, no final do Oitavo Congresso desta organização, que terminou quinta-feira à noite em Helsinguä.

Com 35 anos de idade, o professor Karle Nordens-treng sucedeu ao francês Jean Maurice Herman, que dirigia a O. I. J. desde a sua fundação em 1945. O novo presidente da Organização, que reúne 150 000 jor-

nalistas de 109 países, declarou que a O. I. J. apoiaria a luta dos países não-alinhados e do Terceiro Mundo por uma nova ordem social no domínio da informação e da comunicação social.

BANGKOK, 24 — (R) — Seni Pramoj declarou hoje em Bangkok que havia concordado em se manter como primeiro-ministro, menos de 24 horas depois de se ter demitido.

Espectáculos

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

universal

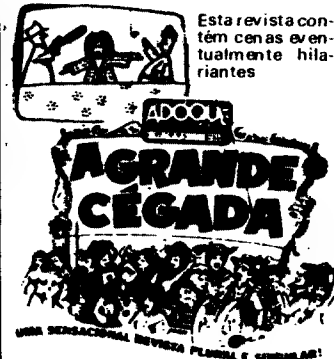
Às 15h, 19h e 21h



numero dois

NUMERO DEUX
o último filme de Jean-Luc GODARD

SESSÕES RESERVADAS AOS SÓCIOS DA A.E.F.A.
Inscrições nas Escadinhas da Achada, n.º 10-1.º Dt.º, ou no próprio CINEMA UNIVERSAL, Rua da Beneficência, n.º 175
Telefone 77 44 02
Sessões públicas às 17h e 23h — Filme
«A MULHER CASADA» — de Jean-Luc Godard



HOJE: às 20.30 e 22.00
Domingos — Matinées às 16h
4.ª FEIRA
Descanso da Companhia
(Não acons. MEN. 18 anos)



O existencialismo absoluto ou as tolíces relativas

«O DIRECTOR DA ÓPERA», de Jean Anouilh. Versão: Armando Cortês. Encenação: Varella Silva. Cenografia: Octávio Clérigo. Interpretação: Armando Cortês, Rui de Carvalho, Hermínia Tojal, Fernanda Borsatti, Madalena Braga, Catarina Avelar, Vítor de Sousa, Andrade e Silva, João de Carvalho, Leonor Poeira, Carlos Veríssimo, Luis Corqueira, Telma João, Benjamin Falcão, Carlos Santos, Clara Maria, Maria Celeste, Paulo Franco. Reportório — Companhia Portuguesa de Teatro Maria Matos. 9/1976.

No que se refere à crítica da peça de Anouilh estreada pela Cooperativa Reportório, a nossa tarefa está facilitada graças ao texto inserto no programa e assinado por Délio N. Santos. Imagine o leitor que «O Director da Ópera» não se limita a ser peça de «uma actualidade flagrante pela radicalidade das situações dramático-trágicas e dramático-cómicas» (que) «nada deve, pela sua profundidade, às de Sartre, Gabriel Marcel ou Brecht»... Upa, upa: «E, porém, mais complexa, mais densa e mais radical ainda do que as citadas». Caramba! E ainda o leitor não sabe o que se passa com os personagens de Anouilh. Calcule: «Todos eles permanentemente ambíguos, dramáticos, ao revelarem situações terrivelmente tensas, ao darem testemunho de uma densidade insuperável, mas onde os ornatos da linguagem tentam enganar o público através dum diálogo aparentemente simples e fluente, corriqueiro e vulgar».

Enganado, «o espectador é empurrado para o verdadeiro núcleo das acções: as figuras, em si mesmas, isoladas, constituindo cada uma delas uma peça de teatro completa» (...) A rasca com as 20 peças que lhe caíram em cima (das 19 personagens, incluindo o boneco que faz de bebé e, já agora, a do próprio Anouilh), o espectador é posto perante «a ruptura com a sociedade convencionalista (que se) faz nos pontos-chave! Não admira, pois,

que «a dicotomia, sempre diante do público, surja gritante». Com aquela terrível dicotomia sempre à sua frente e ensurdecido pelos seus gritos, o público aguenta ainda com a «temática existencialista (que) é absoluta e a clivagem que fragmenta e separa o conjunto dos temas e as ideossincrasias dos que nela entram, não deixa por um momento o Palco».

Quase submergido por tudo isto, a braços com aquelas ideossincrasias, o espectador tem ainda que aguentar com «valores de escalas diferentes em luta permanente ou con-

possível. O autor da peça prefere, porém, deixar as soluções possíveis (para uma sociedade sem remédio possível?) em aberto para que o público, pelo impacto do espectáculo, as encontre por si próprio. O autor não é um ideólogo, embora defenda todas as teses (é de cair...); é, sim, um pedagogo que procura fazer brotar o que está oculto e tem de surgir à luz da consciência. Aqui algumas das características de uma peça digna e pura nas linhas melódicas dos seus contornos, rica e versátil, profunda e ligeira, em concubinação inextricável. (Com esta da concubinação, é o fim...). O autor desta prosa, que apesar de tudo teria feito Anouilh rir às gargalhadas, se calhar queria dizer na dele que «O Director da Ópera» é, para falar bem e depressa, uma merda.

Se é possível encontrar em algumas cenas, e principalmente nas cenas de família, algum humor que já não chega a ser corrosivo, o resto, quase tudo, é de uma indigência de espírito, de uma falta de humor, de uma inautenticidade a nível social, humano, teatral, que reflectem a decadência de um dramaturgo que já não se pode tomar a sério.

Utilizando formas melodramáticas sem as pôr em causa, pescando da comédia no drama sem que uma ou outra surjam teatralmente convincentes não por razões de ambiguidade mas por ineficiência oficial, utilizando uma linguagem na qual os lugares-comuns afloram constantemente, Anouilh nem sequer fez, como queria, uma peça reacção-

Na verdade, a densidade, a ambiguidade, a complexidade, a radicalidade, as quais se refere o autor do texto que citámos, só existem na imaginação deste.

A encenação de Varella Silva contribuiu, pareceu-nos, para agravar o desequilíbrio da peça: por isso, estabeleceu-se um maior contraste entre cenas dialogadas por Armando Cortês e Rui de Carvalho e as cenas de comédia em casa do director, e as cenas dadas em tom de farsa, como é o caso das que se passam no hospital e as dos grevistas (totalmente falhadas).

Não nos demorem na análise da forma como Anouilh utiliza o tema da greve e como trata as personagens dos trabalhadores — não é um qualquer Anouilh (ou um qualquer Cortês) que pode atingir, mesmo pela caricatura sem nível, os trabalhadores ou as suas lutas (em que medida o texto português desvirtua o original?).

A peça assenta na personagem do director. Armando Cortês não faz mais do que assumi-la à sua maneira sem conseguir traçar a curva que devia marcar a sua evolução: nasce como morto, monolítico e sem as ambiguidades que deviam defini-la (isto independentemente de ser um inverosímil director de ópera). Não acontece o mesmo com a personagem de Rui de Carvalho que se vai abrindo no desenrolar da acção porque o actor não cria de uma só vez os sinais que a vão definindo.

Tendo que interpretar personagens que não passam de meros títeres, os actores do Maria Matos não fizeram mais do que acentuar essa característica (Fernanda Borsatti, Madalena Braga seriam excepção). Não se pode dizer que a Cooperativa Reportório tenha cometido da pior maneira possível — mas andou perto.



O dramaturgo francês Jean Anouilh, agora mais uma vez encenado em Portugal

fluência absurda, quer na área do puramente psicológico, quer na do social; com «contradições constantes e definitivas, antinomias inseparáveis e gritantes, de angústia e medo, de lirismo balofo (enfim, uma coisa certa...)» e convencionalismo extremo (outra coisa certa, é um exagero...): O espectador aqui começa a resvalar pela cadeia: decididamente não aguenta mais. Contudo, ainda há mais: «Amar e odiar, profundamente e tibiamente na vida e na morte em todas as situações da vida nojenta e em todas as situações da morte abominável? sublinhado do autor). Sempre e em tudo a ambiguidade dos temas. Sempre as respostas contraditórias, sempre actantes os motivos de uma sociedade podre e nauseabunda, condenada sem remissão, já a caminho da sua morte e sem remédio

Edições ASA

ENSINO PRIMÁRIO - 1.ª FASE

Acabam de ser publicadas as seguintes obras, APROVADAS OFICIALMENTE, de Ana Pinto, Ivone Semedo, M. Aurélio Carneiro e Orízia Alinhio:

SORRISO
— Livro de Leitura para a 1.ª Fase

PARA A VIDA 1
— Caderno de Preparação Global (Fase Propedéutica)



Outras obras dos mesmos autores:

- Caderno de Iniciação
— Para a Vida 2 (1.ª Parte)
— Para a Vida 3 (2.ª Parte)
- Caderno de Continuação
— Para a Vida 4 (1.ª Parte)
— Para a Vida 5 (2.ª Parte)
— Para a Vida 6 (3.ª Parte)

Pedidos a: Edições ASA
R. dos Mártires da Liberdade, 112 — Telef. 222 79 70 — PORTO
REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS ASA
R. Jardim Regedor, 19 2.º — Telef. 327 262 — LISBOA-2

teatro do bairro alto

R. Tenente Raúl Cascais 1-A (ao Rato)
Tel. 66 15 15. 66 92 05



ESTREIA, 4.ª Feira
dia 29

«CURTA CARREIRA»

Todos os dias às 21.30h
Dom. às 18h

Descanso à 2.ª Feira (M./13)

BILHETES A VENDA



(18.ª SEMANA)
DE 3.ª A 6.ª FEIRA
AS 21 e 15 H.
SABADO AS 15.30
21.15
DOMINGO só às 16 h.

Canal da Crítica

Por MARIO CASTRIM

Hoje

Televisão

...E DE REPENTE, A GENTE ACORDA

De repente, acordamos. Como dizia aquela americana, cá vamos vivendo o dia-a-dia, não pensamos nas coisas, vamos atirando as coisas para trás das costas.

E de repente há o perigo nuclear. O risco da destruição total. Sobe um daqueles aviões monstruosos ou atiram-se umas ogivas em foguetão e pronto: é o juízo final. É o ponto final.

A reportagem de Pilger, do «Daily Mirror» levou-nos a um centro de depósitos de ogivas nucleares, nos Estados Unidos. A reportagem, nesse aspecto, punha-se a coberto de todas as indicações espionísticas. Resultava, porém, numa inenarrável angústia aquela viagem por labirintos de aço e betão, povoado por seres que se diziam arrancados a uma banda desenhada de antecipação...

Eis-nos noutra viagem mais tenebrosa ainda: pelos labirintos desumanizados do capitalismo no seu estertor. Quase no caixão, a sociedade apodrecida rodeia-se, não de círios com chama em forma de cipreste, mas de foguetões apontados para alvos determinados, onde mora o futuro.

PORTUGAL: O PRIMEIRO DA EUROPA!

Aprendemos coisas de estarrecer, só por si bastantes para condenar uma maneira de vi-

ver transformada numa maneira de morrer.

Ficamos a saber, por exemplo, que cada avião transportador de uma bomba de hidrogénio custa a brincadeira de dois milhões de contos.

Ficamos a saber que o dinheiro que se gastou naquele brinquedo nuclear ogival daria para alimentar opiparamente durante dois meses os milhões de habitantes do Bangladesh.

Ficamos a saber que o orçamento dos Estados Unidos para a função da guerra foi, em 1975, de dois bilhões de dólares...

Finalmente diz-nos a reportagem que Portugal era o país, que, na Europa, gastava mais dinheiro com a «defesa». Esperemos que a estatística se refira ainda ao tempo de domínio fascista. Aqui certamente muitas pessoas compreenderam, am, as razões do atraso económico, cultural e social em que nos encontramos. Quem faz quartéis não faz escolas, quem quer tanques não fabrica tractores, quem quer guerra em África não quer desenvolvimento pacífico na Europa.

Ou não é assim, senhores cdsaudosistas do passado?

DESTRUIÇÃO TOTAL? QUE IDEIA!

O mais preocupante resulta da determinação, herdada de Nixon, de conseguir limitar a guerra atómica. Assistimos à mentalização do povo americano no sentido de o convencer

de que uma guerra nuclear não será uma guerra total. Bem, é claro, sempre haverá perdas colaterais, eufemismo de morgue a significar que haverá muitas vítimas civis inocentes. Haverá destruição total, sim, mas seleccionada... As grandes zonas habitacionais — Londres, Nova Iorque, Tóquio, Moscovo, etc. — iriam pró maneta. Outras zonas, mais distanciadas, nada sofreriam — diz-nos este americano tecnocrata missilheiro. A não ser que lá caísse alguma bomba...

Ora em primeiro lugar, acontece que poderá haver em armazém bombas para todos os gostos e para todas as terras. E depois há o perigo das radiações: Quando a reportagem de Pilger nos mostra os japoneses destruídos apenas pela acção das radiações, aponta para essa possibilidade de destruição de que os tecnocratas ianques se esqueceram.

ONDE ESTÃO AS 7 MIL?

Claro que há todas as razões para a intranquilidade. A indústria bélica nos Estados Unidos atinge uma dimensão que se mede por estes números: o Pentágono (no Ministério da Guerra ianque) ocupa 1 em cada cinco americanos...

Para se produzirem armas nucleares que encham a burra dos grandes monopólios) é preciso alimentar o receio de uma guerra, argumentar com a necessidade da defesa nacional. Para alimentar esse re-

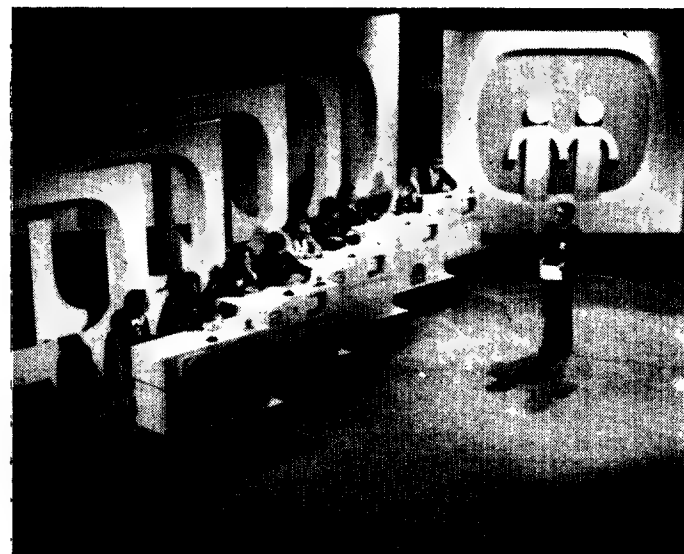
ceio, há que envenenar as relações com a União Soviética — e neste espírito se enquadra toda a jiga-joga do Mig 25 que o Japão apressou e cujo piloto foi despachado para os Estados Unidos. Neste espírito se enquadra a afirmação daquele americano segundo a qual o entendimento com a União Soviética não diminuiria o receio da guerra nuclear. Daqui se poderá concluir que é o agravamento dessas relações que, ele sim, poderá levar à quebra nuclear...

Fantástico, mas assim há quem pense e encontre ao seu dispor todos os meios para mentalizar os outros cidadãos...

No entanto, que o desanuiamento internacional age como um travão de tensões está expresso no ponto de vista daquele técnico missilheiro: o perigo das acções nucleares aumenta quando se agrava a situação no Médio Oriente, por exemplo...

Daqui se conclui quem está e quem não está interessado no desanuiamento. A História dirá o muito que a Humanidade deve à União Soviética que, após libertá-la do pavor nazi, tudo fez e fará para defendê-la do pavor atómico. O imperialismo é um louco furioso. Temos de nos defender dele. Encontraremos amigos e aliados em todo o mundo.

A propósito: foi dito que há 7 mil ogivas nucleares americanas armazenadas na Europa. Isto representa um grave risco para os países que as albergam. Por mim, posso garantir sob palavra de honra que não tenho nenhuma em casa.



Terra a Terra Minha Gente (1.ª Parte da Finalíssima)

I PROGRAMA

- 19.00 «Volta ao Mundo em 80 Dias»
- 19.20 Cerâmica-2
- 20.00 Momento Desportivo
- 20.30 Telejornal — 1.ª edição
- 21.00 Nova Programação
- 21.30 Terra a Terra Minha Gente
- 23.15 Telejornal — 2.ª edição
- 23.30 Fecho

II PROGRAMA

- 20.00 «Pippi das Meias Altas»
- 20.30 «História de Amor»
- 21.20 Telejornal
- 21.50 Documentário
- 22.15 Fecho



Uma cena da peça de Brecht pela Cornucópia

Cornucópia

marca data definitiva

para "Tambores na noite"

Motivos de ordem técnica relacionados com a redução imprevista de apoio oficial às companhias subsidiadas — 25 por cento durante o mês de Agosto e 50 por cento para o período relativo ao mês de Setembro — obrigaram o Teatro da Cornucópia a adiar a estreia do seu sétimo espectáculo, terceiro da temporada, para quarta-feira da próxima semana, dia 29. O encetar de diligências várias para remediar situação e a dificuldade de mover a totalidade dos obs-

táculos existentes obrigaram a este adiamento. Embora a responsabilidade do facto lhe não caiba, o Teatro da Cornucópia apresenta ao público as suas desculpas.

A partir de 29 (terça) «Tambores na Noite» estará em cena todas as noites às 21.30 (terça a sábado) e nas tarde de domingo às 18 horas. Os bilhetes já adquiridos podem ser trocados na bilheteira do Teatro Bairro Alto todos os dias das 15 às 19.

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

ASSEMBLEIAS DE DELEGADOS ENSINO PRIMÁRIO

Convocam-se todos os Delegados Sindicais do Ensino Primário para uma Assembleia de Delegados Extraordinária com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Informações
- 2 — Diferenciação de quadros
- 3 — Profissionalização

Chamamos a atenção dos colegas para a importância desta O. T., para a dinamização da vida sindical em relação à qual os Delegados Sindicais têm um papel fundamental.

DIA — 2.ª feira, dia 27/9

HORA — 15 horas

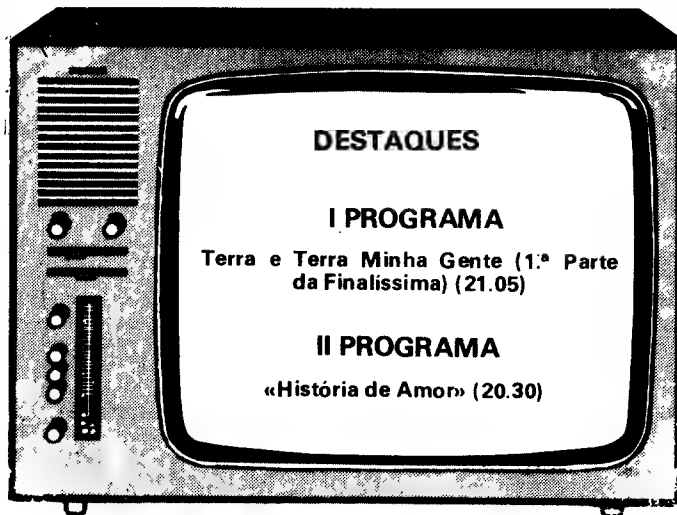
LOCAL — Sala de Conferências da Reitoria da Universidade de Lisboa.

C. P. E. S. E ENSINO SECUNDÁRIO

Convocam-se os Delegados Sindicais do Sector CPES/ES para uma Assembleia de Delegados Extraordinária a realizar na 2.ª feira, dia 27 de Setembro, pelas 17 horas, na Rua do Alecrim, 46, 1.ª em Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

— Colocações e Plano de Profissionalização.

PELA DIRECÇÃO SINDICAL



Amanhã

I PROGRAMA

14.00: Telejornal — 1.ª edição; 14.15: Hoje Pode Ver; 14.25: Retrospectiva; 14.40: Culinária; 15.05: Aconteceu, Acontece; 15.30: «Jovens Rebeldes»; 16.30: Fungagá da Bicharada; 17.00: Cinema de Animação; 18.00: Documentário; 18.25: Da Saúde e da Vida; 18.40: Concerto; 19.40: Stop; 19.55: «Gente do Amanhã»; 20.30: Telejornal — 2.ª edição; 21.05: Musical; 22.00: Em Debate; 23.00: Telejornal — 3.ª edição; 23.30: Fecho.

II PROGRAMA

20.25: Paz na Guerra; 21.50: Telejornal; 22.15: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 722786-834271

Avenida S. João de Deus, 13-B Rua Macau, 8

Desporto PORTUGAL

ANDEBOL

Várias mudanças entre nomes do Andebol: Carlos Silva troca o Sporting pelo Benfica, enquanto Mesquita (ex-técnico) salta para o «sete» orientado por Matos Moura, que (igualmente) recebe Farinha Rosa e Branco Lopes. José Manuel deixa o Benfica, retornando ao Belenenses, ao mesmo tempo que Plácido é o novo director da secção das «águias», que passa a ser orientada tecnicamente pelo eng.º Neves, que conta com nomes transferidos: José Luis (ex-Sporting) Bernardo e Carlos Vanconcelos. O F. C. do Porto recebe Lobato (que esteve no CDUP), enquanto o prof. António Cunha comanda a secção «azul-branca». Em Coimbra, a Académica de Coimbra passa a ser orientada por Pedro Afra. No CACO, a direcção técnica foi entregue a Eduardo Gouveia, ficando Avelino Batista no Encarnação e transitando Fernando Tavares (do Boa Hora) para o Camarate. Quanto ao Técnico, indigita-se o prof. Jorge Martins para treinador.

O Belenenses (campeão nacional de andebol) fará um jogo com o Stella (campeão francês) no pavilhão da Ajuda, pelas 18 horas do próximo domingo.

APÓLIO

A Câmara Municipal do Porto concedeu, ao Fluvial como

ao Boavista, facilidades para o pagamento de dívidas referentes aos terrenos em que se localizam, respectivamente, a piscina da primeira colectividade e o Estádio do Bessa.

ATLETISMO

No sábado, a secção de Atletismo do Belenenses promove, no Estádio do Restelo, um torneio de captação para a modalidade, destinado a entusiastas de ambos os sexos.

BASQUETEBOLE

O Oriental abre inscrições a quantos queiram praticar a modalidade da bola ao cesto. Por seu lado, no domingo, em Coimbra, vai decorrer o 1.º «Encontro Nacional de Treinadores», enquanto os árbitros lisboetas (sob comando de Manuel Campos) aperfeiçoam o físico nas instalações desportivas do Clube Nacional de Natação.

CAMARATE

Para recolher fundos destinados a Jofre dos Anjos Ferreira (desportista que, por acidente de viação, ficou cego) tem lugar amanhã, pelas 15 horas, Camarate (parque de jogos dos Bombeiros) um festival que inclui um encontro de futebol entre veteranos do Sacavenense e do Casa Pia e, mais tarde, entre as antigas «glórias» do Benfica e do Sporting. No intervalo processa-se uma largada de pombos da Sociedade Columbófila de Camarate.

CICLISMO

Primeiro Circuito da Azambuja, para ciclistas populares, a 2 de Outubro. No dia seguinte, tem lugar a prova José Maria Nicolau, enquanto que a corrida «Vila Morena» está marcada para 5 de Outubro.

CONFERÊNCIA

A 8 de Outubro (10 horas) processa-se no salão nobre do Instituto Superior de Educação Física uma conferência de Pierre Seurin (presidente da Federação Internacional de Educação Física — FIEP) subordinada ao tema «As organizações internacionais de Educação Física e a FIEP».

CONFRATERNIZAÇÃO

A Comissão Distrital de Santarém de Árbitros de Hóquei em Patins reúne-se, pelas 8 e 30 (na estação do Entroncamento) para um passeio de confraternização.

GOLFE

No Clube de Golf de Vila-moura vai realizar-se o VII Campeonato Mundial Amador de Golfe Equipas femininas — Troféu Espírito Santo. A inauguração oficial será em 5 de Outubro terminando o torneio a 9 de Outubro. Estes dias

Continua na pag. 17

ONDE O FUTEBOL É NOTÍCIA

Manoel no Brasil por morte da mãe

Inesperadamente, o futebolista brasileiro Manoel, que se encontra ao serviço do Sporting, teve de partir para o seu país: sua mãe faleceu, no Rio de Janeiro, e o futebolista já se encontra junto da família para assistir ao funeral da progenitora.

Manoel é substituído na turma escalada para Leixões: prevê-se o reaparecimento de Márinho ou a entrada de Libânio, no «team» que terá pela frente os pupillos de Meirim.

ALMADA

Cabrita (Sporting da Covilhã) e Luis Filipe (Montijo) transferiram-se para o Almada.

ÁRBITROS

Os juizes filiados na Comissão Regional dos Árbitros de Futebol de Lisboa reúnem-se a 14 de Outubro, para eleição da nova direcção do organismo. Porém, a 27 de corrente, haverá uma reunião técnica dos citados árbitros, com o objectivo de se analisarem as últimas remodelações técnicas no jogo.

BENFICA

Era tudo um mal-entendido: Vitor Baptista regressa ao «plantel» activo do Benfica e, como não há por aí rematadores, já amanhã deve fazer o gosto ao pé perante o Académico de Coimbra.

EUROPA

O empresário polaco Julius Uklarczyk pensa levar uma equipa portuguesa (Sporting ou Porto) a um torneio que, durante as férias do Natal, vai decorrer na Europa Central.

MUNDIAL-78

A Holanda, finalista em Munique, frente à Alemanha Federal, no Campeonato Mundial de 1974, não participará no Mundial-78 se a fase final se realizar na Argentina — afirmou um dirigente futebolístico holandês. Max Triples, membro do comité executivo da Real Federação Holandesa de Futebol disse ainda: «Discutimos o assunto numa reunião, e chegámos à conclusão unânime de que a nossa equipa não irá à Argentina, por razões de segurança».

Acrescentou Triples que o Comité Executivo Holandês se iria pôr em contacto com a União Europeia de Futebol (UEFA), juntamente com a Bélgica, para exporem os seus temores e a sua intenção. «No entanto», disse ainda Triples, «a decisão definitiva não pertence ao nosso comité, já que a opinião final será tomada pela federação em reunião plenária, mas creio que esta estará tam-

bém de acordo, já que o presidente Wim Neulwman manifestou em ocasiões anteriores que a Argentina não é a sede apropriada para o Mundial de 1978, devido à sua instabilidade.

OLIVAIS

«Dia do clube», para os associados do Sport Lisboa e Olivaes que, no próximo domingo, quiseram ver o jogo do seu emblema com o Grupo Desportivo dos Olivais.

PORTIMÃO

Matine rubricou o contrato por uma temporada com o Portimonense.

PROCURA

Mais dois clubes (já são sete só cá por casa...) desejam obter o concurso de Eusébio, dispensado pelo Benfica há perto de duas épocas: o Salgueiros e o Beira-Mar entraram na corrida, ao lado do Estoril, Vitória de Setúbal, Sporting de Braga, Boavista e do próprio Benfica...

VETO

António Garrido foi vetado pelo União de Tomar. Num longo comunicado da colectividade tomarense, pode ler-se que houve atrocidades cometidas pelo árbitro, no jogo do União com o Estrela de Portalegre e que a equipa do Nabão não actuará em mais nenhum encontro futebolístico que seja dirigido por Garrido, um dos juizes de campo mais categorizados do futebol português.

Bibliografia desportiva

A escassa (e ainda) romântica bibliografia desportiva portuguesa acaba de receber um bom reforço: Carlos Carvalho (director do prezado colega «Mundo Desportivo»), Fonseca Vaz e José Lopes Marques rubricam três obras que, na verdade, vale a pena ler com atenção e cuidado.

«PEDAGOGIA E DESPORTO»

Carlos Carvalho assina «A Medida do Tempo», volume n.º 48 da colecção «Cultura e Desporto» (edição do M. E. I. C., através do Centro de Documentação e Informação da D.G.D.). Em «A Medida do Tempo» aflui o saber da palavra de Carlos Carvalho, longo militante antifascista, nome fundamental na fundação do Partido Socialista, prémio «Romain Rolland» (1966), homem do desporto na generalidade (representante português em vários congressos e «meetings» além-fronteiras), figura do futebol em particular (antigo dirigente benfiquista, ex-seleccionador nacional de juniores, membro federativo e perfeito conhecedor das leis do jogo, absolutamente na linha directa de Ribeiro dos Reis, o mestre saudoso). Personalidade com lugar firme na actual vanguarda do jornalismo desportivo do nosso país, Carlos Carvalho surge em «A Medida do Tempo» na plenitude dos recursos e no apogeu da oferta de conhecimentos. Nos capítulos da sua obra estão patentes lições de desporto que afloram ou aprofundam temas de real interesse e perfeita identificação com o instante-calendário que atravessamos: «A Unesco e o Desporto», «Um Voto», «Cultura Integral», «Consciência Nacional», «Do Mito Olímpico à Política e ao Racismo», «Estética e Alienação», obrigam a pensar e implicam um exame crítico em cada um de nós, os que gostam do desporto por aquilo que vale, pelo ideal que representa, pelo estandarte que significa.

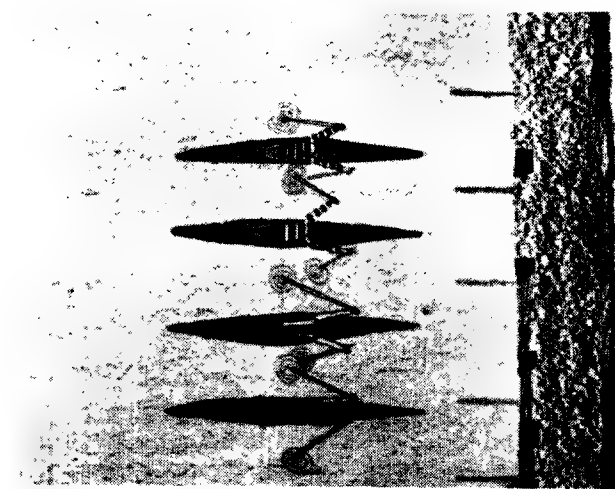
Sem sombra de dúvida: estamos perante um autor que manuseia a palavra com fluência e, quando se socorre de afirmações de outros vultos, foi procurar François Mauriac, Ziemliski, Jules Rimet, Romain Rolland, Beethoven, Li-Tai-Po, Jean Rostand, Sigmund Freud, Pierre Laguille, os nossos Bento de Jesus Caraça e Antero de Quental. Isto é: completou os pensamentos em cúpulas luminárias, tornando-os vasta motivação para um debruçar respeitoso e agradecido. Muito obrigado, Carlos Carvalho.

«A MEDIDA DO TEMPO»

Fonseca Vaz é o autor de «Pedagogia e Desporto». Diplomado em Ciências Pedagógicas, profundo «expert» de ténis, Fonseca Vaz surge, desta feita, num trabalho de prospecção junto da criança, vista no seu comportamento ante o Jogo, o Desporto, o Desenho, a Música, a Televisão, a Alimentação e a Saúde, terminando por citar os Direitos da Criança como inalienáveis, seja qual for a situação que se atravessa. «Pedagogia e Desporto» tem extrema validade, especialmente para os pedagogos ou para os educadores infantis, pois neste livro, de frases fluentes e sem demagogia, Fonseca Vaz mergulha no íntimo de cada criança, de cada um de nós quando em formação, e dissecou seus pensamentos e ambições. Muitas histórias, punhados de exemplos verídicos estão nas páginas de «Pedagogia e Desporto» que vale, sobretudo, como experiência humana transplantada para a

luz da publicidade. Aqui e além retém depoimentos recolhidos a esmo: daí a sua melhor autenticidade, a sua esgrima contra o artificial e o preconcebido. Aconselha, encaminha, ampara. Dá o braço ao leitor e, subitamente, inclui-o no submundo do Futebol, nos bastidores do Ténis, na maravilhosa experiência-luta que foram os Jogos Juvenis do Barreiro. Fonseca Vaz termina com uma dura crítica a quantos exploraram o seu entusiasmo pelo ténis (e, a pouco mais que meia dúzia de tostões por volume, editaram uma obra de sua lavra) até apagar do pedestal uma Federação que, no seu entender, «é constituída por meia dúzia de indivíduos que há cerca de 20 anos dirige os seus destinos, sem dar cavaco aos federados da forma como aplica as receitas...»

Leitor: seja você o juiz, como diriam os confrades brasileiros dos velhos tempos.



«A CRIANÇA E O REMO»

O M. E. I. C. (Secretaria de Estado dos Desportos e Juventude) lançou, em hora magnífica, um volume de alta qualidade: «A Criança e o Remo». Trabalho que inclui extractos da dissertação de José Lopes Marques, no seu fim de curso no I. N. E. F., é profusamente ilustrado com desenhos da autoria de crianças, nalguns momentos a tocarem os extremos da sensibilidade e da ternura.

José Lopes Marques é um professor de Educação Física com experiência devotada à caracterização desportiva e pedagógica da prática do remo, com incidência no sector juvenil de praticantes e entusiastas. O trabalho de Lopes Marques na «Pedro de Santarém» é, neste livro, largamente tocado: pequenitos de palmo e meio poderiam ser, aqui e agora, os melhores apologistas do mérito e da dedicação de Lopes Marques a uma das mais sãs e inatacáveis disciplinas olímpicas. Quando um dia se fizer a história portuguesa de um sector desportivo em que já fomos mestres, convém ir procurar, no exemplo desenhado neste livro por crianças, algumas das razões do nosso passado.

Neves de Sousa

Sporting em parada

Tudo se conjuga para que o encontro de basquetebol entre o Sporting e o Real Madrid (a contar para a «Taça dos Campeões Europeus») ocorra em Alvalade, no novo pavilhão «verde-branco». Na eventualidade, seria oportuna a transmissão via TV, caso o Sporting fosse convenientemente indemnizado: o espectáculo promete aliciente e há milhares de entusiastas do basquetebol que não poderão deslocar-se ao Lumiar, nessa noite.

Amanhã (a partir das 15 horas) ou no domingo (depois das 9) as portas de Alvalade estão abertas para os entusiastas do hóquei patinado que, com mais de 6 e menos de 12 anos de idade, queiram experimentar as habilidades.

Joaquim Agostinho e outros nomes grandes do Desporto nacional tomam parte na festa de homenagem a Carlos Lopes (9 de Outubro), prevendo-se também a realização de um Sporting-Benfica, em futebol, para apresentação entre os «verdes» do brasileiro Clésio, que nada tem a ver com o homónimo que joga no Estoril. Neste momento, está formada a comissão executiva do festival: dr. Nunes dos Santos, Alberto Lourenço, prof. Mário Moniz Pereira, Amílcar Cantarinha, eng.º Gomes Nunes, Romeu Branco, José Abrantes, Mário da Cunha Rosa, eng.º Eduardo Correia Pereira, José Fidalgo, Ernesto Garcia, Manuel do Carmo Fervença, Sobral Júnior, Fausto Ribas, João Castelo Branco, José Ferrão e António Coutinho. Atletas olímpicos do Sporting (Palhares Costa, Alvaro Dias, João Vieira, Nuno de Moraes, Rui Maia, Pedro de Almeida, Joaquim Ferreira, Manuel de Oliveira, Armando Aldegalega, José Rocha, Alberto Matos, José Carvalho e Fernando Mamede) também se associam à homenagem a Carlos Lopes.

A 6 de Outubro abrem as aulas de ginástica no Sporting: esperam-se 2000 alunos, nos quatro ginásios aptos a funcionar.

Márinho deve reaparecer perante o Lille, em França, no jogo que os «leões» ali vão disputar a 6 de Outubro.

A representação de lutadores do Sporting vai actuar em Dezembro, na «Taça dos Campeões Europeus» do modalidade. Luis Grillo é o treinador da formação, enquanto Cesário Santos é o técnico adjunto.

Está assim ordenado o quadro de professores de ginástica no Sporting: Reis Pinto, Olga Alves, Helder Matos, Ana Alves, Jesida Melo, Ofélia Cardoso, Ivone Alvarez e Araújo Leite.

Enquanto não ficam concluídas as obras das novas instalações da secção de ténis de mesa (em Alvalade) os representantes do Sporting treinam no Colégio de S. João de Brito (Estrada do Lumiar).

Nacional

NOVIDADES NA TV

Abertura às 18.30 e mais programas de índole recreativa

O novo mapa-tipo que Carlos Cruz apresentará esta tarde aos órgãos da comunicação social, e que em princípio entrará em muitas das nossas casas a partir de 4 de Outubro próximo, contém expressivas alterações e inovações para os seis meses que se avizinham, justificáveis no plano interno pela necessidade de obviar a casos de subemprego significativamente preocupantes e pelo restabelecimento dos melhores hábitos de trabalho.

Pretende-se também que a Televisão recupere o seu lugar junto dos telespectadores, os quais não se circunscrevem a Lisboa e ao Porto, e que se estenda ao resto do País.

"Diário de Notícias" tem novos administradores

O Conselho de Ministros, sob proposta do secretário de Estado da Comunicação Social, nomeou membros da Comissão Administrativa da Empresa Pública dos Jornais "Diário de Notícias" e "Capital", o eng.º Manuel Carlos Sousa e Jacinto Correia Raposo.

O eng.º Carlos Gomes tem 48 anos e é natural do Porto, em cuja Universidade se formou em Engenharia Electrónica. Jacinto Correia Raposo tem 38 anos e é membro do Conselho de Directores da Companhia Portuguesa de Transportes Marítimos, lugar para que foi nomeado por portaria da Secretaria de Estado da Marinha Mercante.

Uma pasta muito pessoal

Do interior de um carro estacionado na Rua da Conceição da Gória foi roubada, terça-feira à noite, uma pasta castanha de pele. Dado o valor dos documentos de interesse exclusivamente pessoal que a mesma continha, o seu proprietário solicita a sua devolução para a Rua António Elvas, 105, 2.º Dt.º, em Lisboa.

Festa portuguesa na U.R.S.S.

No próximo mês de Outubro terá lugar em Baku, capital do Azerbaijão, «Os Dias de Portugal na URSS», festa que contará com a presença de uma importante delegação do nosso país, que na altura estará de visita à cidade.

«Os dias de Portugal na União Soviética» é uma realização da Associação de Amizade URSS-Portugal e destina-se a divulgar a cultura e a vida portuguesa na URSS.

BARES · BOTES

RESTAURANTES

TÍPICOS

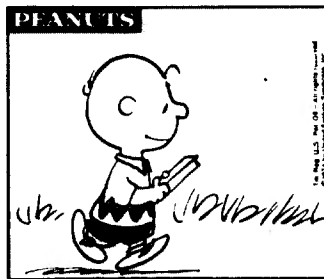
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 Tel. 364.955/368.197. Rosy Strip-tease

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 261.461/164.526/264.596/264.621/264.946

No novo mapa-tipo, segundo informação de boa fonte, não haverá lugar para «Terra a Terra, Minha Gente» e outros programas que, por pesados ou pastosos, já vinham cansando o telespectador, deixando de ser aquilo que todos os portugueses queriam que fosse: a companhia ideal dos serões, tanto sob o ponto de vista formativo e informativo como recreativo. Agora, ao que parece, teremos mais «antena» recreativa e um espectacular espaço dedicado às rubricas musicais, ao teatro português representado por actores portugueses e aos programas culturais, que andavam arredados da generalidade dos telespectadores.

Uma das novidades maiores é a de que vamos ter Televisão mais cedo (abertura às 18 e 30), salvo aos sábados e domingos (horários inalteráveis), enquanto no campo informativo e desportivo se manterão os actuais esquemas.



Hora atrasa depois de amanhã

À uma hora da madrugada do próximo domingo os relógios atrasam-se uma hora, atendendo à entrada na estação invernal. Quando voltar a Primavera a hora será adiantada 60 minutos, o que acontecerá no último domingo de Março de 1977.

A pontualidade dos relógios está a cargo de uma Comissão Permanente da Hora, constituída em 1944, e na qual se integram o director do Observatório Astronómico de Lisboa e representantes dos Ministérios da Administração Interna, Indústria e Tecnologia, Transportes e Comunicações, Trabalho e Educação e Investição Científicas. Portugal voltou a adoptar o tempo universal do Meridiano de Greenwich, em cujo fuso horário está colocado.



tempo

Situação do tempo
09.00 H.

O céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco a moderado do quadrante sul. Chovia em alguns locais a norte do Tejo.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	18°
COIMBRA	17°
PORTALEGRE	15°
LISBOA	19°
FARO	23°
FUNCHAL	22°
VIANADOCASTELLO	15°
SAGRES	20°
BRAGANÇA	13°
PONTA DELGADA	16°

TEMPERATURAS EXTREMAS

PREVIA-MAR BAIXA-MAR

4.07	4,3 m	9.46	0,5 m
16.26	4,5 m	22.10	0,5 m
Dia 25			
4.47	4,4 m	10.26	0,5 m
17.07	4,5 m	22.49	0,6 m
Dia 26			
5.28	4,4 m	11.07	0,6 m
17.50	4,4 m	23.30	0,7 m

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado. Vento moderado de sudoeste, podendo por vezes soprar com rajadas. Períodos de chuva ou aguaceiros e possibilidades de trovoadas isoladas, especialmente nas regiões montanhosas.

AMANHÃ

NASCE AS 7.27

OCASO AS 19.29

DIA 30 DIA 8 DIA 16 DIA 23

BOLSA DE LISBOA

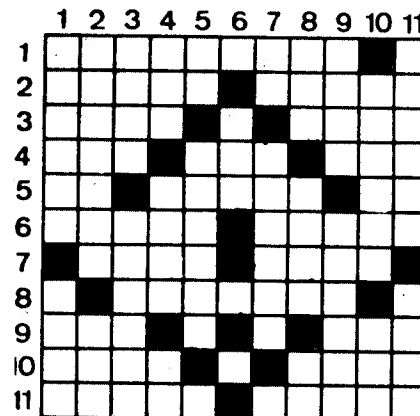
VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons. 23/4 %	300\$	275\$	310\$
Cons. 3 %	-	300\$	-
Cons. 3 1/2 %	-	350\$	-
Centenários	-	800\$	-
Tes. 10 %	500\$	790\$	505\$
Extern. 1.ª - s.	-	450\$	-
Extern. 1.ª - c.	-	450\$	480\$
Extern. 3.ª - s.	-	450\$	-
Extern. 3.ª - c.	-	500\$	140\$
Caut. 3.ª - s.	-	-	-
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Lx. 6 %	-	730\$	-
C.M.L. 5 3/4 %	-	750\$	700\$
C.P. 5 1/2 % - 67	-	600\$	-
C.P. 5 1/2 % - 68	-	600\$	700\$
C.P. 5 1/2 % - 69	-	630\$	-
Corr. 5 3/4 %	-	750\$	-
Metr. 5 3/4 %	-	810\$	-
Tur. 5 3/4 %	-	850\$	-
C.P. 6 3/4 %	-	750\$	-
ELÉCTRICAS			
G. 5 % - 58	-	640\$	680\$
G. 5 % - 59	-	-	-
G. 5 % - 62	-	-	-
G. 5 % - 63	-	-	-
G. 5 % - 64	-	-	-
G. 5 % - 65	-	-	-
G. 6 % - 67	720\$	720\$	-
G. 6 % - 69	710\$	710\$	-
G. 7 %	-	870\$	900\$
H.E.A.A. 5 %	-	550\$	-
H.E.C. 5 %	-	700\$	-
H.E.C. 6 %	-	710\$	-
H.E.D. 5 %	-	580\$	-
H.E.D. 6 %	-	720\$	-
H.E.N.P. 5 %	-	740\$	-
H.E.S.E. 5 %	-	-	-
H.E.S.E. 6 %	-	680\$	-
H.E.Z. 5 % - 57	-	630\$	-
H.E.Z. 6 %	-	730\$	-
N. Elec. 5 %	-	600\$	-
N. Elec. 6 %	-	650\$	-
Termoel. 5 %	-	560\$	-
U.E.P. 5 % - 60	-	700\$	-
U.E.P. 5 % - 63	-	-	-
U.E.P. 6 %	-	700\$	-
U.E.P. 7 %	-	700\$	-
DIVERSAS			
A.P.T. 5 % - 56	-	690\$	-
A.P.T. 5 % - 58	-	670\$	-
Lisnave 6 %	-	730\$	-
Nitratos - 60	-	610\$	-
Petr. 2.ª e 3.ª	-	750\$	-
Sacor 7 %	-	800\$	-
Sacor 5 %	-	-	-
Sacor 5 % - 54	-	750\$	-
Sid. 5 % - 2.ª	-	630\$	-
Sid. 5 % - 3.ª	-	620\$	-
Sid. 5 % - 4.ª	-	620\$	-
Socel 5 %	-	-	-
R. Fabril - 67	-	725\$	-
R. Fabril - 68	-	720\$	-
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5 %	-	400\$	-
Rev. 5 % - 57	-	-	-
Rev. 5 % - 58/60	-	-	-
Moçambique 5 %	-	-	-
Sonefe 5 %	-	-	-
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico	-	-	-
F.I.D.E.S.	-	-	-

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 11479

HORIZONTAIS:

- 1 Beleza.
- 2 Desmontar. Nódoa.
- 3 Demónio. Cidade de Espanha.
- 4 Medida de superfície. Piedosa. Procede.
- 5 Batráquio. Pequeno. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire.
- 6 Serra de Portugal. Ribeira afluente do rio Zêzere.
- 7 Vais para fora. Cidade da Alemanha.
- 8 Político e escritor português ex-presidente do conselho.
- 9 Tritura. Cidade de França.
- 10 Rio da Irlanda. Dar mios.
- 11 Vassourara o forno depois de aquecido. Urde.



VERTICAIS:

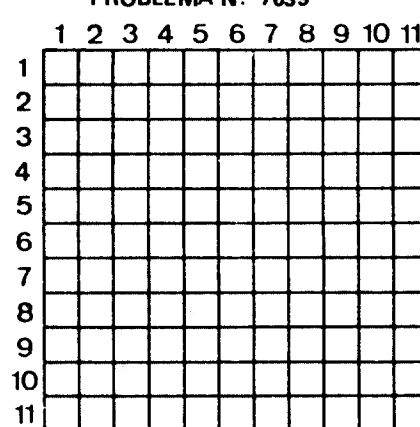
- 1 Dotara. Medida de capacidade entre os hebreus.
- 2 Executais. Agora.
- 3 Mova os remos. Célebre poeta trágico francês autor de «Berenice».
- 4 Extremidade do braço. Embarço (fig.). Erbio (s.q.).
- 5 Sufixo que designa estado. Riqueza.
- 6 Rio do estado do Ceará. (Bras.).
- 7 Artigo indefinido. Terminar.
- 8 Nome de homem. Pico do distrito de Goa, Índia (Port.) Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
- 9 Rã (pop). Penúria.
- 10 Engelhada. Medida de líquidos da Holanda.
- 11 Chapéu alto (pop). Riça.

Resolheu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7639

HORIZONTAIS:

- 1 Disputa. Berloque de ouro, antigo.
- 2 Reunir num todo. Equipar.
- 3 Agrupar. Presentemente.
- 4 Levanta. Ice.
- 5 Sapo do Amazonas. Acrescente. Preposição.
- 6 Alternativa (inv.). Mês do calendário indiano que corresponde a parte do mês de Junho e parte do mês de Julho do calendário gregoriano. Campeão.
- 7 Rio de Portugal. Gosta muito de.
- 8 Rezel. Aprel.
- 9 Bálamo. Consentir.
- 10 Prefixo de negação. Sufixo que designa estado. Artigo definido. Apelido.
- 11 O sono das crianças. Solitário. Rio, afluente do Douro.



VERTICAIS:

- 1 Botequim. O mesmo que itálico.
- 2 Que gosta de andar na rua. Ramalheta.
- 3 Rio do estado do Ceará (Bras.). Prefixo que designa ar.
- 4 Fome. Sequioso.
- 5 Apelido. O mesmo que dói. Rezo.
- 6 Nome de malha.
- 7 Ave perna da Brasil. Passada. Duna na Suécia.
- 8 Levante. Doméstica.
- 9 Sacrifica. Sapo do Amazonas.
- 10 Rede com que se impede a abordagem de um navio. Alegria.
- 11 Época. Aguardar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA 11478

HORIZONTAIS:

- 1 Samarrões.
- 2 A. Sór. Era.
- 3 Br. Araça. MA.
- 4 Ria. Elo. Aal.
- 5 Arlam. SORTE.
- 6 Cair. Tirar.
- 7 Mat. Ara.
- 8 Ra. Soara. Cs.
- 9 Ab. Uma. Ta.
- 10 Croa. Vari.
- 11 Soais. Casar.

VERTICAIS:

- 1 Abraca. Cs.
- 2 Rir. Aaro.
- 3 As. Afim. BOA.
- 4 Moa. Aras. Ai.
- 5 Arrematou.
- 6 Al. Ama.
- 7 Recostara.
- 8 Ora. Oira. VA.
- 9 Ea. Arr. Tas.
- 10 Mata. CARA.
- 11 Galeras. Ir.

Proverbio: A MÁ SORTE, BOA CARA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA 7638

HORIZONTAIS:

- 1 Assaltariam.
- 2 Vais. Ermo.
- 3 Iró. Ero. Ais.
- 4 Sa. Prato. Ga.
- 5 Ostra. Arcos.
- 6 Re. Ao.
- 7 Avó. Ame. Rim.
- 8 Paços. Satão.
- 9 Elas. Mate.
- 10 Lar. Aló. Der.
- 11 Asara. Arosa.

VERTICAIS:

- 1 Aviso. Apela.
- 2 Saras. Valas.
- 3 Sio. Trocara.
- 4 As. Pr. Os.
- 5 Era. As. Aa.
- 6 Tira. Cm. Pi.
- 7 Ota. Es. Oa.
- 8 Re. Ora. Am.
- 9 Ira. Cortado.
- 10 Amigo. Iales.
- 11 Mosas. Moera.

Teatros e Cinemas

LISBOA

TURNO C-1

TODA A NOITE

ALVALADE
Alentejo, Av. Igreja, 28-B
(T. 712682)

ANJOS
Confiança, Av. Almirante
Reis, 46-B (T. 821653)

AREIRO
Nova Lisboa, R. Guilhermina
Suggia, 12 (T. 727721)

AVENIDA DE ROMA
Algarve, Av. Roma, 7-B
(T. 801478)

BAIXA
Barral, R. Augusta, 225
(T. 361534/5)

BELÉM
Remisio, R. Jerónimos, 14-C
(T. 631698)

BENFICA
Benfica, E. Benfica, 678-E
(T. 702532)

CAMPOLIDE
Central de Campolide, R. Ge-
neral Taborda, 17 (T. 680304)

DUQUE DE SALTANHA
Cruz Nunes, P. Duque de Sal-
dinha, 14 (T. 41845)

LAPA
S. Nunes Simões Sucr.,
R. Oelhas, 1 (T. 651275)

OLIVAIS
Fernandes Borges, R. Cida-
de de Benguela, lote 300
(Olivais Sul) (T. 311091)

REGO
Laranjeiras, R. Filipe da Ma-
ta, 160-162 (T. 761035)

S-SEBASTIÃO
Bairro Azul, Av. Ressano
Garcia, 7-A (T. 571451)

TURNO C-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

ARROIOS
S. Jorge, L. Leão, 3-A/B
(T. 534027)

AVENIDA DA LIBERDADE
Vieira Borges, R. Alexandre
Herculano, 28-30 (T. 40536)

AVENIDA DE ROMA
Avis, Av. Roma, 58-B/C
(T. 715370)

BARRO DA ENCARNÇÃO
Ascenso, P. Norte, 11-A/B
(B. Encarnção) (T. 311216)

BEATO
Grijó, R. Grilo, 25 (T. 285264)

BENFICA
Viteux, E. de Benfica, 383-B
(T. 780548)

BOA-HORA
Sepel, C. Boa-Hora, 94-A
(T. 631958)

CALHARIZ
Modelar, L. Dr. António Sou-
za Macedo, 7-A (Poço Novo)
(T. 608896)

CAMPO DE OURIQUE
Lobel, R. Infancia 16, 98-B
(T. 688807)

CAMPO PEQUENO

Campo Pequeno, Av. Júlio
Dinis, 10, lojas 18-19 (Drugs-
tore Apolo 70) (T. 771661)

DESTERRO
Silmar, R. S. Lázaro, 128
(T. 42829)

GRAÇA
Roda e Viegas, R. S. Vicente,
31 (T. 864351)

LUMIAR
Central do Lumiar, R. Lu-
miar, 77 (T. 790480)

PICHELEIRA
Marluz, C. da Picheleira,
140-B/C (T. 720708/728395)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, R. António dos San-
tos Jorge, 15 (T. 234100)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos
Reis, 30 (T. 204020)

ALMADA
Castro Rodrigues, R. Capitão
Leitão, 21-A (T. 2750076)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E. Nacional, 178-B
(T. 2040302)

BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Sil-
va, 48 (T. 2073207)

COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso, P. 5 de
Outubro, 18 (T. 2950254)

MOITA
União Moitense, Av. Dr.
Teófilo Braga (T. 239025)

MONTUJO
Diogo, R. Almirante Cândido
dos Reis, 50 (T. 2310032)

SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13
(T. 2233471)

SETUBAL
Soromenho, P. Machado San-
tos (T. 22691); Alice, P. do
Quebedo (T. 23243)

SEIXAL

Soromenho, R. Paiva Coe-
lho, 38 (T. 2218560)

LINHA DE CASCAIS

ALGES
Miramar, R. Ernesto Silva, 81
(T. 2112048)

CAXIAS
Nova, R. Bernardino Ribeiro,
1-A (T. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng. Bonnevil-
le Franco (T. 2435147)

OEIRAS
Central, R. Conde Ferreira,
29 (T. 2430058); Oeiras,
L. Henrique Paiva Couceiro
(T. 2430485)

NOVA OEIRAS
Leal

PARADE
Brandão, Av. da República,
77-C (T. 2471054)

MURTAL
Primavera, R. das Parreiras,
2 (T. 2472278)

AMOREIRA

Amoreira (T. 262313/267314)

ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque,
3 (T. 260191)

MONTE ESTORIL
Godinho da Silveira, Av. Sa-
boia, 29-B (T. 260085)

CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento
19, 41 (T. 280141); Cascais,
R. Conde de Monte Real,
B. das Caixas (T. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pom-
bal, lote 9 (T. 934589); Cam-
pos, R. Elias Garcia, 185
(T. 930072); Clabel, R. An-
tónio Sardinha, 23-D
(T. 938551)

DAMAIA
Confiança, E. Militar, lote D
(T. 9710231)

VENDA NOVA
Girassol, R. Elias Garcia, 17-
C (T. 974161)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda,
28 (T. 950117)

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55
(T. 2940034)

MEM MARTINS
Quimã, E. de Mem Martins,
285 (T. 2910012); Rodrigues
Rato (T. 2912038)

S-PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)

SINTRA
Marrazes, E. STEFANIA (T.
2930058)

COLARES
Abreja (T. 299088)

PORTO

TURNO 30

Costa Cabral, R. d. Costa
Cabral, 1832; Fonte da Mou-
ra, R. de Tanger, 1463; Bar-
ros, R. do Bonjardim, 1292;
Fátima, R. de Oliveira Mon-
teiro, 475; Garantia, R. Fer-
nandes Tomas, 696; Sá,
R. Vale Formoso, 181; Sara-
bando, L. dos Lóios, 36

TODA A NOITE
Batalha, P. d. Batalha, 26
Campo, P. da República, 118
Invicta, R. do Bonfim, 330
Mira Paulo, R. de Castelo de
Numão, 37

COIMBRA
Luciano e Matos, R. da So-
fia, 7 (T. 22147); Machado,
R. Bernardo Albuquerque
(T. 23767); Sitalia, L. da Sé
Velha, 13 (T. 23234)

CASTIL

Tel. 630194 15, 17, 19, e 21.15

Intr. men. de 18 anos
Colorido

FELICIA
Um filme de Max Pécas

(Este filme contém cenas even-
tualmente chocantes)

IMPERIO

Tel. 555134/5 15.15, 18.30 e 21.15

Grupo B... 10 anos

**A GRANDE CORRIDA
A VOLTA DO MUNDO**
2.ª Semana
Tony Curtis, Jack Lemmon,
Nathalie Wood

A mais divertida comédia de todos
os tempos de Beak e Edwards
70mm/M. ecran gigante

POLITEAMA

Tel. 323805 14.15, 16.30, 19, 21.30

Interdito a men. 18 anos
7.ª semana de êxito total

EXTASE SEXUAL DE MACUMBA
ESTE FILME PODE SER
CONSIDERADO PORNOGRÁFICO

ROMA

Tel. 727778 15.30, 18.30, 21.15

Intr. men. 18 anos
Um filme de Max Pécas

LUGURIA
2.ª Semana
Este filme contém cenas event-
ualmente chocantes

MUNDIAL

Tel. 538743 15.15, 18.30, 21.15

Interdito men. 18 anos
**SALO OU OS 120 DIAS
DE SODOMA**
Contém cenas eventualmente
chocantes

CARLOS MANUEL

Tel. 2930304 21.15

Intr. men. de 18 anos

QUADRILHA SELVAGEM

1.º Programa

16.00: Música variada; 17.00: Músi-
ca sem fronteiras; 18.00: O Festival de
Maiorca — Figueira da Foz — E.R.C.;
18.30: Música portuguesa; 19.00: A
Agricultura que nós temos; por An-
tónio Riqu Calado; 19.45: Música ins-
trumental; 20.00: Jornal da noite;
20.30: Conjuntos instrumentais; 21.00
Contraponto — editorial; 23.30: Des-
porto no Mundo; 24.00: Fecho.

2.º Programa

15.15: Ópera; 17.05: O cravista Rug-
gero Gerlin; 17.35: Quartetos de cor-
das; 18.20: Poemas sinfónicos; 19.20:
Solos de órgão; 19.50: Música coral;
20.00: Aberturas de Weber; 20.35:
«Missa da Meia-Noite, para o Natal»,
de Charpentier; 21.15: Solos de viola
dedilhada; 21.40: Música do século
XX; 22.00: Música vocal de Schubert
e Brahms; 22.30: O oboista Leon Goos-
sens; 23.00: Intercâmbio musical;
00.43: Canções de Schubert; 01.00: Fe-
cho.

3.º Programa

16.00: Variante; 16.15: Casos ao aca-
so, por Orlando Dias Agudo; 17.10: Va-
mos ao médico, pelo dr. José Matil-
des; 17.30: Teatro em variante, por Fer-
nando Midões; 18.00: Contacto; 21.00:
Música para meditar; 21.30: Quando o
telefone toca; 23.03: Nocturno; 02.00:
Fecho.

3.º Programa Local (187,5 m)

16.00: Emissão nacional; 18.00: En-
tardecer — de vez em quando; 19.30:
Romance de uma cidade; 20.00: Car-
tas a ninguém; 21.00: Fecho.

4.º Programa

16.00: Música variada; 17.00:
Canções; 18.00: Apenas música; 19.00:
Em órbita; 20.00: Orquestras; 21.00:
Concerto; 22.00: Auditório; 24.00: Pris-
ma; 02.00: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; 18.00:
Apelos; 18.15: Igreja em notícia — pa-
lavra do dia; 18.30: Transmissão do
terço; 19.00: Programa da Liga dos
Amigos de Rádio Renascença; 20.00:
Objectivo; 20.53: Apelos; 21.05: Pro-
grama da Liga dos Amigos de Rádio
Renascença; 22.00: Quando o telefone
toca; 22.30: Temassários; 23.05: Trifóni-
co; 23.30: Dicionário de economia;
00.00: Meditando; 02.00: Fecho.

cinemas

CALEIDOSCOPIO

Tel. 795083 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Para todos

Festival Tarzan
com Johnny Weissmuller

TARZAN E AS AMAZONAS

EDEN

Tel. 320768 14, 16.30, 19.00, 21.15

Uma página movimentada da
história do «Far-West»

O JUSTICEIRO DE DEUS

com William Berger
Donald O'Brien

Não acons. a men. 18 anos

ODEON

Tel. 326283 15.15, 18.15, 21.15

Maiores de 14 anos
7.ª semana de êxito total

O DIREITO DE NASCER
A odisséia das mães solteiras

APOLO 70

Tel. 76311 Estreia às 21.15

Não acons. a men. 13 anos

AMOR
um filme de Karoly Mark

As 14, 16.30 e 19 N.ac. m. 18 a.

Últimas exhibições do filme

YAKUZA
As 24.00 Grupo D (18 anos)

Western

UM HOMEM NA SOLIDÃO
de Richard Garafian

CASINO ESTORIL

Tel. 264521/264996 17 e 21.15

Não acons. men. 18 anos

AS RIVAIS
Stephane Audran e Jean-Louis
Trintignant

S. JORGE

Tel. 554153 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. men. 18 anos
2.ª Semana

A MULHER, O AMOR E O ÓDIO
Philippe Noiret, Romy Schneider
3 Oscars do cinema francês!

RESTELO

Tel. 610376 21.00

Inter. men. de 18 anos

EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM

AVIS

Tel. 47163 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. men. 13 anos
19.ª Semana

BOBBY
A projecção do filme começa 5
minutos após os horários

ESTÚDIO

Tel. 535134 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. men. 13 anos
4.ª Semana

A INTENTONA
(O 6 de Julho)

Um grande documento histórico

ESTÚDIO 444

Tel. 779095 Estreia às 21.15

Intr. men. 18 anos

DESENHOS PICANTES
(Este filme pode cair sob a alçada
do Decreto-Lei n.º 254/76)

D. JOÃO V

Tel. 971794

Não acons. menores de 13 anos

OS DEFENSORES DA CIADDE

Em ARMAÇÃO DE PÉRA o

DIÁRIO DE LISBOA vende-se na

TABACARIA LAMI

Em ARMAÇÃO DE PÉRA o

DIÁRIO DE LISBOA vende-se na

TABACARIA PAULA

UNIVERSAL

Tel. 774402 15.00, 19.00, 21.00

NÚMERO DOIS
Um filme de Jean Luc Godard

Nota: Sessões reservadas aos só-
cios da AEFA. Inscrições nas Es-
cadinhas da Achada, 10.1.º ou no
próprio Cinema Universal na Rua
da Beneficência, 175. Telef. 774402

Sábado às 00.30 **NÚMERO DOIS**
Sessões públicas às 17.00, 23.00
filme de Jean-Luc Godard

A MULHER CASADA

COLDES

Tel. 322423 Estreia às 21.15

Grupo B... M. 10 anos

TORA! TORA! TORA!

As 14, 16.30, 18.45 e 21.15

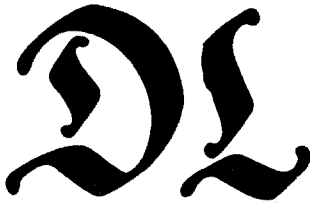
A MULHER POLÍTICA
Não acons. men. 18 anos

BERNA

Tel. 776134 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. men. 13 anos

Treine-os! Excite-os! Arme-os!
Largue-os em território nazii



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
 RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
 TEL. 654531/2/3/4
REDAÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
 RUA LUZ SORIANO, 44
 TEL. 321154/5, 320271/2/3
 RUA DA ROSA, 75
 END. TEL. DIBDA TEL. 12363
 LISBOA PORTUGAL

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Teixeira Ribeiro demitido de reitor

O ministro da Educação e Investigação Científica, dr. Sotomayor Cardia, recebeu em audiência o prof. Teixeira Ribeiro, a quem comunicou a exoneração do cargo de reitor da Universidade de Coimbra. O vice-reitor, dr. José Joaquim Gomes, deixa igualmente de exercer as suas funções. Ambos os despachos de exoneração seguiram para publicação no «Diário da República».

Entretanto o prof. dr. Férrer Correia será nomeado reitor interino, enquanto o nome do

prof. Silva Dias é indigitado para futuro reitor.

O prof. Teixeira Ribeiro desempenhou o cargo de vice-primeiro-ministro no V Governo Provisório, altura em que foi alvo de violento ataque por parte do actual Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares. O rumor da demissão do prof. Teixeira Ribeiro levou os conselhos directivos de todas as faculdades de Coimbra a emitirem um comunicado de protesto contra a hipótese, agora confirmada, da demissão do ilustre professor, considerada um saneamento à esquerda.

Vasco Lourenço confirma palavras de Caracas

«Disse que o fim de Spínola será a prisão porque, em meu entender, face a tudo em que está implicado, a sentença merecida será a de condenação» — palavras do general Vasco Lourenço ontem aos jornalistas no aeroporto de Lisboa, à chegada da delegação portuguesa que participou no voo inaugural da TAP Lisboa-Caracas. Ainda o comandante de RML: «Se me perguntarem se acho que o julgamento a que Otelo vier a ser submetido o deve condenar igualmente, pois responderei exactamente o mesmo. Mas, claro, isso é a minha opinião pessoal. Os julgamentos e as sentenças, esses, pois evidentemente que cabem aos tribunais e aos juizes fazê-los e proferir-las». Na opinião de Vasco Lourenço, ninguém em Portugal poderia ser absolvido ou condenado — sem ter direito ao julgamento e é aos juizes que compete condenar ou absolver. Todavia — acrescentou: — «Isso não inibe ninguém de ter a sua opinião pessoal — e a minha, sobre o que se passou quanto a Spínola, é que ele merece a condenação. Do mesmo modo — reforçou — se me perguntassem o que penso quanto a Otelo, responderei o mesmo, exactamente».

O general Vasco Lourenço referiu-se depois ao encontro que teve, em Caracas, com o presidente da Venezuela, Carlos Andres Perez; «foi um encontro que ele próprio desejou — disse — e durante o qual tive ocasião de apresentar ao ministro uma panorâmica da situação político-militar actual no nosso país, apercebendo-me ao mesmo tempo do enorme interesse que o Portugal pós-25 de Abril tem para os membros do Governo e dirigentes venezuelanos».

MELHORES RELAÇÕES

Juntamente com o general Vasco Lourenço, regressaram também da Venezuela os restantes elementos da delegação portuguesa que se deslocou a Caracas no voo inaugural da TAP entre as duas capitais. Regressaram, entre outros, o presidente do PS, António Macedo, o secretário-geral do PPD, Francisco Sá Carneiro e o secretário de Estado da Emigração, João Lima.

Falando para a imprensa, os três últimos sublinharam as excelentes perspectivas que se abrem a intensificação e a melhoria das relações a todos os níveis entre Portugal e a Venezuela.

Segundo o enviado especial da ANOP, o optimismo dos dirigentes políticos portugueses tem razão de ser. É provável por exemplo, que já no próximo ano, a Venezuela venda petróleo a Portugal. Os primeiros contactos nesse sentido já começaram. Além disso, Portugal importará da Venezuela ferro, fuel e algodão. Mas, em contrapartida, a Venezuela fará importações de Portugal: técnica, bens de equipamento (construção e reparações navais, sector hidroeléctrico, camións-de-ferro, etc). «Há uma grande abertura e grandes possibilidades no mercado venezuelano» — disse à agência Alberto Regueira, director-geral do Comércio Externo de Portugal, depois dos primeiros contactos. Os próximos contactos incluem uma visita à Venezuela de uma missão de exportadores portugueses: vão em Outubro com o ministro dos Transportes, Rui Vilar.

Chaves do C.I.C.A.P. para Mário Soares

Em cerimónia realizada esta manhã, na residência oficial do Primeiro-Ministro, foram hoje entregues ao dr. Mário Soares as chaves do quartel onde funcionou o Centro de Instrução de Condução Auto do Porto. Aquelas instalações vão ser adaptadas para o serviço de departamentos dependentes do Ministério da Educação e Investigação Científica e da Secretaria de Estado da Saúde. Procedeu à entrega das chaves do C. I. C. A. P. o adjunto do comandante da Região Militar do Norte, coronel Rocha Pinto.

Governo exige afixação de preços nos serviços

A Direcção-Geral da Fiscalização Económica vai passar a fiscalizar, de modo sistemático, o cumprimento da afixação de preços nos serviços, por determinação da Secretaria de Estado do Comércio Interno.

Esta decisão tornou-se inevitável dado que a obrigação da afixação de preços nos serviços não está a ser cumprida por muitos prestadores de serviços, o que causa um visível mal-estar e danos materiais a largos sectores do público.

A Secretaria de Estado do Comércio Interno recorda que «a legislação em vigor determina que os preços praticados pelos prestadores de serviços constem de listas ou etiquetas ou letreiros expostos em locais bem visíveis onde os serviços são prestados ao público».

A citada legislação prescreve, inclusivamente, que nos serviços pagos, à hora, à percentagem, à tarefa, ou segundo qualquer outro critério, os preços devem ser sempre indicados com referência ao critério utilizado.

Por outro lado, todas as listas ou etiquetas ou letreiros têm que ser explícitos quanto às taxas de deslocação ou outras previamente estabelecidas, de modo a que os consumidores possam conhecer a quantia exacta do que têm a pagar.

Numa primeira fase, a fiscalização incidirá, sobretudo nas prestações de serviços que abaixo se indicam, por grupos, e que foram seleccionadas em função do seu grau de importância nas despesas familiares e de manutenção de equipamento.

Pensa-se a breve prazo estender esta fiscalização a todas as outras prestações de serviços.

GRUPO 1 — a) Aluguer de equipamento agrícola; b) Reparação de material agrícola;

c) Aluguer de automóveis e camionetas; d) Reparação de material e acessórios domésticos; e) Reparação de calçado; f) Trabalhos de instalações eléctricas; g) Camionagem de carga; h) Estudos e laboratórios de fotografia; i) Serviços de copiador e fotocópia.

Regra — Quanto a este grupo dever-se-á exhibir: o preço das respectivas prestações de serviços e/ou o critério segundo o qual é formado o respectivo preço.

Grupo II — A) Reparações de Automóveis e Motociclos:

Regra — Dever-se-á exhibir: — o preço das prestações de serviços mais correntes, designadamente: mudança de óleo, lubrificação, parafinação, alinhamento de rodas, focagem de faróis, mudança de velas, afinação de travões, afinação de embriagem, arranjo de furos e/ou o critério segundo o qual é formado o respectivo preço.

B) Serviços Funerários

Regra — Dever-se-á exhibir: o preço das prestações de serviços mais correntes, designadamente e dos vários tipos de funerais, especificando o que fica englobado em cada um desses tipos, e/ou o critério segundo o qual é formado o respectivo preço.

C) Serviços Médicos e Dentários:

Regra — Dever-se-á exhibir: o preço das prestações de serviços mais correntes, designadamente: consulta no consultório e em casa do doente, extracção de dentes, obturação de dentes, limpeza de dentes, próteses dentárias, análises clínicas, operações de pequena e grande cirurgia, anestésias, radiografias e/ou o critério segundo o qual é formado o respectivo preço.

D) Serviços de Enfermagem e Parteiros:

Regra — Dever-se-á exhibir:

o preço das prestações de serviços mais correntes, designadamente: injeções, assistência no parto, assistência ao domicílio e/ou o critério segundo o qual é formado o respectivo preço.

E) Serviços Hospitalares e Casas de Saúde particulares: Regra. Dever-se-á exhibir: — o preço das prestações de serviços mais correntes designadamente: diárias de internamentos e/ou o critério segundo o qual é formado o respectivo preço.

E do conhecimento público que os serviços da Direcção-Geral de Fiscalização Económica estão implantados em todas as capitais de distrito, em ordem a defender os legítimos interesses dos consumidores de todo o País, procurando, no seu desempenho, prevenir e reprimir as infracções antieconómicas.

Por isso se apela ao público para que, sempre que tenha conhecimento de eventuais ocorrências de especulações ou de não cumprimento de afixação de preços nos serviços colabore com os serviços da Direcção-Geral de Fiscalização Económica, informando-a das irregularidades detectadas.

Já em Outubro

Distribuição conjunta de jornais da manhã

O semanário «Expresso» anuncia a entrada em funcionamento no próximo mês de Outubro de uma «distribuidora estatística da Imprensa» por um período experimental de três meses.

Esta fase experimental refere-se à distribuição conjunta de alguns jornais e não à entrada em funcionamento da «Distribuidora Portuguesa de Imprensa», empresa pública, bastante complexa e cujo projecto terá de ser ainda estudado e apreciado pelos departamentos oficiais competentes.

Esta tarde e tanto quanto sabemos, com o objectivo de trocar impressões sobre o assunto, deverá realizar-se uma reunião de directores de jornais com o subsecretário de Estado da Comunicação Social, Soares Louro.

Apesar de iniciar o seu trabalho com os jornais estatizados, a Distribuidora venderá serviços para todas as publicações ou editoriais interessadas.

África Austral

Continua na pág. 1

tinham munido de armas de fogo para defenderem os seus edifícios e lojas de manifestantes que se intitulavam do «Poder Negro».

Foi total a surpresa dos transeuntes brancos que se dirigiam para os seus escritórios, ao verem desfilar subitamente, de punho erguido, centenas de jovens gritando as palavras de ordem do «Black Power».

Não houve mortos — e sim algumas dezenas de feridos, segundo o general Kriel, dirigente das forças policiais.

TRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS ANTERIOR: 46.756 EXS.

«ROSTO HUMANO»

A direita e o mundo capitalista encontram cada vez maior dificuldade na luta contra o socialismo. Desde há alguns anos, em certos países, a CIA utiliza uma técnica que consiste não em negar o socialismo, mas em acrescentar-lhe mais uma qualificativo para lhe desviar o sentido. Assim foram surgindo dezenas de socialismos. O objectivo é pegar no socialismo e esvaziá-lo de conteúdo.

Um dos socialismos muito apregoado pelo centro da Europa, e não só, é o «socialismo de rosto humano». O grande especialista deste tipo de socialismo é André Michelson, um jornalista que trabalhava em Munique. Despedido pela sua conduta imoral, agora principescamente instalado na Suíça sob o pseudónimo de Andrei Gorgov, escreve para a «Radio Liberdade», a célebre emissora da CIA ainda há pouco tempo referida na Imprensa portuguesa pelas suas actividades em Portugal.

Pascoal Alves expulso do P.A.I.G.C.

BISSAU, 24 — (ANOP) — Acusados de terem assumido «atitudes e comportamentos incorrectos», dois dirigentes do P. A. I. G. C. acabam de ser expulsos do Partido.

A decisão, que atinge os militantes do P. A. I. G. C. Pascoal Alves e Caetano Barbosa, foi tomada pelo Conselho Superior de Luta do Partido.

MORTOS DEZOITO NACIONALISTAS RODESIANOS

Dezoito nacionalistas africanos foram mortos nas últimas 48 horas na «zona operacional» pelas forças rodesianas de segurança — anuncia um comunista militar divulgado em Salisbury.

O comunicado acrescenta que os nacionalistas tentaram sem êxito sabotar duas pontes.

As baixas nacionalistas elevam-se desde o princípio do ano a 969 mortos — e em 1609 desde o começo da guerra há mais de três anos. Por seu lado, as forças de segurança rodesianas perderam 163 homens desde o início da guerra.

Pedro Coelho na Torralta

“É necessário começar a produzir riqueza”

«Chegamos ao momento da verdade e é preciso dizê-lo claramente: não é de maneira nenhuma possível, a alguém que lutou contra o fascismo, criticar com demasiada severidade estes dois anos que passámos aos quais o povo português reagiu, quanto a mim, de uma forma maioritariamente positiva, lutando pelos seus direitos».

Eanes com Soares: reunião e almoço

O Presidente da República recebeu hoje, para uma reunião qualificada como «de rotina», o Primeiro-Ministro Mário Soares.

O encontro começou às 12 horas, prolongando-se até cerca das 13, após o que Mário Soares almoçou com o Presidente da República.

Entretanto e na presença do Primeiro-Ministro, o ministro das Finanças dará posse esta tarde à comissão destinada a proceder ao estudo do esquema de imposto único. A cerimónia terá lugar no edifício do Ministério das Finanças.

Mas chegamos, de facto, a um momento em que é necessário estabilizar o aparelho produtivo e começar a produzir riqueza, que, neste momento, grande parte dela já pode ser realizada em termos de apropriação colectiva» — realçou Pedro Coelho, secretário de Estado das Pescas, ao visitar, ontem, a convite da comissão de trabalhadores do complexo da Torralta em Tróia, aquele importante empreendimento turístico.

Inteirando-se das obras já efectuadas ou ainda em curso e do avanço das mesmas, nos últimos meses, Pedro Coelho ouviu de Luis Amaral que os trabalhadores daquele complexo pensam que a Torralta «pode e deve ser uma das fontes de captação de divisas para permitir pagar a importação de bens alimentares», ao que o secretário de Estado das Pescas, respondeu, que é necessário «trabalhar no duro» e «criar frentes de trabalho, chamando particularmente a atenção e em relação à Torralta, que os seus trabalhadores não se podiam esquecer daqueles (emigrantes) que «acreditam em nós, e, investindo no País, nos ajudaram a viver melhor».